

O Brasil em contexto europeu e húngaro

*Brazília európai és magyar
kontextusban*



O Brasil em contexto europeu e húngaro

Brazília európai és magyar kontextusban

Estudos enviados para o simpósio de 20 a 21 de outubro de 2014

Az 2014. október 20-21-i szimpóziumra beküldött előadások

Centro de Estudos Brasileiros da ELTE
Az ELTE BTK Brazil Tanulmányok Központja

Organização de/Szerkesztette:
Pál Ferenc

Responsável pela edição: Decano da FL da ELTE
A kiadásért felel: az ELTE BTK Dékánja

Budapest/Budapeste, 2015

ISBN: 978-963-284-688-0

Índice/Mutató

<u>Ferenc PÁL: Palavras preliminares/Bevezető Szavak</u>	5
<u>Roberto VECCHI: Do que falamos quando falamos do Brasil? (Miről beszélünk, amikor Brazíliáról van szó?)</u>	7
<u>Petar PETROV: A fortuna da Literatura Brasileira na Bulgária (A brazil irodalom Bulgáriában)</u>	15
<u>Ferenc PÁL: O processo do conhecimento do Brasil na Hungria (Brazília megismerésének útja Magyarországon)</u>	27
<u>András GULYÁS: A guerra de Canudos revisitada. O Brasil nos romances de Sándor Márai, Mario Vargas Llosa... e Guram Dochanashvili (A canudos-i háború még egyszer. Brazília Márai Sándor, Vargas Llosa... és Guram Dochanashvili regényeiben)</u>	36
<u>Regina ZILBERMAN: Paulo Rónai e a revista <i>Província de São Pedro</i> (Rónai Pál és a <i>Província de São Pedro</i> c. folyóirat)</u>	51
<u>Zsuzsanna SPIRY: Uma ponte cultural. Paulo Rónai, um filho da Hungria a serviço da cultura brasileira (Kulturális híd. Rónai Pál, Magyarország szülötte a brazil kultúra szolgálatában)</u>	65
<u>Arnaldo SARAIVA: A poesia exaltada e exaltante de Alexei Bueno (Alexei Bueno lelkesült és lelkesítő költészete)</u>	83
<u>Bálint URBÁN: Hungareses na literatura brasileira – o caso do romance de Suzana Montoro (Magyarok a brazil irodalomban – Suzana Montoro regényéről)</u>	96
<u>Eszter FÜRTH: Adaptações televisivas do romance <i>Dona Flor e seus dois maridos</i> (A <i>Flór asszony és két férje</i> televíziós adaptációiról)</u>	108
<u>Andréia Shirley Taciana de OLIVEIRA: A importância das traduções de obras literárias brasileiras para o idioma húngaro/magyar (A brazil irodalmi művek magyarra fordításának jelentősége)</u>	124

<u>HAMZA Gábor: Kapcsolatok a brazil magánjog és a magyar magánjog között – történetiség és aktualitás (Contatos entre a direito civil brasileiro e direito civil húngaro – historicidade e atualidade)</u>	134
<u>ALBERT Sándor: Az egzotikus reáliák fordítási lehetőségei Mário de Andrade <i>Makunaíma</i> című regényében (A possibilidade da tradução das realias exóticas no romance Macunaíma de Mário de Andrade)</u>	151
<u>ARTNER Annamária: Belföldi piac vagy exportorientáció? Brazília példája (Mercado Interno ou tendência para exportação? O Exemplo do Brasil)</u>	163
<u>SZILÁGYI Ágnes Judit: Brazília az újabb történeti irodalomban Magyarországon (O Brasil nos estudos históricos húngaros da atualidade)</u>	188

Palavras preliminares

Os estudos que o leitor encontra neste livro – que por razões técnicas sai primeiro em forma eletrônica – foram pronunciados no simpósio que o projetado Centro dos Estudos Brasileiros da Universidade ELTE organizou em 20 a 21 de outubro de 2014, com o intuito de estimular e dar um foro aos estudos e pesquisas sobre o Brasil. No mencionado simpósio além de estudiosos de vários países de Europa e do Brasil, participaram também pesquisadores húngaros que estudam vários aspectos deste país da América do Sul. Há entre eles que por caráter de seus estudos preferem ou tem de fazê-los em húngaro. Respeitando esta peculiaridade, e não querendo perder a valiosa contribuição de eles, este livro sai em duas línguas, além da portuguesa, também em húngara. Dado que nossas condições financeiras não permitiam traduzir os estudos em húngaro para português (e eventualmente os estudos portugueses para húngaro) traduzimos apenas o título de cada um para a outra língua. Dado que esta edição dedica-se a um público interessado pelo Brasil, que supomos bilíngue, esperamos que para este público não será difícil ultrapassar as barreiras linguísticas.

Budapeste, 21 de setembro de 2015

Elöljáró szavak

A jelen kiadványban található tanulmányok – amelyek technikai okok miatt először elektronikus formában látnak napvilágot – azon a szimpóziumon hangzottak el, amelyeket az ELTE formálódó Brazil Tanulmányok Központja rendezett 2014. október 20–21-én, azzal a céllal, hogy ösztönözze és összefogja a Brazíliával kapcsolatos kutatásokat. Ezen a szimpóziumon az Európa különböző országaiból és Brazíliából érkezett kutatók mellett olyan magyar kutatók is részt vettek, akik ennek a dél-amerikai országnak különböző aspektusait tanulmányozzák. Ez utóbbiak között vannak, akik kutatásaik jellege következtében inkább és elsősorban magyarul írnak. Ezt tiszteletben tartva, könyvünk két nyelven is tartalmaz tanulmányokat: a portugál mellett magyar nyelvűeket is. Mivel pénzügyi lehetőségeink nem tették lehetővé a magyar tanulmányok portugálra fordítását (és viszont), ezért csak a tanulmányok címét fordítottuk le a másik nyelvre. Mivel ezt a könyvet elsősorban olyan Brazília iránt érdeklődő közönségnek szánjuk, amelyről feltételezzük, hogy mind a két nyelven olvas, reméljük, hogy nem okoz legyőzhetetlen problémát a két nyelv jelenléte.

Budapest, 2015. szeptember 21.

Do que falamos quando falamos do Brasil?

Roberto Vecchi
Universidade de Bolonha

Resumo: Reflexão sobre a complexidade de construção de um discurso –de qualquer discurso– que tenha como objeto o Brasil, além das banalizações e estereótipos recorrentes. O percurso crítico esboçado, que pode ser útil em particular para quem leciona cultura brasileira no exterior, configura algumas possibilidades alternativas dentro de um cânone heterodoxo da literatura brasileira, transitando em particular pelos nós teóricos implicados por um perspectiva que se inscreve na ética do discurso.

A pergunta não é retórica mas expõe um problema controverso. Alinha-se um pouco a um famoso livro de Roberto DaMatta que todos conhecemos e usamos para lecionar que é *O que faz do Brasil o Brasil?* (1984) que mostra como os estereótipos externos mas também internos condicionam e plasmam o nome Brasil (com b flutuante entre maiúsculo e minúsculo). E o objeto –temos que considerar– é altamente escorregadio: lembramos sempre o verso paradoxal conclusivo de “Hino nacional”, em *Brejos das almas* de 1934, de Carlos Drummond de Andrade -quase um outro lugar comum da poesia modernista: “Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?”¹. Que

¹ DRUMMOND 1983: 109.

o Brasil seja uma significante instável, oscilante, suspenso numa flutuação inexaurível é uma figura ao limiar do óbvio. É suficiente resgatar a genealogia deste significante –e há intérpretes magistras quanto a esse nome material mas que acumula uma força simbólica extraordinária– para percebermos como o significante Brasil –em um movimento coerente com uma teoria do nome próprio– realmente flutue desde seus começos problemáticos entre o conhecido e o desconhecido, entre o desejo e o medo (paraíso e inferno) entre o próprio e o impróprio. A mediação que foi arranjada para conciliar estes polos extremos não foi uma terceira via, mas uma figura de síntese que conciliasse os extremos, numa direção portanto –se diria– anti-trágica: como foi funcionalmente o mito da ilha resgatado do arsenal lendário medieval (por exemplo, o mito da viagem de S. Brandão). E foi pela modernização da história cultural que o problema do nome Brasil foi inscrito não num lugar fixo e permanente, mas sujeito a um movimento inexaurível, a uma precariedade e uma instabilidade que, porém, viram pelo avesso o tabu em totem, tornando a falta ou a ausência pelo contrário uma força.

A nossa pergunta inicial problematiza sobretudo isso: o que lecionamos, penamos, representamos quando falamos do Brasil? O tema ganhou uma enorme evidência em 2013, quando o discurso de Luiz Ruffato, na abertura da Feira de Frankfurt, onde o Brasil era o país convidado, com as polêmicas que gerou², na verdade se concentrava sobre a mesma questão: de qual Brasil falamos quando falamos do Brasil? Qual Brasil re-apresentar ou representar, falando da cultura brasileira, para retomar a distinção filosófica clássica entre *Darstellung* e *Vorstellung*, entre apresentação e representação? Qual Brasil está em jogo dentro de um xadrez de múltiplas possibilidades

² RUFFATO 2013.

todas ideologicamente permeáveis? O que derivamos de um conhecimento direto ou mediado por um contexto tão complexo e não banalizável, que remete para a nossa capacidade limitada de fazer e pensar a experiência?

Para quem fala do Brasil perante uma audiência que reduz seus únicos conhecimentos às estereotipizações que o Brasil projeta fora de si (a famosa fórmula inglesa do Brasil dos 4 s: *sun, sex, samba, soccer*) a consciência das dimensões éticas do problema da representação do objeto de que se fala é essencial para proporcionar elementos críticos que amadureçam outras possibilidades de imagem do País. É ele o garante –a testemunha– da articulação de uma imaginação que seja coerente com o propósito antifalsificador.

Esta responsabilidade de mediação encontra na literatura brasileira um arquivo extraordinariamente rico para moldar um conhecimento não rebaixado ou banalizado do Brasil. Que se dirige, sobretudo no exterior, atrás da demanda de cultura brasileira se inscreve também, pelas melhores intenções, uma demanda de maior conhecimento do contexto, do que é o Brasil e a literatura acaba se tornando um meio extraordinário para chegar a este fim.

Esta relação tensa entre contexto e arquivo da literatura brasileira, mais do que um limite da abordagem é, justamente no caso da literatura brasileira, uma potencialidade que favorece aproximações alternativas. Porque a literatura não foi só o repositório das relíquias nacionais no momento da fundação do País, quando foi pelo meio literário que se criaram as mitologias de fundação –se pense na fetichização do índio, por exemplo, no contexto romântico– das grandes narrativas nacionais, a prefiguração das alianças inter-raciais de qualquer modo sempre conotadas com hegemonias óbvias e os primeiros sinais do elogio acríptico da mestiçagem.

A literatura brasileira, ou parte clássica dela, tem desenvolvido no entanto o papel de consciência crítica da modernização do País, da violência dos processos assimilatórios e de dominação, da construção hegemônica e autoritária de narrativas nacionalistas que se espelhavam em modernidades externas e alheias. Nas paragens do poder das elites que se conservaram das antigas capitânicas hereditárias, inclusive dentro de uma independência paradoxalmente imperial, mas ao mesmo tempo consciência crítica e inconformada contra as consagrações das retóricas do poder, das miopias e restrições inclusive interpretativas sobre a nação: a não coincidência entre a pátria declamada e a nação real, esta última marcada por graves abusos, lesões, subtrações da cidadania.

Entre os muitos começos possíveis de uma perspectiva que não pode deixar de ser genealógica e não teleológica (sendo a genealogia, como sugere Foucault, a articulação do corpo e da história e deve mostrar o corpo todo marcado pela história: a história que devasta o corpo³) na perspectiva de escolher o Brasil não hegemônico em suas imagens às vezes menos palatáveis, mas ao mesmo tempo um Brasil que, como fez Ruffato no seu discurso provocador, não se pode recalcar, eu elegeria uma voz que marca uma das grandes e canônicas leituras da literatura brasileira.

Poucas literaturas contam com um ensaio como “O direito à literatura” de Antonio Candido de 1988 que pode ser o primeiro momento de uma iniciação aliás não só literária, às relações entre cultura e justiça frequentemente obscurecidas por uma acumulação de discursos vácuos e historicamente inefetivos. Reivindicar, como ocorre neste texto, que a cultura é um bem imaterial associado à demanda legítima de outros bens essenciais que garantam as condições materiais

³ Cfr. FOUCAULT 1977: 37.

de existência não de poucos mas de todos, significa reformular a própria narrativa de nação a partir de modelos inclusivos, que colocam no seu centro a ideia não abstrata mas positiva de justiça, porque, como observa Candido no ensaio de 1988, “o Brasil se distingue pela alta taxa de iniquidade, pois como é sabido temos de um lado os mais altos níveis de instrução e de cultura erudita, e de outro a massa numericamente predominante de espoliados, sem acesso aos bens desta, e aliás aos próprios bens materiais necessários à sobrevivência”⁴.

A partir deste limiar, da literatura como direito, torna-se fácil articular uma linha que permita repensar nos muitos silêncios do cânone (no sentido dos silêncios internos das obras canônicas e, também, das exclusões que foram operadas) valorizando as tentativas de vocalizações destes silêncios que ao mesmo tempo, numa dorsal relevante da literatura brasileira, ocorreram.

Poder-se-ia iniciar de uma imagem dotada de uma enorme força significativa, não mimética, como aquela realizada pelo fotógrafo Flávio de Barros (“400 jagunços prisioneiros”) escolhida por Euclides da Cunha e renomeada “As prisioneiras” na primeira edição de *Os sertões*. Recentemente, republicada pelo Instituto Moreira Salles, depois do restauro na década de 80, a fotografia mostra uma massa pobre de mulheres, velhos e crianças, inermes e aterrorizados, flagrada como resto que sobreviveu à destruição da cidade⁵.

Na tentativa de responder à questão “do que falamos”, mais do que ao saber sistemático, é oportuno recorrer à prática fragmentária e livre de citações, não tanto dentro de uma dinâmica de jogo sugestiva e desconstrutivista, mas porque as citações também exigem a mesma ética do Brasil pela qual, justapondo-as uma ao lado da outra, vai se constituindo

⁴ CANDIDO 1995: 262.

⁵ IMS 2002: 82–83.

uma montagem significativa e não casual. Entre as citações possíveis, se podem pôr por exemplo outras imagens deste Brasil outro (por exemplo aquela de Lima Barreto que a edição de *Toda Crônica* organizada por Beatriz Resende e Rachel Valença desenterrou e mostra o retrato impressionante e ao mesmo tempo comum de um marginal marcado pela dura história dos subúrbios cariocas⁶.

Assim, poderia surgir pela colagem de cacos de Brasis extintos e desfocados uma errância dispersa - como no fundo é sempre a genealogia - entre grandes fragmentos literários: de alguns detalhes aparentemente periféricos mas cruciais de Machado de Assis, às passagens mais diretas dos citados Euclides e Lima Barreto, recortes de *Vidas secas* ou das *Memórias do cárcere* de Graciliano ou de *Grande sertão* de Guimarães Rosa ou da *Menina morta* de Cornélio Penna ou dos Severinos de João Cabral, para chegar a *Quarup* de Antônio Callado ou ao mais recente *K.* de Bernardo Kucinski, como sinais ou rastros de uma outra estação autoritária.

Há riscos de percurso numa proposta imediata como esta que tenta suprir lacunas e estabilizar a imagem movediça de um corpo que flutua sem réquie? Certamente existem, sobretudo porque poderia subentender a presença subterrânea de uma outra retórica, não edênica mas pelo contrário infernal e disfórica, que desde a fundação do Brasil atua também paralelamente à outra retórica contrária nas representações da colônia antes e da nação depois. Há também riscos de encobrir a nação dentro de uma outra, diferente mas não menos perniciosa retórica populista que confunde o povo com o popular e se perde no labirinto de representações da sociedade de consumo.

No entanto e apesar dos riscos, a abordagem que chame a atenção sobre os muitos Brasis que estão inscritos naquele Brasil composto,

⁶ Cfr. BARRETO 2004: 41.

permite dar conta da existência de uma complexidade problemática que convida a estudar o Brasil e a literatura brasileira – e os mundos que por uma mediação inclusive muito ampla são implicados por ela– como uma matriz extraordinária de diferenças incomponíveis, de histórias mutiladas e silenciosas, de mundos que reemergem e podem encontrar nas manifestações culturais o rosto e voz que nunca lhes pertenceu.

Por isto, mesmo sem resposta, a nossa pergunta fica condicionada pela provocação que muitos Brasis existem e que a literatura brasileira permanece o grande arquivo onde, hegemônicas ou subalternas, suas narrativas se materializam e falam, inclusive à revelia de seus autores. Quem responde à pergunta “do que falamos quando falamos do Brasil?” assume a responsabilidade de quebrar um silêncio, de preencher um vazio e, ao compô-lo e interrogá-lo, sabe muito bem que a sua será mais uma imagem das muitas possíveis, mas que no entanto tenta decifrar algo que resiste e não se deixa apagar. E talvez seja a esta resistência, a esta força débil, em si muda e em absoluto indecifrável e não ensinável, que podemos dar o nome, fora de qualquer possível historiografia constituída, de Brasil. O Brasil que resiste mas que enfim, pelo meno um pouco, muito pouco, se deixa falar.

Bibliografia

ANDRADE, Carlos Drummond (1983). *Poesia e prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.

BARRETO, Lima (2004). *Toda Crônica*. Organização RESENDE, Beatriz / VALENÇA, Rachel Valença, Rio de Janeiro, Agir.

CANDIDO, Antonio (1988). O direito à literatura, *Vários escritos*. Terceira edição, São Paulo, Duas Cidades. 235–263.

DAMATTA, Roberto (1984). *O que faz do brasil o Brasil*, Rio de Janeiro: Rocco.

FOUCAULT, Michel (1977). Nietzsche, la genealogia, la storia, *Microfisica del potere*, Tradução italiana de PROCACCI Giovanna / PAQUINO Pasquale, Torino, Einaudi. 29–54.

IMS (2002). *Cadernos de Fotografia Brasileira*, volume 1.

RUFFATO, Luís (2013). <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463>.

A fortuna da Literatura Brasileira na Bulgária

Petar Petrov

Universidade do ALGARVE / CLEPUL

Resumo: O tema deste estudo é a fortuna da Literatura Brasileira na Bulgária, com destaque para a recepção do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, para a publicação de quinze narrativas romançadas da autoria de Jorge Amado, de onze títulos da ficção de Paulo Coelho, bem como de alguns livros de contos e de poesia. No seu conjunto, as edições em causa, apresentam ao leitor búlgaro textos dos mais importantes autores brasileiros dos séculos XIX e XX.

1. Como ponto de partida para as minhas considerações sobre a fortuna da Literatura Brasileira na Bulgária escolhi um artigo, intitulado “Graciliano Ramos e a Bulgária”, da autoria de Rumen Stoyanov (s.d.), poeta, professor, tradutor, investigador e adido cultural, entre 1992 e 1995 e entre 2001 e 2004, na Embaixada búlgara em Brasília. Merece referência o seu percurso académico e profissional, uma vez que se trata do mais activo divulgador da literatura e cultura brasileiras na Bulgária. Nascido em 1941, Licenciado em Língua Espanhola e Literatura Cubana e Hispanoamericana pela Universidade de Havana, lecciona, desde 1969, na Universidade de Sófia “Sveti Kliment Ohridski”, tendo sido o primeiro responsável pelo Curso de Filologia Portuguesa, cujo funcionamento se iniciou, em 1992, com um número clausus anual de 20 estudantes.

Durante os últimos 23 anos, Rumen Stoyanov é professor de Literatura Brasileira na Universidade da capital búlgara, sendo também docente de cadeiras como Relações Culturais Búlgaro-Brasileiras, Literatura Búlgara na Ibéria e na América Latina, Civilização Hispânica e Tradução de Português para o Búlgaro. Pelo seu intenso trabalho de mediador, dedicado à aproximação entre o Brasil e a Bulgária por meio da literatura, foi agraciado com o título *Doutor Honoris Causa* pela Universidade de Brasília, em 2012. Das suas 17 publicações, destaco, em primeiro lugar, as traduções para búlgaro do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e de autores como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Murilo Mendes e Vinícius de Moraes. O seu livro *Poemas do Brasil*, escrito em português, foi editado pela Civilização Brasileira, em 1981, e na qualidade de investigador editou o volume intitulado *Drummond e a Bulgária*, com a chancela da Universidade de Brasília, em 2007, em cuja sinopse se pode ler que se trata da reprodução das cartas trocadas entre Rumen Stoyanov e o poeta mineiro, bem como de “outros textos que documentam a presença do Drummond na Bulgária (...). O livro mostra que entre Drummond e a Bulgária deu-se uma inesperada abundância de vínculos, o que permite constatar que, no egrégio sentimento drummondiano no mundo, a Bulgária tem um lugar especial”.

Acrescento, a este propósito, que o “lugar especial” referido tem a sua origem na composição de Drummond com o título “Anedota búlgara”, publicada na *Revista da Antropofagia*, em 1928, e incluída na colectânea *Alguma Poesia* (1930), livro de estreia do autor. Trata-se de um poema-piada, de brevidade epigramática, bem à moda modernista, no qual sobressaem o sarcasmo, o humor e a ironia,

como se pode constatar pelos seus seis versos: “Era uma vez um czar naturalista / que caçava homens. / Quando lhe disseram que também se caçam borboletas / e andorinhas, / ficou muito espantado / e achou uma barbaridade.”

Regressando ao artigo de Rumen Stoyanov, este centra-se em detalhes relacionados com a publicação da tradução para búlgaro do romance *Vidas Secas*, que podem ser sintetizados assim:

– o livro foi publicado em Sófia, em 1969, pela Editora Narodna Cultura (Cultura Popular), dedicada à divulgação de textos estrangeiros e com grande prestígio junto dos leitores, entre 1944 e 2004, período da sua existência;

– quanto à fortuna da publicação, o romance teve uma tiragem de 10 100 exemplares, esgotada rapidamente, facto importante, tendo em conta que a população búlgara, na altura, rondava os 8 000 000 habitantes;

– na qualidade de tradutor, Rumen Stoyanov escreveu, a pedido da editora, um breve posfácio, intitulado “Sobre o autor e o livro”, que, segundo o próprio, “Hoje, impressiona com sua ingenuidade e testemunha uma não escassez senão uma comovedora falta de informação do que são o Nordeste e o sertão” (2);

– dos cinco parágrafos que compõem o posfácio, somente o primeiro resume a mensagem do romance, apresentando os restantes a vida e a obra de Graciliano Ramos, com expressa menção da militância ideológica do escritor brasileiro:

Firmemente convencido da necessidade de se construir uma nova sociedade, Ramos ingressa no Partido Comunista Brasileiro, a polícia o persegue e em 1935 bota-o na prisão. Editados postumamente, os dois tomos de Memórias do cárcere evocam aqueles meses difíceis (3);

– refere também Rumen Stoyanov que a publicação do livro “não suscitou nenhum comentário na imprensa” (4). Os motivos para tal silêncio são enumerados do seguinte modo: “em 1969 na Bulgária faltavam pessoas capazes de escrever sobre literatura brasileira, podiam-se contar nos dedos das mãos os indivíduos que dominavam o português” (*id.*)

Viviam-se os anos da Guerra Fria, da Cortina de Ferro, do Muro de Berlim e, como se tudo isso fosse pouco, no Brasil o poder estava em mãos de militares anticomunistas e, na Bulgária, os próprios comunistas [que] igualmente não gostavam dos generais de direita. (*id. ibid.*)

Razão tem Rumen Stoyanov: apesar da existência de relações diplomáticas entre a Bulgária e o Brasil desde 1961, em finais dos anos 60, a língua portuguesa não constava de nenhum curriculum escolar ou académico. O seu estudo iniciou somente em inícios dos anos 90, em Sófia, tanto na Universidade como na Escola Secundária nº 13, “Santos Cirilo e Método”. Mencione-se que, na presente etapa, o estudo da língua de Camões se verifica também no Liceu Cervantes, na capital búlgara, na Licenciatura em Línguas Estrangeiras Aplicadas, na Universidade de Veliko Tarnovo, e num curso superior na Universidade de Plovdiv.

2. A apresentação dos detalhes sobre a edição do romance de Graciliano Ramos serve também de pretexto para Rumen Stoyanov traçar um breve historial da fortuna da prosa brasileira na Bulgária, cujos dados me cabem destacar, completando-os com outras considerações, referindo o meu modesto contributo relacionado com o tema da presente comunicação.

Assim, segundo Rumen Stoyanov, o primeiro livro de autores brasileiros publicado na Bulgária surgiu em 1938. Com o título

Dona Paula, era uma antologia de contos de Artur Azevedo e Machado de Assis, traduzido, provavelmente, do francês. Somente onze anos depois, em 1949, o leitor búlgaro teria a oportunidade de conhecer um romance da autoria de Jorge Amado, intitulado *Kakau i Krav* (*Cacau e Sangue*), também traduzido da versão francesa, cujo título original era *Terras do Sem Fim*. O hiato de onze anos é passível de ser explicado por dois acontecimentos históricos: as alianças do Brasil e da Bulgária durante a Segunda Grande Guerra, países pertencentes a pactos antagónicos no xadrez dos confrontos bélicos, e a consequente tomada do poder na Bulgária pelo Partido Comunista, em 1944, acontecimento que acarretou profundas mudanças a nível político, económico e cultural.

Em função deste contexto, presumo que o interesse do regime da Bulgária, após o fim do conflito mundial, era a publicação de obras estrangeiras que estivessem filiadas num modelo estético próximo ao do chamado “realismo socialista”, ou seja, que fossem ideologicamente informadas pela filosofia marxista. É este facto que deve ter estado na base da escolha da narrativa do escritor baiano, até porque, e como é sabido, nos anos 40, Jorge Amado era membro do Partido Comunista Brasileiro, circunstância que justifica plenamente a edição do livro em búlgaro.

Com o passar dos anos, os romances de Jorge Amado passarão a ser a principal fonte de conhecimento da realidade brasileira para o público leitor. Dos seus quinze romances publicados na Bulgária, seis pertencem à primeira fase da obra do autor, nomeadamente *Terras do Sem Fim*, *Seara Vermelha*, *São Jorge de Ilhéus*, *Mar Morto*, *Jubiabá* e *Subterrâneos da Liberdade*, com edições e reedições entre 1949 e 1975. Note-se que a escolha dos romances em causa não é inócua: trata-se de narrativas com forte cariz de crítica social, que serviam os interesses

ideológicos do poder popular na Bulgária, uma vez que denunciam os malefícios do regime capitalista no Brasil, a injustiça, a exploração e a posterior tomada de consciência por parte das classes oprimidas, fortalecendo-se, implicitamente, a ideia relacionada com as virtudes dos sistemas socialistas. Este facto é assinalado em alguns prefácios dos livros traduzidos, como acontece também no assinado pelo próprio Jorge Amado à edição búlgara de *São Jorge de Ilhéus*, em 1950, da seguinte forma:

Na verdade, este romance, como o anterior, *Terras do Sem Fim*, tem a mesma história – a história das terras do cacau na Bahia do Sul. Nos dois livros tentei retratar objectivamente, mas com paixão, o drama da economia do cacau, a usurpação da terra por parte dos coronéis feudais no início do século e a posterior passagem das terras para as mãos avarentas dos exportadores. E se o drama da conquista feudal é épica, e a conquista imperialista triste, a culpa não é do romancista. Joaquim diz que a próxima etapa estará cheia de heroísmo, beleza e poesia – e eu acredito nele (Amado 1950, tradução minha⁷).

No que diz respeito à fortuna dos livros da primeira fase da obra de Jorge Amado, baseio-me na pesquisa de Rumen Stoyanov, feita na Biblioteca Nacional em Sófia, que fornece o número impressionante das tiragens dos romances *Mar Morto* e *Jubiabá*, ambos publicados em 1975, com 30 110 exemplares cada um.

Os restantes dez títulos traduzidos para búlgaro pertencem à segunda fase da obra de Jorge Amado, fase esta marcada por mudanças de tónica temática e de estratégias estruturais e estilísticas, e pelo esbatimento, em certa medida, da ostensiva problematização de aspectos políticos e económicos da conjuntura brasileira. Do ponto de vista axiológico, por exemplo, os motivos mais frequentes têm a ver

⁷ AMADO 1950 (tradução minha).

com o quotidiano de personagens das camadas sociais mais desfavorecidas, identificadas com um determinado mundo de gente excluída ou marginal. Trata-se de romances cujos enredos se centram na crítica de costumes, sendo exemplificativos *Os Pastores da Noite*, publicado em Sófia, 1969, com 40 120 exemplares, e *Os Velhos Marinheiros*, com duas edições, em 1972 e 1978, num total de 52 829 exemplares. Estilisticamente, a sátira social é transmitida pela activação de uma linguagem irónica e humorística, não faltando também a paródia, o paradoxo e uma certa carnavalização, numa atitude autoral de subversão de preconceitos sociais e de afastamento de estéticas literárias em voga nos anos 50 e 60 no Brasil. Verifica-se igualmente a valorização de personagens femininas, em intrigas com considerável dose de erotismo, como acontece nos romances *Gabriela, Cravo e Canela*, *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, *Tereza Batista Cansada de Guerra e Tieta do Agreste*, publicados entre 1961 e 2012. Quanto às tiragens, os dados disponíveis são os seguintes: *Gabriela, Cravo e Canela*, teve uma edição com 12 100 exemplares, *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, duas edições com um total de 30 125 exemplares. A título informativo, os restantes livros de Jorge Amado traduzidos para búlgaro são *Farda*, *Fardão*, *Camisola de Dormir*, *Tocaia Grande e Face Obscura e A Descoberta da América pelos Turcos*, publicados em 1987, 1992 e 2008, respectivamente.

Apesar do abandono da crítica explícita do sistema capitalista brasileiro, os romances da segunda fase do escritor baiano são prova de que o seu autor continuou empenhado em defender um projecto literário realista, imbuído de ideais humanistas. A propósito da excelente recepção de *Gabriela, Cravo e Canela* pelo leitor brasileiro, por exemplo, Jorge Amado prefaciou a publicação do romance na Bulgária, em 1961, explicitando as razões da sua fortuna assim:

Primeiro: este é um livro exclusivamente brasileiro. (...) o público brasileiro revelou que está já cansado e que não se interessa mais por aquela conhecida orientação da literatura que procura as suas fontes de inspiração na imitação de conhecidas formas decadentes, que subestima a vida brasileira, o povo e os seus problemas e não conhece o país. Estes livros íntimos e desligados da realidade, aristocráticos e psicologizantes, representam um meio de fuga da vida e do homem. O público leitor está cansado (...).

Segundo: este é um livro cheio de optimismo e de vida, ao qual subjaz a alegria de viver, (...). O público leitor está cansado também dos conhecidos livros da negatividade, escritos com falsas tristezas, livros sobre a solidão, (...) livros sem perspectivas, cheios de pessimismo. Toda esta literatura burguesa sombria, desligada do povo e da vida, repugna o leitor. Com a recepção entusiástica de Gabriela, Cravo e Canela, o público brasileiro quer mostrar a sua preferência por uma literatura que crê no homem e no seu futuro (Amado 1961, tradução minha).

Se do teor dos dois prefácios de Jorge Amado sobressai a ideia de que a literatura deve ser concebida como forma de arte com função social precisa, nas edições e reedições dos seus romances, após a queda do regime comunista na Bulgária, não há vestígios deste entendimento. Desprovidas de paratextos de carácter ideológico, as mais recentes publicações, da responsabilidade da editora Colibri em Sófia, destacam, em poucas linhas e geralmente nas contracapas, aspectos limitados a determinadas acções dos enredos, num registo na maior parte das vezes hiperbólico e abstracto. Tomem-se como exemplo, as seguintes referências:

– na sinopse da edição do romance *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, em 2007, pode ler-se: “Depois de uma breve luta entre a moralidade e o desejo, vem o desfecho – o morto e o vivo complementam-se no parceiro ideal do casamento. O erotismo e as receitas baianas misturam aromas na mais alegre obra de Jorge Amado (...).” (tradução minha)

– do mesmo modo, em 2008, o enredo de *Gabriela, Cravo e Canela* é sintetizado assim: “E neste romance de Jorge Amado paira o irresistível aroma da cozinha baiana. Tal como em *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, o prato principal é o do amor, temperado com história, mexericos, folclore mas com menos fantasia.” (tradução minha)

– por seu lado, a intriga da narrativa *Tereza Batista Cansada de Guerra*, publicada em 2012, é descrita do seguinte modo:

Realidade, folclore, mito e encantamento entrelaçam-se de modo mágico (...). Mediante a história da sua heroína, o escritor pinta um sonoro e deslumbrante quadro do nordeste brasileiro. Este destaca-se com o esbelto ritmo do samba e com o estalo do chicote e do punhal, está coberto com as cores do carnaval, da paixão e da morte. O que fica é um sabor de eternidade, de fora de tempo, de rio e de mar. (tradução minha)

Merece atenção também o aspecto gráfico das traduções: contrariamente aos esboços sóbrios a preto e branco nas capas dos livros até à década de 80, os mais recentes apresentam desenhos sofisticados, com cores vivas e exuberantes, explorando também e explicitamente dimensões exóticas e eróticas, ou seja, imagens expressamente concebidas para chamar a atenção do potencial consumidor do produto.

3. A fortuna da literatura brasileira na Bulgária não se esgota com a publicação dos quinze livros de Jorge Amado. No domínio

da prosa merece referência também a edição de mais dois romances, *Sol do Meio Dia*, de Alina Paim, em 1964, e *A Escrava Isaura*, em 1988, cujo êxito não se pode comparar com os da autoria do escritor baiano. No entanto, sucesso fenomenal parecem ter os livros de outro escritor brasileiro, apesar de não haver dados sobre o número de exemplares editados em búlgaro. Refiro-me às narrativas de Paulo Coelho, com onze títulos publicados em apenas onze anos (1997–2008), surgindo ele como o segundo autor mais lido a seguir a Jorge Amado. Escuso de comentar o caso apesar de se tratar de fenómeno a nível mundial: primeiro, porque considero que os textos não possuem o valor estético desejado e, segundo, porque não exploram temas directamente relacionados com a realidade brasileira.

Ainda no domínio da prosa, o género do conto também está bem representado na Bulgária, graças, entre outros, ao apoio do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. A representação diplomática brasileira em Sófia, por exemplo, criou uma colecção de livros, três dos quais antologias de narrativas breves, com os títulos *Sete Contos Brasileiros*, *Outros Contos Brasileiros*, publicados em 2003 e 2005, pela Five Plus, e *Contos Brasileiros*, em 2007, pela Editora Ogledalo. Trata-se de obras sem fins expressamente comerciais e de divulgação junto de alunos e estudantes que aprendem a língua portuguesa. A título informativo, nas colectâneas são incluídas narrativas breves dos mais consagrados contistas, como Machado de Assis, Lima Barreto, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Dalton Traviçan, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Autran Dourado, Lygia Fagundes Teles, Ignácio de Loyola Brandão e Moacyr Scliar, entre outros. Acrescente-se a publicação de mais um livro da colecção patrocinada pela Embaixada do Brasil em Sófia, com o título *Poesia Brasileira Contemporânea*, em 2006, pela Editora Five Plus.

Uma palavra é devida ao trabalho profissional de alguns dos tradutores das obras brasileiras para a língua búlgara. Refiro-me, em particular, às traduções directamente do português, que se destacam por um rigoroso domínio dos idiomas de partida e de chegada, da responsabilidade de Rumen Stoyanov, Todor Tzenkov, Emília Tzenkova, Aleksandar Keremidarov, Snejina Tomova e Vera Kirkova.

Por fim, o meu modesto contributo para a divulgação da literatura brasileira na Bulgária tem a ver com o meu percurso escolar e universitário, realizado predominantemente no Brasil e em Portugal, com a conclusão do ensino secundário no Rio de Janeiro, do Mestrado em Literaturas Brasileira e Africanas de Expressão Portuguesa e do Doutoramento em Literatura Comparada Portuguesa e Brasileira na Universidade de Lisboa. Assim, no biénio 1998/2000, na qualidade de Leitor do Instituto Camões na Universidade de Sófia, tive a oportunidade de reger disciplinas de literaturas lusófonas, estabelecendo pontes entre obras portuguesas, brasileiras e africanas. Da posterior investigação neste domínio, resultou a publicação de dois livros em português, em Sófia, pela Editora Five Plus, com os títulos *Aspectos de Literatura Brasileira. Estudos e Antologia*, em 2006, e *Comparatismo e Literaturas de Língua Portuguesa*, em 2007. Trata-se de pequenas colectâneas de ensaios sem fins comerciais, distribuídas gratuitamente nos meios académicos, que incidem sobre a produção poética dos escritores brasileiros Gregório de Matos, Gonçalves Dias, Castro Alves e Oswald de Andrade, bem como sobre a prosa de Machado de Assis, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Rubem Fonseca. Como se pode deduzir, a fortuna destes livros na Bulgária é quase nula, uma vez que os ensaios só podem ser lidos por um público que domine a língua portuguesa. Entretanto, três outros livros, em versão bilingue português-búlgaro, foram concebidos

para chegar a uma audiência mais vasta. O primeiro é a minha Tese de Doutorado, traduzida por Rumen Stoyanov e intitulada *O Realismo na Ficção de José Cardoso Pires e de Rubem Fonseca*, que saiu com a chancela da Editora Karina M, em Sófia, em 2003. Os outros dois, organizados e prefaciados por mim, em tradução de Antónia Peeva, são: *Lugares Imaginários. Antologia Poética de Gilberto Mendonça Teles* e *A Coleira do Cão*, colectânea de contos de Rubem Fonseca, ambos publicados pela Editora Five Plus, em 2005 e 2006, respectivamente. Desconheço a fortuna dos últimos dois livros mas tenho a certeza que fica muito aquém do sucesso de qualquer narrativa de Paulo Coelho. E assim é, uma vez que na Bulgária já não existem editoras estatais que, durante a vigência do regime comunista, procuravam publicar obras de reconhecido valor sem olhar a meios, ou seja, não se interessavam pelo aspecto comercial, contrariamente ao que acontece na presente etapa, na qual o lucro da venda dos livros se sobrepõe à qualidade do que se edita.

Por conseguinte, é previsível e lamentável que nos próximos anos a imagem do que representa a literatura brasileira passe predominantemente pela leitura das narrativas esotéricas de Paulo Coelho, cuja fortuna poderá tornar-se algo sem precedentes.

Bibliografia

AMADO, Jorge (1950). “Predgovor”, *Stranata na Zlatnite Plodove*, Sofia, Narodna Kultura, tradução de francês de Gueorgui Jetchev.

AMADO, Jorge (1961). “Predgovor kam balgarskoto izdanie”, *Gabriela, Kravo i Kanela*, Sofia, Narodna Kultura, tradução de português de Emilia Tzenkova e Todor Tzenkov.

ANDRADE, Carlos Drummond de (1930). *Alguma Poesia*, Belo Horizonte, Editora Pindorama,

STOYANOV, Rumen (s.d.). disponível em http://www.bulgariario.org.br/site/documentos/graciliano_ramos_e_a_bulgaria.pdf.

O processo do conhecimento do Brasil na Hungria

Ferenc Pál

Universidade ELTE, Budapeste

Resumo: O Brasil está presente na mente húngara a partir de segunda metade do século XVII quando o insigne escritor e político, Miklós Zrinyi no seu libelo, escrito contra a invasão turca propôs que os húngaros trasladassem aos territórios do Brasil atual. Mas o verdadeiro conhecimento deste país da América do Sul começou no século XIX, após início dos contatos diplomáticos entre o Brasil e a Austro-Hungria. No presente estudo ilustramos o primeiro século do conhecimento do Brasil na Hungria.

Se queremos estudar o conhecimento do Brasil, em seus diferentes aspectos – geral, político, geográfico, cultural ou literário – surgem necessariamente vários problemas metodológicos. Além do problema da língua, o da posição do Brasil dentro do mundo criado pelos Portugueses, é uma questão importante se a presença do Brasil se deve fazer por uma via quantitativa, quer dizer fazer um inventário objectivo de todas as coisas brasileiras presentes no meio de recepção, ou por uma outra, qualitativa, diria subjectiva, que tenta de descobrir se o Brasil teve ou não um impacto no meio receptivo, e se nalgum momento chegou a se enraizar na consciência comum, na mentalidade do meio receptivo. E a propósito podemos citar as palavras de Michael Riffaterre

sobre a intertextualidade que explicam que só aquelas obras são realmente conhecidas que tem um valor conotativo e tornam-se significativos dentro do meio de recepção¹.

Vejamus primeiro o problema do conhecimento da língua, como veículo das informações. É muito difícil encontrar dados directos e dignos de fé sobre o conhecimento da língua portuguesa antes de certa data. É conhecido que o Brasil e a Hungria, ou melhor o Império Austríaco, do qual mais tarde formava parte também a Hungria, a partir de 1817 tinham contatos diplomáticos², o que nos faz supor a existência de pessoas falando português, mas o fato que *Os Lusíadas* de Camões, obra que na época romântica tinha enorme popularidade também nos países desta zona centro-europeia, a leram os leitores húngaros nas traduções francesa, de La Harpe, e latina, de Tomé de Faria e uma primeira tradução foi feita de alemão, faz nos supor que faltavam pessoas falando português. Entretanto, em Polônia já em 1790 saiu uma tradução da epopeia, cujo tradutor, Jacek Idzi Przybylski segundo Kalewska, também consultava o texto português³. A primeira tradução completa d'*Os Lusíadas* em Húngaro só saiu em 1865⁴, e o tradutor, Gyula Greguss, pelo menos lía em Português, pois traduziu a obra do original.

Realmente, esta é a época quando já existe um contacto vivo entre o Brasil e a Hungria formando esta parte do Império Austríaco a partir de 1867. Este contacto se deve em primeiro lugar à emigração. Entre os

¹ "L'intertextualité est (...) le mécanisme propre à la lectura littéraire. Elle seule, en effet, produit la signification, alors que la lecture, commune aus textes littéraire e non littéraire, ne produit que le sens". In: M. Riffaterre: La trace de l'intertexte, La Pensée Outubro de 1980. Cita: Genette *Palimpsestes, la littérature au second degré*. Paris, Seuil, 1982. p. 9.

² Cf. RAMIREZ, Ezekiel Stanley. As relações entre a Áustria e o Brasil, 1815–1889. *Tabelas I–II*. São Paulo, 1968, pp. 243–244.

³ KALEWSKA 2007: 28.

⁴ PÁL 1987: 42.

primeiros emigrantes haviam supostamente húngaros cultos, porque na década de 1850 já temos notícias do Brasil, que dizem respeito às atividades dos magiares. No número de 44, de 30 de outubro de 1859, o semanário de Budapeste, *Vasárnapi Újság* informa na seção “Tárház” (‘Depósito’) que “numa antologia geral, publicado no Rio de Janeiro acham-se onze poemas húngaros”⁵. Esta notícia nos permite imaginar pessoas falando português acima dum nível comum aos trabalhadores rurais que emigravam para o Brasil. No último terço do século, pois, se estabelecia uma comunicação mútua ou bilateral entre os dois países. Sabemos das pesquisas de Ágnes Szilágyi, que muitos dos emigrantes, por não terem encontrado condições favoráveis, regressaram à Pátria⁶, e entre eles já devia haver pessoas que falavam a língua.

Nos jornais e revistas húngaras da segunda metade do século XIX podemos ler muitas informações sobre o Brasil. Quanto à presença deste país no imaginário húngaro da época, as expectativas do público são bem ilustradas pelo semanário *Vasárnapi Újság* cujos textos publicados entre 1854 e 1860 os temos estudado do ponto de vista das referências ao Brasil. As folhas do semanário trazem, em primeiro lugar, notícias curiosas às vezes abordadas mesmos de forma científica, sobre a flora e fauna brasileiras⁷, relatos sobre viagens a este país e nomeadamente ao Rio de Janeiro⁸, informando que a região atrai os visitantes com a beleza da sua vegetação, mas que, na questão do urbanismo, provoca má impressão aos viajantes europeus. Além de seus aspectos exóticos, as notícias também mostram o Brasil como parceiro comercial

⁵ *Vasárnapi Újság, 1854-1860*. Cd-rom.

⁶ SZILÁGYI, 2004: 42.

⁷ *Um relato sobre a fauna do rio Amazonas e do Rio Negro*. N.º. 14 de 1854, 4 de junho de 1854.

⁸ ANDERSEN – DR. HEGEDŰS: *Utazás a föld körül* (‘Viagem em torno da Terra’). N.º. 29 de 1854, de 17 de setembro de 1854.

e cultural da Hungria: por exemplo, podemos ler informações sobre o cultivo e comércio do café, e sobre o fato de que um comerciante húngaro transportou vinhos de Arad, cidade do sul da Hungria de então, para o capital do Brasil, Rio de Janeiro⁹; e curiosamente também se informa que a cantora Lagrange cantou uma ária do compositor húngaro Ferenc Erkel no Teatro da Ópera do Rio de Janeiro, e que um aristocrata húngaro, László Alvinczy morreu no Brasil¹⁰.

O rápido desenvolvimento industrial e econômica da Hungria no último terço do século XIX, aumentou enormemente o número dos jornais e revistas publicados no país, e estes informaram fartamente a seus leitores acerca dos acontecimentos ocorridos no mundo. Juntamente com informações de caráter político, como foi por exemplo o artigo de 1889 sobre a visita de Dom Pedro II na Hungria nos anos 1870¹¹ ou informações sobre a proclamação da República no Brasil e outros acontecimentos de política interior, pretendia-se satisfazer a curiosidade pelo exotismo do público leitor. Esta demanda pelo estranho, exótico, pitoresco etc. satisfazem-na tanto os artigos publicados nos jornais, como os livros publicados nesta época. Um artigo de *Vasárnapi Újság*, da autoria de Róthy Frigyes e intitulado *Egy magyar tengerész Brazíliában* ('Um marujo húngaro no Brasil')¹² fala sobre o "povo estranho" que vive no Brasil, assim tratando a população negra, inexistente em território húngaro. Com estranhamento, também se fala na flora e fauna brasileiras. O artigo intitulado *A vizi boa-kígyó* ('A jibóia – serpente da água') publicado no *Hírmondó*¹³ descreve certos animais repulsivos do Brasil.

⁹ N^o. 27 de 1857, 6 de setembro de 1857.

¹⁰ N^o. 42 de 1858, 17 de outubro de 1858.

¹¹ II. Dom Pedro braziliai császár ('D. Pedro II, imperador brasileiro). *Vasárnapi Újság*, N^o. 47 de 1889, p. 769.

¹² N^o. 17 de 1883.

¹³ „A vizi boa-kígyó”. In *Hírmondó*. N^o. 23. de 1969, p. 274.

Entrementes o desenvolvimento econômico húngaro criou uma camada de população que, muito além dos artigos dos jornais pretendia desenvolver uma cultura livresca. As editoras, mais ou menos conscientemente, passaram a oferecer, em livros, um sólido e fundado saber universal, fomentando a publicação de obras de mais variada natureza. Nos anos 1867 a 1870 saiu do prelo o livro de viagem de István Geöcze *Utazás Brazíliába és vissza* I-II ('Viagem ao Brasil, ida e volta')¹⁴; e em 1905 um livro com o título rimbombante *Az amazonok országai* ('Os países das Amazonas') de Jenő Oppel¹⁵. Estes livros já não queriam apenas deleitar os leitores, mas sim lhes oferecer ao mesmo tempo alguns dados úteis, de teor científico.

Paralelamente, também surgem as primeiras informações exatas, completas e concisas sobre o Brasil na grande enciclopédia da época, *A Pallas Nagy Lexikona* ('A Grande Enciclopédia de Pallas') que é uma enorme empresa da vida científica húngara publicada entre 1893 e 1900, em 18 volumes. Esta enciclopédia no terceiro volume, saído em 1893, publica um verbete de aproximadamente 18 mil caracteres¹⁶ sobre os Estados Unidos do Brasil, dando informações sobre seu território, águas, clima, produtos, população, indústria e comércio, constituição e administração pública, cultura e história acompanhada de uma abundante bibliografia, citando obras em inglês, alemão e francês e inclusive em português¹⁷. Tendo em conta o tempo que então requeriam os trabalhos de redação e impressão de um volume

¹⁴ Pest: Lauffer, 1869–1870.

¹⁵ Késmárk: 1905.

¹⁶ Só a título de comparação: sobre a França publicou-se um verbete de cca. 297 mil caracteres.

¹⁷ Entre os livros mencionados se encontra: *Historia Geral do Brasil* de Varnhagen (Rio de Janeiro, 1855), *O Atlas do Imperio do Brazil* de De Mello (Rio de Janeiro: 1882), a *Historia d'establecimento da republica Estados Unidos do Brasil* de Fialho Anfriso (Rio de Janeiro: 1890).

de 900 páginas em grande formato, o verbete pode ser considerado muito atualizado, dado que trata de acontecimentos ocorridos em 1891, mencionando como último acontecimento histórico a renúncia do presidente Fonseca e a tomada de poder do vice-presidente Peixoto, ocorrida a 24 de fevereiro de 1991.

O “acolhimento” do Brasil na Hungria décimonónica ilustra-o muito bem que o Brasil aparece nas obras dos dois importantes romancistas do século, Mór Jókai (1825–1904) e Mikszáth Kálmán (1847–1910).

O primeiro, escritor romântico muito popular, foi aliás um dos escritores preferidos do imperador D. Pedro. Uma comunicação da revista literária *Nyugat*¹⁸, informa que o imperador tinha em grande estima a obra de Mór Jókai fornecendo a seguinte informação sobre a visita de D. Pedro a Budapeste, no início da década de 1870:

[Mór Jókai] *Tem amigos soberanos. Dom Pedro, o interessante imperador brasileiro hospedou-se intencionalmente no Hotel “Angol királynő”, e não no apartamento oficial, condigno a um monarca, no Castelo de Buda, para poder ter um contacto mais íntimo e fácil com o seu parente espiritual, o bondoso Mór Jókai.*¹⁹

Estudando as obras de Mór Jókai encontramos mais de uma alusão que nos faz supor que a imagem do Brasil era familiar para o público nacional. Nas obras dele aparecem o nome *braziliafa* (“pau-brasil”) e outras plantas e animais característicos da flora e fauna brasileira como o *aguti* ou *agouti* (cutia), a *anakonda* (anaconda), a *fernambuc fa* (ou-

¹⁸ *Nyugat*, sine data.

¹⁹ A origem desta referência se encontra na obra de Kálmán Mikszáth *Jókai Mór és kora* (‘Mór Jókai e sua época’) onde o romancista húngaro, discípulo literário de Jókai, fala sobre esta curiosa visita no imperador brasileiro em Budapeste, no início da década de 1870.

tro nome húngaro do “pau-brasil”), *guaraná* (medicamento feito do semente do guaraná) e *guarana kenyér* (pão feito de guaraná), *mangifa* (Mangueira), *onka* (onça). Pois, Jókai escreveu obras de ficção nas quais o Brasil é o ambiente da acção, como no conto *Tíz millió dollár* (‘Dez milhões de dólares’) cujos personagens passam uma semana no Rio de Janeiro²⁰. Nos contos e romances de Jókai temos mais de duas dúzias de referências ao Brasil, e a título de exemplo citamos alguns. No romance *Hétköznapiok* (‘Dias úteis’, 1846), num episódio aparece uma mesa de pau brazil no centro de uma sala (“brazíliafa asztal a középén”). No *Fekete gyémántok* (‘Diamantes pretos’, 1870) escreve que “... os peruanos e os brasileiros sempre pagam com prata...”²¹ e em *Az arany ember* (‘O homem de ouro’, 1873) informa que “A capital do Brasil é o Rio de Janeiro. É de lá que transportam para cá o algodão e o tabaco, lá estão as minas de diamantes mais famosas.”²² Na ficção fantástica *A jövő század regénye* (‘O romance do século vindouro’, 1872) se lêem divagações de teor económico “Até não quereremos mais do que a importação do café, do algodão e do petróleo [...] incluindo a China [...] o Japão e o Brasil...”²³. E no último romance *Ahol a pénz nem isten* (‘Onde o dinheiro não é deus’, 1905) aparece esta frase: “A farinha foi um produto húngaro, o pacote Adria a transportou até o Rio de Janeiro”²⁴.

O outro escritor famoso, Kálmán Mikszáth, que numa sua obra também faz menção do encontro do imperador brasileiro

²⁰ Publicado nos números de dezembro de 1957 do *Vasárnapi Újság*.

²¹ Segunda parte: “...a peruiak, brazíliaiak mind csupa ezüsttel fizetnek...” (Jókai, sine data).

²² Primeira parte. Capítulo: “A senki szigete” (‘Ilha de ninguém’): “Brazília fővárosa Rio de Janeiro. Onnan hozzák a gyapotot meg a dohányt, ott vannak a leghíresebb gyémántbányák” (Jókai, sine data).

²³ Primeira parte. “Amíg nem terjeszkedünk többre, mint kávé, gyapot és kőolaj behozatalára [...] Kína [...] Japán és Brazília befoglalásával” (Jókai, sine data).

²⁴ “A liszt magyarországi termény volt, Rio de Janeiroig Adria gőzös szállította” (Jókai, sine data).

e do romancista húngaro Mór Jókai, com a maior naturalidade menciona o Brasil nos seus escritos.: “O (conde) Zichi em seu cavalo, que chegou a parar na cavalaria do imperador brasileiro, cruzou a nado o mar Mediterrâneo...”²⁵ ou noutro lugar: “Continuam a criticar-me por ter conduzido sob a mão a imperadora brasileira na exposição de Philadelphia.”²⁶

Esta “época de ouro” quando o Brasil entra definitivamente na consciência húngara, quer dizer a segunda metade do século XIX além do aqui mencionado tem muito mais material, e requer ainda um estudo minucioso das futuras gerações de estudiosos, como foi o caso do nosso aluno Gyula Varga que escreveu sua tese elaborando as notícias do aviador Santos Dumont que saíram na prensa húngara da época.

Bibliografia

- A Pallasz Nagylexikona* (‘A Grande Enciclopédia da Pallas’). 18 volumes. Budapeste, Pallas Irodalmi és Nyomdai Részvénytársaság, 1893–1900.
- BOGLÁR, Lajos (1997). *Magyar világ Brazíliában* (‘Vida húngara no Brasil’). Budapeste, Szimbíózis.
- KÖGL, J. Szeverin (1982). *Magyarok Brazíliában* (‘Húngaros no Brasil’). São Paulo, Könyves Kálmán Szabadegyetem.
- Nyugat. 1908–1941. Egy irodalmi legenda – digitálisan*. cd-rom. Budapeste, Arcanum Adatbázis, s.d.
- REGULY, Ernő. (org.) (1977). *Latin-Amerika Bibliográfia* (‘Bibliografia Latino-Americana’). Budapeste, Fővárosi Szabó Ervin Könyvtár.
- Révai Nagylexikona* (‘Grande Enciclopédia da Révai’). 19 volumes. Budapeste, Révai Testvérei Irodalmi Intézet Részvénytársaság, 1911–1926.
- SZABÓ, László (1982). *Magyar múlt Dél-Amerikában* (‘Passado húngaro na América do Sul’). Budapeste, Európa.

²⁵ *A gyarmat közhegyei* (‘Lugares comuns da colônia’), 1873. (Mikszáth, sine data).

²⁶ *A Fővárosból* (‘Da Capital’), 1881. (Mikszáth, sine data).

Új Magyar Lexikon ('Nova Enciclopédia Húngara'). Budapeste, Akadémiai, 1960–1972.

Vasárnapi Újság, 1854–1860. cd-rom. Budapeste, Arcanum Adatbázis, s.d.

A guerra de Canudos revisitada

O Brasil nos romances de Sándor Márai, Mario Vargas Llosa... e Guram Dochanashvili

András Gulyás¹

Embaixador, Budapeste

...um dia todos terão de ir a Canudos.

Sándor Márai²

Resumo: Os dramáticos acontecimentos ocorridos em Canudos em finais do século XIX constituem – provavelmente – um dos momentos de maior ressonância exterior da história do Brasil. Foram motivo de inspiração de obras literárias de transcendência mundial. O presente estudo analisa as causas deste fenómeno, e fornece, pela primeira vez em português, informação detalhada sobre o romance dum escritor georgiano sobre o tema.

¹ O Embaixador András Gulyás (1944, Budapeste) é Doutor em Filologia Latino-Americana pela Universidade ELTE de Budapeste. Adido Cultural no Rio de Janeiro, Brasília, Lima, Encarregado de Negócios em Maputo, Cônsul Geral em Barcelona, Embaixador em Luanda, Lisboa. Assessor Diplomático da Presidência da República da Hungria 1996–2001, 2005–2010. Tradutor de Mario Vargas Llosa, Alejo Carpentier, Jorge Amado, etc. Conferencista regular sobre temas de história e literatura latino-americana, espanhola, portuguesa, catalã.

² MÁRAI 2002: 106.

1. Introdução

No ano 1897 no Nordeste do Brasil forças regulares do exército aniquilam a seita de fanáticos seguidores do “falso profeta”, Antônio Conselheiro. Euclides da Cunha, correspondente da campanha, publica em 1902 o seu livro *Os sertões*. Este clássico das letras brasileiras inspira mais tarde *Ítélet Canudosban (Veredicto em Canudos)* de Sándor Márai em 1970 y *La guerra del fin del mundo* de Mario Vargas Llosa em 1981. Mas o fascínio e apelo dessa história remota não para aí ...

O tema de Canudos é de indiscutível atualidade. Prova disto é o Curso de Mestrado de Literatura Brasileira anunciado pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado de Rio de Janeiro em 2013:” O curso propõe apresentar e discutir as ressonâncias de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Poucas obras latino-americanas foram tão capazes de estimular a reescrita de autores tão diversos como Jorge Luis Borges, “Tres versiones de Judas”; Robert B. Cunninghame Graham, *Um místico brasileiro*, Sándor Marái, *Veredicto em Canudos*; Mario Vargas Llosa, *La guerra del fin del mundo*; José Jacinto Veiga, *A casca da serpente*. O curso partirá de uma releitura de *Os sertões*, a fim de melhor compreender o processo de reescrita das obras acima mencionadas. Num segundo momento, discutiremos as ressonâncias da obra de Euclides da Cunha através da leitura dos títulos selecionados.”³

2. Contexto histórico

O contexto histórico da Guerra de Canudos é bem estudado e conhecido. Só referirei alguns dos momentos que estiveram por detrás dos acontecimentos: 1877 – seca, fome, 300 000 mortos, 1888 – abolição da escravidão, permanentes crises entre o monarca e o exército, 1889 – proclamação da República.

³ http://www.pgletras.uerj.br/horarios/2013_2/MLB/SEM_LIT_BRAS_TOPICOS_ESPECIAIS_2.pdf O acento no nome de Márai, virado (Nota do Autor).

3. Sobre *Os sertões*

Neste círculo não é necessário apresentar a obra de Euclides da Cunha.⁴ Mas obviamente, não foi assim sempre fora do Brasil. O livro ainda não está traduzido para húngaro. O filólogo húngaro-brasileiro Paulo Rónai apresentou assim *Os sertões* ao público magiar há quarenta anos numa enciclopédia de literatura mundial: *A vadon* - título em húngaro - dá um quadro preciso das condições naturais, antropológicas, sociológicas e psicológicas... sobre a miserável vida dos habitantes dos enormes sertões do Nordeste do Brasil... Narra a guerra com excepcional força dramática e eloquência épica... Pela riqueza barroca da sua poética linguagem, o ritmo febril e entrecortado da narração, as altas qualidades literárias do seu estilo e a terminologia tecnicamente impecável ocupa um lugar único na literatura brasileira...⁵

4. Sándor Márai e o seu Canudos

4.1. Sándor Márai 1900–1989

Já nos anos 30 é um dos escritores mais conhecidos e fecundos da Hungria. Em 1948, quando a viragem comunista se torna irreversível, vai para o exílio, passando o resto da sua vida nos Estados Unidos e Itália. O seu ressurgimento e reconhecimento internacional começam nos anos 90 na Itália, e Alemanha.⁶

⁴ Mais de 45 edições no Brasil, não contando as de Portugal. Traduções para o francês, italiano, alemão, espanhol, inglês, holandês, dinamarquês, sueco, russo (parcial), chinês, japonês <http://euclidesite.wordpress.com/trad/>.

⁵ RÓNAI, Pál (1972). *Euclides da Cunha* in: *Világirodalmi lexikon II*. Budapest, Akadémiai Kiadó. p. 487.

⁶ A „febre -Márai” começa em 1998 na Itália com a edição de *Le braci* (*A gyertyák csonkig égnek*, no Brasil *As brasas*), pela Editora Adelphi de Milano, vai pela 43a reedição, 400 mil exemplares vendidos na Itália. Na Alemanha das suas obras traduzidas vendeu-se mais de um milhão de exemplares. O Museu de Literatura Húngara – Petőfi Irodalmi Múzeum nos seus arquivos regista mais de 315 edições em linguas estrangeiras. <http://www.pim.hu/object.321a4096-b39b-4e45-9855-9b2bb71d1e30.ivy>.

Obras suas traduzidas para o português no Brasil: *As brasas*, *O legado de Eszter*, *Veredicto em Canudos*, *Dovórcio em Buda*, *Rebeldes*, *Confissões de um burguês*, *De verdade*, todas pela Companhia das Letras, traduzidas maioritariamente por Paulo Schiller. Sem falar já das muitas traduções em Portugal.⁷

4.2. *Veredicto em Canudos*

Esta obra é um dos romances mais importantes escritos no exílio, e muitos críticos o situam entre os melhores livros de Márai. O romance narra o fim do sítio. As tropas já ocuparam 'Nova Jerusalém', massacraram todos, o Marechal celebra a sua vitória com uma conferência de imprensa, e os últimos sobreviventes, antes de serem executados, são interrogados por Sua Excelência. Ao longo do interrogatório é mostrada a verdadeira história de Canudos, ou melhor dizendo, o que Márai pensa dela.

Os leitores húngaros que fugiram aquando da derrota da Revolução de 1956, e já estavam a salvo em algum país do Ocidente, leram-na estabelecendo uma relação directa com os processos sumários da ditadura.⁸

⁷ *As velas ardem até ao fim* (*As brasas* no Brasil) 26 edições(!), *A mulher certa*, *Rebeldes*, *Divórcio em Buda*, *A ilha*, *A conversa de Bolzano*, *A herança de Eszter*, *A irmã*.

⁸ Na Hungria o livro só é publicado depois das mudanças democráticas, nos anos 90.

4.2.1. Contacto com o tema

15 de maio 1958. – Primeira menção no Diário⁹ de Márai “Leitura: Euclides da Cunha História duma rebelião no Brasil¹⁰...Forças regulares do exército, milhares de soldados munidos de canhões levam mais de meio ano sem conseguirem matar alguns fanáticos selvagens que não se conciliaram com as benedições da democracia branca... Um livro com moralidade...” A leitura segue por dois meses, várias referências no diário.

9 de junho 1958. “De noite o livro de da Cunha. Magnífico, comovedor. É uma epopeia heróica desconhecida da América...”

18 de julho 1958. “Acabei o livro de da Cunha. Pereceram todos, os rebeldes de Canudos, os seis mil... velhos, miúdos, morreram de sede, de fome, se lançaram contra os canhões, mas preferiram a morte antes que obedecer... **HÁ AQUI ALGO...**”

4.2.2. Há aqui algo

Este *algo* que fascina a Márai é o seu dilema de sempre: ordem, sistema, anarquia: “Creio, pessoalmente, que a gente sempre deve protestar, rebelar-se quando alguém queira tornar Sistema a ordem natural, orgânica da vida...”

⁹ As citações que se seguem são dos Diários, em parte inéditos, citados por SZABÓ (2010) e traduzidos por AG.

¹⁰ Márai terá encontrado a segunda edição americana de *Os sertões, The Rebellion in the Backlands*, reeditada em 1957 (CUNHA 1957). É de salientar que quando a obra aparece, em 1944, o jovem Claude Lévi-Strauss apresenta-a na Revista *American Anthropologist*. Cabe citar algumas das suas palavras: “...Com *Os Sertões* começa a literatura nacional do Brasil... As suas ideias científicas primitivas (que eram as do seu tempo), o pesado estilo, o lento ritmo têm pouca importância, comparando com o resultado final... um generoso apelo, vibrante indignação, ardente amor pelo seu país e os seus habitantes da mais baixa condição... *Os Sertões* hoje mesmo lembra os brasileiros que as conquistas da civilização industrial não são tão grandes, nem tão indiscutíveis que possam levar ao esquecimento as fontes virgens naturais e humanas nas quais todas as nações devem cimentar o seu melhor e grandioso futuro...” Tradução de A. Gulyás (LÉVI-STRAUSS 1944: 396).

4.2.3. O projecto do livro

1 de Janeiro de 1961. Já tem o título definitivo: Veredicto em Canudos. 2 de agosto 1966. “Releio o livro de Euclides da Cunha. É uma montanha de polenda¹¹, atravessá-la só com grande esforço... Mas, no livro, no ajuste de contas de Canudos para mim há algo, como um tesouro escondido debaixo duma rocha no deserto...”

4.2.4. Escrevendo...

Começa a escrevê-lo em Dezembro de 1966 ou começos de 1967 em Nova Iorque e continua depois da mudança para Salerno onde o acaba no verão de 1969. Trabalha nele mais de três anos, com intervalos, paradas difíceis. A rebelião dos estudantes de Paris, o ressurgimento da “anarquia” lhe dão novos impulsos. *Soyez réalistes, demandez l'impossible* será o leit-motiv do romance.

4.2.5. O impossível – a única coisa em que vale a pena acreditar

O diálogo central do romance entre o Marechal e a Mulher gira exactamente sobre os temas da ordem, a necessidade de protestar e que às vezes a única opção é o impossível. O vencedor interrogando a prisioneira pergunta se em Canudos havia anarquistas e a Mulher responde:

“Em Canudos não havia anarquistas. Lá havia ordem. Diferente do lado de fora, no mundo... Porém uma grande ordem.” (...) Como se alguma coisa os fizesse felizes...”

“Passavam fome. Não havia água. Comiam barro, as crianças também.” (...) O que os alegrava? O Paraíso que o Conselheiro prometia?...”

¹¹ A montanha de polenda – um obstáculo difícil de atravessar nos contos folclóricos húngaros.

“Não sei se o Paraíso existe. E se existe, não sei onde fica...Sei apenas que Canudos fica perto... Se conseguíamos chegar lá... De repente não havia mais nenhuma preocupação.”¹²

“Seu marido também pegou?...”

“O quê?”

“Canudos. (...) Como uma doença.”

“Canudos era outra coisa. Não era doença.”

“Explique”

“Possibilidade.”

“Na anarquia há força, e a força é sempre possibilidade. Isso nós, democratas devotos, também sabemos. Mas a força em que não existe razão é possibilidade apenas no hospício. Seu marido sabia disso?

“Todos em Canudos sabiam que às vezes o impossível é a única coisa em que vale a pena acreditar...”¹³

4.2.6. Euclides da Cunha no romance de Márai

No romance de Márai aparece Euclides da Cunha, mesmo que este já não estivesse em Canudos no dia 5 de Outubro de 1897, quando a imaginada conferência de imprensa se realiza. Uma homenagem literária de colega para colega...

“Meus senhores”, disse o marechal Bittencourt. “escrevam o que viram. Nossa jovem República trouxe ao sertão a bandeira triunfal das idéias democráticas.”...A grande tarefa da democracia será acabar com a falta de cultura, berço de toda maldade humana.”

“...“A democracia deu início à extinção da ausência de cultura com a extinção dos homens incultos.”

A ofensa explodiu como um petardo. O marechal inclinou-se de

¹² MÁRAI 2002: 120.

¹³ MÁRAI 2002: 126-127.

súbito para a frente como se tivesse levado um gancho na altura do estômago.”...

“Seu nome, senhor?”

“Euclides da Cunha.”¹⁴

5. Mario Vargas Llosa e o seu Canudos

5.1. MVLL – Vida e obra

Nascido em 1936 em Arequipa, Perú, está no “top” da literatura mundial desde a publicação de *La ciudad y los perros* em 1963. As suas obras¹⁵ estão traduzidas e muito lidas no mundo inteiro. Em 2010 recebe o Premio Nobel de Literatura, “pela sua cartografia das estruturas do poder e as mordazes imagens da resistência, a revolta e a derrota do indivíduo”. *A Guerra do fim do mundo*, em várias traduções para português, no Brasil (Vargas Llosa 1981b) e Portugal (Vargas Llosa 1981c), com abundantes referências críticas, carece de apresentação.¹⁶

¹⁴ MÁRAI 2002: 67–68.

¹⁵ *La casa verde* (1966), *Los cachorros* (1967), *Conversación en la Catedral*, *Pantaleón y las visitadoras* (1973), *La tía Julia y el escribidor* (1977), *La guerra del fin del mundo* (1981), *Historia de Mayta* (1984), *Quién mató a Palomino Molero* (1986), *El hablador* (1987), *Elogio de la madrastra* (1988), *Lituma en los Andes* (1993), *Los cuadernos de don Rigoberto* (1997), *Cartas a un joven novelista* (1997), *La fiesta del Chivo* (2000), *La tentación de lo imposible* (2004), *Travesuras de la niña mala* (2006), *Viaje a la ficción* (2008), *El sueño del celta* (2010), *El héroe discreto* (2013), etc.

¹⁶Ao por no buscador *Mario Vargas Llosa A guerra do fim do mundo* há 292 000 referencias... A citar só três:

<http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/portal/area.asp?box=N%F3s+da+Escola&area=Produtos&objeto=produtos&id=73835> <http://www.webartigos.com/artigos/a-guerra-do-fim-do-mundo/10201/> <https://armonte.wordpress.com/2011/10/04/a-guerra-do-fim-do-mundo-a-sabedoria-epica-e-o-retrocesso-ideologico-de-mario-vargas-llosa/>

5.2 Como nasce *A guerra do fim do mundo*?

Também para Vargas Llosa a primeira fonte foi *Os Sertões* que terá lido em 1972 ou 1974, quando ia fazer um roteiro cinematográfico para Ruy Guerra.

“Uma das primeiras coisas que li em português foi *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Para mim, foi uma das grandes experiências da minha vida de leitor. Foi como ter lido, quando garoto, *Os Três Mosqueteiros*, ou, já adulto, *Guerra e Paz*, *Madame Bovary* ou *Moby Dick*. Foi realmente o encontro com um livro muito importante, uma experiência fundamental. Um deslumbramento, realmente, um dos grandes livros que já se escreveram na América Latina.”¹⁷

“...descobri, no drama de Canudos, uma série de fenômenos ...O encontro violento de duas sociedades, incomunicáveis entre si, em tempos históricos distintos, com mentalidades distintas, uma mentalidade regional e outra européia, uma mentalidade liberal e outra religiosa, duas culturas distintas dentro de um mesmo país, que pela falta total de comunicação e diálogo se matam. ... Todos os países latino-americanos devem ter vivido em algum momento de sua história – ou seguem vivendo até hoje – tragédias parecidas.”¹⁸

“Creio que este é o mais importante dos meus livros e, em todo caso, se eu pudesse eleger, ... gostaria de ser recordado por esse livro.”¹⁹

5.3 A estrutura de *A Guerra do fim do mundo*

Enquanto o romance de Sándor Márai narra só algumas horas do último dia da ocupação de Canudos focando tudo no dramático diálogo do Marechal e a Mulher, raras exceções do escrivão e de Euclides da

¹⁷ SETTI, Ricardo A. 1986. *Conversas com Vargas Llosa*. São Paulo, Brasiliense, p. 39.

¹⁸ 01/11/2002 Revista Continente online MVLL a António Arrais.

¹⁹ VARGAS LLOSA, Mario 1982. Entrevista in *O Globo*, 21-08-1982, p. 29.

Cunha, o romance do peruano oferece um amplo panorama – um mundo no fim do mundo – no espaço e no tempo com muitos actores cujos destinos se entrecruzam em numerosas ocasiões.

6. Guram Dochanashvili – O Canudos do georgiano სამოსელი პირველი

Mas – e isto vem ao caso no contexto europeu da imagem do Brasil – temos o romance “fantasma” de um escritor georgiano. Na Internet, se navegamos só em páginas inglesas e de linguas ocidentais – além de um nome, um título e a afirmação de que tem a ver com a Bíblia combinada com a guerra de Canudos, não encontramos nada em concreto.²⁰

Para mostrá-lo, o título que é uma alusão à melhor roupa que na parábola do filho pródigo o pai manda trazer para o filho, de volta a casa, em inglês aparece como “The first garment” e em húngaro como “Az első öltöny” – “O primeiro fato”. Foi preciso recorrer a amigos na Geórgia²¹ e consultar páginas web em russo para saber mais sobre Guram Dochanashvili e o seu romance “სამოსელი პირველი” *Samoseli pirveli*²² – “A melhor roupa”

6.1. Canudos no romance.

No romance publicado em georgiano em 1975, Canudos é parte importante da longa peregrinação do protagonista. O jovem Domenico, como

²⁰ Ao por no buscador com letras cirílicas o nome do escritor ou do(s) título(s) Дочанашвили Одарю тебя трижды Одевание Первое, há muitíssimas referências russas, e em georgiano, ainda mais: გურამ დოჩანაშვილი “სამოსელი პირველი” Samoseli pirveli (Nota do Autor).

²¹ Os meus agradecimentos à Sra. Nana Khurtsilava, assistente do Embaixador da Geórgia na Hungria

²² Assim se deve pronunciar as belas letras georgianas. Se pomos no buscador da Internet as duas palavras, surgirão também elegantes roupas renacentistas de moda caucasiana... (Nota do Autor)

o filho pródigo, deixa a sua aldeia, pai e irmão para ver o mundo, percorre muitas terras, passa pela cidade de Camore, cidade de criminosos, bandidos para chegar finalmente a... Canudos, onde encontra a terra prometida, terra de verdadeira fraternidade, fé, amor. Convive com os “vaqueiros” os “canudosetz” (habitantes de Canudos). Participa na defesa contra os ataques do Marechal *Betancourt*, (Бетанкур na tradução russa) e assiste à destruição de Canudos, à morte dos cinco grandes mártires de Canudos, entre eles, Manoel Costa, João Abade, Mendes Maciel. Nas ruínas da cidade queimada e abandonada Don Diego rende uma derradeira homenagem aos mártires e se deixa arrastar pelas águas do rio. “Não se suicidava, deixava-se simplesmente morrer em nome dos irmãos, o último dos grandes de Canudos.”²³

E no final do romance, Domenico volta para pai que lhe oferece um terceiro e último presente, “a palavra”, o verbo, a obrigação de que conte esta história para todos porque assim os mortos receberão também” a sua melhor roupa” e viverão para sempre.

A mensagem da obra, mistura de conto de fadas, de epopeia e grande teatralidade é que “a gente deve procurar o seu Belmonte, o seu Canudos passar pelo seu Camorra, aprender a distinguir entre bem e mal.” Temos a sensação de ler algo muito parecido com *O Senhor dos Anéis...*

6.2 As fontes de Dochanashvili

Ao contrário de Sándor Márai e Mario Vargas Llosa a fonte de Dochanashvili não foram *Os Sertões*. É preciso sublinhar que o escritor além da sua língua materna só fala russo, e o livro de Euclides da Cunha até agora só tem uma tradução parcial.²⁴ Do que valeu o gregiano foi um artigo publicado em 1969 em russo na

²³ DOCHANASHVILI 1984.

²⁴ A Revista *Literatura e Arte* de Moscou, publicou em 1959, no seu número 5. trechos de *Os Sertões*, traduzidos por Inna Terterian.

Revista *Vokrug Sveta*²⁵ *Volta ao Mundo* “Канудос: рождение, борьба и гибель республики голодных” (*Canudos, nascimento, luta e destruição da república dos indigentes*) do latino-americanista Vitaliy Sobolev. Como afirmara o próprio romancista ao autor destas linhas, em recentes conversas telefônicas, além de muito impressionado pela trágica história dos defensores de Canudos, valeu-se da história, do lugar afastado para assim desviar os olhos da censura da sua negação ao mundo do “socialismo real” que o rodeava. Como prova da sua inocência, na edição russa terminava o romance com um Epílogo, transcrevendo o inteiro artigo de Sobolev.²⁶

6.3 Guram Dochanashvili გურამ დოჩანაშვილი

Nasceu em 1939, em Tbilisi, capital da Geórgia, estudou na Universidade da mesma cidade, Historiador, arqueólogo, músico, cineasta e escritor por excelência. Em 1956 é condenado por atividades anti-soviéticas – assinou um manifesto de solidariedade pedindo justiça pelo sangue derramado em Poznan, Budapeste e Tbilisi.

O romance que acabamos de apresentar é muito popular, com muitas edições, seis em georgiano, três em russo, e considerado um dos melhores romances escritos durante os tempos do totalitarismo em toda a União Soviética.

Para mostrar a popularidade do romance, no jornal de Tbilisi, em 26 de Março de 2014 foi publicada uma notícia sobre o escritor saudado pelo seu aniversário: “Today Dinamo footballers congratulated 75th jubilee on legendary writer and Dinamo fan Guram Dochanashvili. Footballers symbolically awarded the writer with ball with their

²⁵ Fundada em 1861 em São Petersburgo, é uma das revistas mais velhas em ininterrupta existência na Rússia. Nos tempos soviéticos pertencia ao KOMSOMOL, Juventudes Comunistas da URSS e, em 1969, ano da nossa referência, se publicava com uma tiragem mensal de 2 700 000 exemplares(!).

²⁶ SOBOLEV 1969.

signatures and Dinamo T-shirt with number 1. Guram Dochanashvili delivered the players his book “Samoseli Pirveli” with his signatures. The whole club Dinamo Tbilisi congratulates Mr. Guram on the jubilee and wishes him health and longevity. We hope that writer who is in love with literature and football will glad us with different masterpieces.”²⁷

O evento foi um feliz encontro de literatura e futebol. Fazemos votos que o livro em breve possa ser lido em português – por futebolistas e público em geral.

7. Conclusões finais

*“... alguém lembra de São Paulo haver sido o tema de um único grande romance escrito por um importante prosador contemporâneo estrangeiro? ... Ou seja, a ironia: Canudos, no tórrido Sertão do Nordeste, um povoado de presumíveis 20.000 habitantes, varrido do mapa há mais de cem anos pela artilharia de uma república recém-proclamada, fascina mais a imaginação de ficcionistas que a grandiosidade épica... de São Paulo.”*²⁸

Partindo do resignado comentário do professor e cineasta Ruy Vasconcelos, tentarei, para concluir, compreender qual seria a última razão que colocou Canudos no mapa-mundi.

O narrador do romance de Sándor Márai, o escrivão, lembra Canudos da seguinte maneira: “...vi de perto a força que depois vira história... Nunca esqueci daquelas quatro horas... Desde então decorreu meio século, várias guerras devastaram o mundo, matanças piores que a refrega de Canudos. À distância, aqui no Brasil, apren-

²⁷ DOCHANASHVILI 1984 ВМЕСТО ПОСЛЕСЛОВИЯ. ОСКОЛКИ КАНУДОСА В. Соболев, журнал «Вокруг света» № 12, 1969.

²⁸ <http://www.fcdinamo.ge/en/news?n=2589>.

demos o nome do imperador alemão, depois o de Hitler, o de Stalin e de outros que – segundo se dizia - fizeram a história do mundo... Apesar disso... há cinqüenta anos atrás, no sertão do Nordeste do Brasil, homens lutavam, matavam e morriam – matavam e morriam com paixão e convicção, como se o banho de sangue que denominavam guerra tivesse alguma finalidade... Entretanto...Canudos foi a minha guerra...e cada um tem a guerra que lhe cabe...”²⁹

Márai como outros, entre eles os aqui tratados Vargas Llosa e Guram Dochanashvili, identifica no microcosmos de Canudos a barbárie infinita de matar e morrer. Compartilho a opinião de Rogério Souza Silva que dedica um brilhante trabalho ao tema e, partindo da tese do grande historiador britânico Eric Hobsbawm de que o ano de 1914 anuncia o início do século XX na Europa, afirma que:

“As megamortes principiadas com a Primeira Grande Guerra, mudaram a visão do homem sobre as noções de civilização e barbárie... No Brasil, a guerra de Canudos 17 anos antes emerge como fronteira, entre esses dois termos. O lento ritual fúnebre de nossa Belle Époque tem início nas ruínas do Belo Monte...”³⁰

É por isso que, pelo contexto não só europeu mas também universal, a mensagem de Canudos continua vigente.

Bibliografia

CUNHA, Euclides da (1902). *Os Sertões (Campanha de Canudos)* Rio de Janeiro, Ed. Laemmert & Cia.

CUNHA, Euclides da (1957). *Rebellion in the Backlands*. Trad. Samuel Putnam, University of Chicago Press (1a edição, 1944).

CUNHA, Euclides da (1999). *Os Sertões 39a ed. corrigida*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

²⁹ VASCONCELOS 2008.

³⁰ MÁRAI 2002: 8.

- DOCHANASHVILI, Guram (1975). სამოსელი პირველი *Samoseli pirveli*. 'A melhor roupa' Primeira edição do romance em georgiano, Tbilisi.
- DOCHANASHVILI, Guram (1984). *Дочанашвили Одарю тебя трижды (Одеяние Первое)*. Trad. russa de E. Dzhaliasvili Ed. Sovietskiy Pisatel. <http://www.e-reading.link/book.php?book=1017383>.
- DOCHANASHVILI, Guram Na página web inglesa da Georgian Comparative Literature Association. <http://translationlab.ge/authors/guram-dochanashvili/>.
- GULYÁS, Andrés (2014). *Sándor Márai y la Guerra de Canudos*. Em: Revista Ciclo Literario, Número 116. p. 8. Oaxaca, México. <http://www.cicloliterario.com/ciclo116octubre-noviembre-diciembre/sandor.html>.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1944). *Rebellion in the Backlands translated from Os Sertões de Euclides da Cunha, with Introduction and Notes by Samuel Putnam*. Em: American Anthropologist No. 46. 1944. pp. 394–396. <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/aa.1944.46.3.02a00150/pdf>
- MÁRAI, Sándor (1970). *Ítélet Canudosban*. Toronto, Vörösváry-Weller Pub. Co.
- MÁRAI, Sándor (2002). *Verdicto em Canudos*. Tradução de Paulo Schiller São Paulo, Companhia das Letras.
- SOBOLEV, Vitaliy (1969). *Канудос: рождение, борьба и гибель республики голодных* Canudos, nascimento, luta e destruição da república dos indigentes Em: Vokrug Sveta No.12/1969 pp. 14–19. <http://www.vokrugsveta.ru/view/1969/12/#/14>.
- SOUZA SILVA, Rogério (2001). *Antonio Conselheiro: a fronteira entre a civilização e a barbárie* São Paulo, Ed. Annablume. p. 283.
- SZABÓ, Ádám (2010). *Canudos ösvényein Márai Sándorral és Mario Vargas Llosával Euclides da Cunha nyomán*. 'Pelos veredas de Canudos com Sándor Márai e Mario Vargas Llosa, seguindo as pegadas de Euclides da Cunha' Budapest. Ed. L'Harmattan Kiadó.
- VARGAS LLOSA, Mario (1981a). *La guerra del fin del mundo*. Barcelona, Editorial Plaza & Janés.
- VARGAS LLOSA, Mario (1981b). *A Guerra do fim do Mundo*. Tradução brasileira de Remy Gorga Filho, Rio de Janeiro, Francisco Alves Ed.
- VARGAS LLOSA, Mario (1981c). *A Guerra do fim do Mundo*. Tradução por María Victoria Navas y Salvato Teles de Meneses Lisboa: Livraria Bertrand.
- VASCONCELOS, Ruy (2008). *Higrômetros singulares*. <https://afetivagem.wordpress.com/2008/11/20/higrômetros-singulares/>.

Paulo Rónai e a revista *Província de São Pedro*

Regina Zilberman
UFRGS, Porto Alegre

Resumo: A contribuição de Paulo Ronai à revista *Província de São Pedro*, de Porto Alegre, estendeu-se de 1946 a 1951. O crítico encarregou-se sobretudo das resenhas de livros de autores estrangeiros. Examinam-se particularmente as resenhas de escritores e obras pertencentes à literatura húngara, publicadas em tradução ou na língua original.

Em 1883, foi fundada, em Porto Alegre, a Livraria do Globo, cuja atividade editorial expande-se especialmente depois dos anos 1930. Sua reputação estava plenamente consolidada em meados dos anos 1940, quando é lançado o periódico *Província de São Pedro*, dirigido por Moysés Vellinho (1901–1980). Admirador de Eça de Queirós (1845–1900) e Machado de Assis (1839–1908), Vellinho não compartilhava uma concepção paroquial da literatura. Assim, se *Província de São Pedro* adotava uma denominação regionalista, devendo seu título à antiga denominação do Estado do Rio Grande do Sul, seu corpo de colaboradores estendia-se dos autores locais, como Erico Verissimo (1905–1975) e Mario Quintana (1906–1994), a nomes nacionais já consagrados, como Sérgio Buarque de Holanda (1902–1982), Cecília Meireles (1901–1964) e Lúcia Miguel-Pereira (1901–1959), ao lado de outros ainda não tanto, como Antônio Cândido (1918) e Afrânio Coutinho (1911–2000). Acolhia igualmente os europeus que, transferidos para o Brasil antes ou durante a Segunda Guerra, como Otto Maria Carpeaux (1900–1978) e Paulo Rónai (1907–1992), militavam na imprensa cultural brasileira.

A *Província de São Pedro* circulou entre 1945 e 1957, mas não de forma ininterrupta, somando 21 números. Proposta como revista trimestral, sua produção foi irregular: em 1945, ano de sua fundação, aparecem três volumes (junho, setembro e dezembro), em 1946, quatro volumes, como previsto (março, junho, setembro e dezembro). Daí para frente, o número de edições por ano variou, conforme a seguinte sequência:¹ Ano 3 – 1947: nº 8 (março); nº 9 (junho); nº 10 (setembro/dezembro); Ano 4 – 1948: nº 11 (março/junho); nº 12 (setembro/dezembro); Ano 5 – 1949: nº 13 (março/junho); nº 14 (setembro/dezembro); Ano 6 – 1950: nenhum número; Ano 7 – 1951: nº 15 (sem indicação de mês); nº 16 (dezembro); Ano 8 – 1952: nº 17 (sem indicação de mês); Ano 9 – 1953: nº 18 (sem indicação de mês); Ano 10 – 1954: nº 19 (sem indicação de mês); Ano 11 – 1955: nº 20 (sem indicação de mês); Ano 12 – 1956: nenhum número; Ano 13 – 1957: nº 21 (sem indicação de mês).

Paulo Rónai, radicado no Brasil desde 1941, integrou-se ao grupo de colaboradores da *Província de São Pedro* em 1946, quando essa chegava ao segundo ano e sexto volume, o de setembro, estendendo sua participação até 1951. Relaciona-se a seguir sua produção no período:

¹ SOUZA SILVA 2001: 283. Em relação a esta afirmação, é mais que eloquente o relato lacônico de Euclides da Cunha sobre a decapitação do Conselheiro: „Desenterraram-no cuidadosamente. (...) Fotografaram-no depois (...) Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita — e, como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores... Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio.” (CUNHA 1902 O cadáver do Conselheiro...). Para mim, a exageração artística de Márai a fazer falar a cabeça cortada do Conselheiro (MÁRAI 2002: 64–65) tão questionada por alguns críticos, é simplesmente uma mostra da trágica brutalidade e barbarie que atingem os ilustrados representantes do(s) Estado(s) nas suas façanhas. (Nota do Autor).

a) Ano 2, n. 6, set. 1946: Artigo intitulado “Cinco antologias contra uma literatura”, em que analisa cinco obras lançadas no Brasil e em Portugal, publicadas sob o título *Contos húngaros*.

b) Ano 2, n. 7, dez. 1946. Paulo Rónai principia sua participação na coluna Letras Estrangeiras, onde também se encontram notas assinadas por Paulo Moreira da Silva. Comenta a biografia de Honoré de Balzac, de autoria de Stefan Zweig (1881–1942), e registra suas impressões sobre publicações francesas, no texto *Revistas francesas*. Ainda avalia o livro *Contos romenos*, coletânea organizada e traduzida por Victor Buescu (1911–1971), publicada em Lisboa.

c) Ano 3, n. 8, mar. 1947. Na coluna Letras Estrangeiras, Rónai comenta as seguintes obras: *Monsieur Stark* e *Charles dégoûté des beefsteaks*, de Pierre Girard; *Um dia da semana em junho*, de F. Kormendy; *Como tratar os alemães?*, de Emil Ludwig; *Sobre o Amazonas*, de Richard Katz; *Ensaio cético*, de Bertrand Russel; *Collection Lebegue*. O autor destaca, do *Bolletin de l'Association Guillaume Budé*, de junho de 1940, o artigo de Pierre Buyancé, denominado “Diversas considerações sobre o futuro do humanismo” e três relatórios sobre os estudos clássicos durante a guerra na Inglaterra, Holanda e Bélgica.

c) Ano 3, n. 9, jun. 1947. Na coluna Letras Estrangeiras, Rónai comenta as seguintes obras: *Sous l'invocation de Saint Jerome*, de Valéry Larbaud; *Cranford*, de Elisabeth C. Gaskell, traduzida pela ficcionista Raquel de Queirós; *L'oeuvre de Stendhal*, de Henri Martineau; *O destino bate à porta*, de James M. Cain, traduzida por Leonel Vallandro; *Pássaros perdidos*, de Rabindranath Tagore, traduzida por Abgar Renault; *Histoires d'un fait divers*, de J. J. Gautier.

d) Ano 3, n. 10, set./dez. 1947. Na coluna Letras Estrangeiras, Rónai comenta as seguintes obras: *Zola e seu tempo*, de Matthew Josepson; *The Life of Oscar Wilde*, de Hesreth Pearson; *O morro dos ventos uivantes*,

de Emily Brontë, prefaciada e traduzida por Raquel de Queirós; *Nie-tótkha Niezvánova*, de Dostoiévski, traduzida por Costa Neves, integrante da série ilustrada das obras completas do escritor russo; *Contos alegres húngaros*, em edição portuguesa; *Noções de história da literatura*, de Manuel Bandeira; *As grandes amizades*, memórias, de Raissa Maritain; *Vida e morte de uma cidade espanhola*, de Elliot Paul; *A tragédia da Espanha de Filipe V a Francisco Franco*, de Eduardo Fernandez y Gonzalez; *New Writting and Daylight 1946*, editado por John Lehman; *A literatura dos Estados Unidos*; suas tradições, seus mestres e seus problemas. Introdução histórica e crítica, de Morton Dauwen Zabel; *Science, Liberty and Peace*, de Aldous Huxley; *A outra comédia*, de W. Somerset Maugham; *A arte de ler*, como adquirir uma educação liberal, de J. Adler Mortimer, obra traduzida por Inês Fortes de Oliveira; *A sabedoria de Israel*, de Lewis Browne, traduzida por Maria Guaspari; *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, tragédia traduzida por Onestaldo de Pennafort.

e) Ano 4, n.12, set./dez.1948. Neste volume, a coluna Letras Estrangeiras é assinada por Otto Maria Carpeaux. Mas inclui a resenha de Paulo Rónai sobre o ensaio de Aládar Komlós, *O fundo social da nossa literatura*, ao lado de comentários sobre as séries belgas *Collection Nationale* e *Collection Lebègue*.

f) Ano 5, n.13, mar./jun.1949. Neste volume, Otto Maria Carpeaux assina a coluna Letras Estrangeiras. Na seção Arquivo, que inclui textos originalmente divulgados na imprensa brasileira, transcreve-se o artigo de Rónai, “Primeiro contato com a literatura brasileira”, publicado antes no jornal *O Estado de São Paulo*.

g) Ano 7, n. 15, 1951. Trata-se da última participação de Rónai na revista, quando examina o romance *História de Tom Jones*, um enfeitado, de Henry Fielding, no ensaio “Tom Jones e o romance

moderno”. A seção Letras Estrangeira permanece sob o comando de Otto Maria Carpeaux.

Destacaremos os textos que Rónai dedicou à literatura húngara, alguns deles retomados posteriormente em outros livros de sua autoria.

O primeiro deles, “Cinco antologias contra uma literatura”, apareceu no volume 6, de 1946, estendendo-se da página 52 a 57. O objetivo de Rónai é examinar cinco antologias então recentemente publicadas e que, segundo ele, não davam conta da grandeza e qualidade da literatura de sua terra natal.

O título marca de antemão a posição do crítico, ao chamar a atenção para o fato de as coletâneas publicadas em língua portuguesa não serem confiáveis. O primeiro parágrafo do artigo endossa sua atitude, ao observar que, primeiramente, quis adotar um dos seguintes títulos: *Como se fazem antologias* ou, o que causaria mais impacto, *Como não se devem fazer antologias*. Confessa que acabou adotando o título impresso para “salientar o efeito nocivo” (RÓNAI, 1946, p. 52)² das publicações a serem examinadas, todas denominadas *Contos húngaros*.

O parágrafo seguinte subscreve a frase do poeta Endre Ady (1877–1919), “o húngaro é um povo triste, de mau agouro”, acompanhando a noção de que seus conterrâneos se caracterizam “por uma estranha fatalidade que [o] acompanha por toda a história e lhe estrangula os melhores impulsos.” (p. 52) Também o terceiro parágrafo é consagrado à exposição das qualidades atribuídas ao povo húngaro, considerado pelos que não o conhecem, e que esposam a “propaganda turístico-política”, como um “grupo exótico de gaiatos boêmios estabelecido por erro em plena Europa, que veste roupas multicores e enfeitadas mesmo

² Fonte: *Província de São Pedro: Índice de Assuntos e Colaboradores. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias* – PUCRS. Porto Alegre, v. 2, n. 1, maio, 1996. Org. Carlos Alexandre Baumgarten.

nos dias úteis, bebe *tokaji*, baila *csárdás*, cavalga pela *puszta* afora, passa as noites cantando ao desafio com os músicos ciganos.” (p. 52)

O prólogo, crítico em relação aos modos como os húngaros são imaginados fora de suas fronteiras pátrias, tem o intuito de chamar a atenção para a importância da literatura produzida no país, já que a ela coube “a expressão autêntica e fiel de sua alma” (p. 52). Contudo, “encerrada como está num idioma quase inacessível”, não é suficientemente difundida. Coletâneas encarregadas de sintetizar a produção literária desempenham, pois, função primordial, e Rónai de certo modo comemora o lançamento quase simultâneo de cinco antologias de contos húngaros, traduzidos para a língua portuguesa: “Mesmo assim, começa a divulgar-se aos poucos [a literatura], e nada demonstra melhor o interesse que desperta do que o fato de terem saído nesses últimos anos, só em português, nada menos que cinco antologias do conto húngaro.” (p. 52)

A possível euforia do autor encerra-se imediatamente, pois, logo a seguir, ele emenda: “Haverá então tanta gente que sabe húngaro? Absolutamente não. Todas as coletâneas em apreço foram compiladas ao deus-dará e traduzidas de línguas intermediárias.” (p. 52) Segue-se rigoroso exame das antologias publicadas no Brasil e em Portugal, todas indiretas, sendo que alguns dos contos às vezes migram de um livro a outro, sem qualquer indicação desse fato. Outros erros apontados por ele são:

- “os organizadores das cinco antologias (...) não se impuseram o trabalho de estudar o mais levemente sequer o ambiente, os hábitos, nem sequer a literatura da Hungria. Daí um sem-número de deslizes, erros e disparates em cada uma delas.” (p. 53);

- eleição de autores desconhecidos ou irrelevantes, logo, ausência de contistas de relevo;

- confusão na transcrição dos nomes húngaros;

- carência de notas esclarecedoras;
- presença de informações erradas;
- erros de tradução.

Em seu artigo de estreia na *Província de São Pedro*, Rónai evidencia várias das qualidades que o tornaram a figura ímpar da cultura brasileira durante o período em que atuou como crítico e tradutor, a saber:

– o pleno domínio da língua portuguesa praticada no Brasil, que faculta a ele o emprego de expressões linguísticas do cotidiano – deus-dará, no trecho citado – e o humor com que descreve o modo pejorativo e preconceituoso como é entendido o povo húngaro fora de seus fronteiras, como aparece em outro trecho igualmente citado;

– o profundo conhecimento da literatura húngara e o rigor com que examina os produtos literários que dizem respeito à sua terra natal;

– o permanente amor por sua pátria, de onde teve de fugir, por causa do antijudaísmo do governo que aderiu ao programa nazista do Terceiro Reich. O fato, que poderia eventualmente provocar rancor no crítico, não o leva a conferir dimensão nacional e étnica a um problema originalmente de natureza política e ideológica.

No ano seguinte, agora responsável pela seção Letras Estrangeiras, e em meio ao exame de obras de autores da literatura europeia (Emile Brontë, Fiodor Dostoievski, Aldous Huxley, Somerset Maughan, entre outros), Rónai retoma a questão das antologias do conto húngaro no curto artigo “Uma sexta antologia”. Ao iniciar o texto, de um parágrafo apenas, o autor recorda que, também na *Província de São Pedro*, teve “ocasião [...] de fazer uma resenha das cinco antologias de contos

húngaros já publicados em português” (RONAI, 1947, p. 159).³ Seu estilo, marcado novamente pelo emprego bem humorado das virtualidades da língua portuguesa, aparece na segunda sentença do texto:

Mais uma [antologia] acaba de chegar de Portugal e, muito embora me desagradem em princípio florilégios organizados sob critérios superficiais e nada literários, como os que servem de base às antologias de conto humorístico, amoroso, policial ou até canino, felino e cavalhar (como as há nos Estados Unidos), acho de justiça mencionar esta, como bem melhor do que as antologias precedentemente perpetradas do conto húngaro. (p. 160)

O “bem melhor” deve-se aos fatores logo a seguir relacionados por Rónai:

– o organizador da coleção a que a coletânea se vincula “andou acertado ao traduzir do espanhol uma antologia já existente” (p. 160);

– deve-se a antologia já existente ao escritor húngaro Andrès Révész (1896–1970), “radicado na Espanha” (p. 160), e não a um brasileiro ou português pouco conhecedor da literatura do país de onde se originaram as histórias selecionadas;

– O organizador da antologia é competente: Andrès Révész “não somente conhece bem a língua e a literatura da Hungria, como também possui o senso de humor e soube escolher contos geralmente bons, alguns deliciosos.” (p. 160)

Nem tudo, porém, é matéria para elogios: as notas biográficas do organizador resumem-se a “adjetivos banais” (p. 160); além disso, faltam “notas de pé de página para esclarecer mais de um costume ou alusão local incompreensível ao leitor estrangeiro.” (p. 160)

³ Doravante indicaremos tão somente o número das páginas em que se encontram os trechos extraídos desse artigo.

A última frase do curto artigo é profética, pois Rónai conclui com a afirmação: “contudo, a verdadeira antologia do conto húngaro em português (e mesmo em qualquer outra língua) está por fazer.” (p. 160). Considerando que, em 1954, Rónai publica o *Roteiro do conto húngaro*, com narrativas diretamente traduzidas da língua magiar, e em 1957, sua mais conhecida *Antologia do conto húngaro*, podem-se entender as resenhas até aqui examinadas enquanto proposta de poética não apenas da tradução, mas também da elaboração de coletâneas. Para tanto, importam os seguintes fatores:

- tradução direta desde o idioma vernáculo;
- conhecimento não apenas da língua original, mas domínio do idioma para o qual os contos são vertidos;
- valorização do patrimônio literário autenticamente importante, que dê conta do que de melhor produziu a nação traduzida, qualidade que falta nas seis antologias examinadas entre 1946 e 1947, em especial nas cinco primeiras;
- elaboração de paratextos que contextualizem os autores, notas biográficas que destaquem fatos relevantes, produção de rodapés que colaborem para o leitor acompanhar os acontecimentos narrados.

O modelo não era desconhecido pelo crítico, pois ele foi capaz de identificá-lo. quando resenhou, em 1946, a coletânea de contos romenos, organizada por Victor Buescu:

Organizado e traduzido por Victor Buescu, publicado na coleção Contos e Novelas, da Editorial Gleba, de Lisboa, este volume pode ser considerado um modelo de antologia. Os contos, escolhidos com acerto e traduzidos não somente com propriedade mas com sabor, dão uma ideia bem nítida de uma literatura mal conhecida fora de seu país. Segundo se depreende de seu conjunto, a literatura romena se caracteriza por uma forte

atmosfera rústica, desenvolvida sob influências ocidentais e levantinas estranhamente cruzadas. (...) As notas introdutórias e outras, de pé de página, são excelentes. Entre os contos não há nenhum que não possua qualidades. (RÓNAI, 1946: 142)

No volume 12, do último quadrimestre de 1948, Rónai apresenta a resenha do ensaio, publicado naquele ano em Budapeste, “O fundo social da nossa literatura”, de Aladár Komlós (1892-1990), crítico literário e historiador que, como Rónai, pertencia à etnia judaica.⁴ Rónai desde logo avalia positivamente o ensaio de Komlós, ao destacar que, “apesar de sua reduzida extensão”, o texto é “riquíssimo em sugestões para uma reconsideração de toda a evolução literária da Hungria.” (RÓNAI, 1948: 150)⁵

A seguir, sumaria as principais teses de Komlós, ao indicar as marcas do caráter dominante da literatura húngara, “desde o início até começos do século passado”, tais como: “a falta de continuidade; a ausência de escolas; o suceder-se, a grandes intervalos, de personalidades excepcionais e isoladas; a inexistência de uma repercussão.” (p. 150). Komlós identifica igualmente as causas para o que considera “as grades” do monólogo a que é condenado o escritor húngaro: “a secular estrutura social da Hungria”, dividida entre “a massa camponesa, condenada a uma existência miserável e puramente física, e a nobreza, afeita às ocupações guerreiras e alheia a preocupações espirituais” (p. 150), a que se soma a ausência de uma burguesia “que procurasse atingir e ultrapassar a nobreza no terreno intelectual”. (p. 150). A nobreza, às vezes tão empobrecida quanto o campesinato, e bastante conservadora, não foi capaz, da sua parte, de suscitar o aparecimento de escri-

⁴ Aladár Komlós fora também professor de Paulo Rónai. Cf. SPIRY, Zsuznanna Filomena. Op. cit. p. 136.

⁵ Doravante indicaremos tão somente o número das páginas em que se encontram os trechos extraídos desse artigo.

tores, o que só pode ocorrer em “períodos de preparação revolucionária” (p. 151), de que são exemplos movimentos como o Romantismo e o do poeta Endre Ady, ao lado do grupo da revista *Nyugat*.

Ao concluir, Rónai aponta os méritos do ensaio de Komlós: seu bom-senso, que o torna “infenso a qualquer dogma ou superstição da história literária” (p. 151); o fato de que não se deixa “sugestionar pelo método sociológico, embora seja ele, talvez, um dos primeiros a aplicá-lo, na Hungria, ao fenômeno literário” (p. 151); o posicionamento que o impede de “julgar o valor literário das obras pela classe ou pela consciência de classe dos escritores das épocas antigas” (p. 151). Por último, sublinha a qualidade mais importante do estudo de Komlós:

Uma grande novidade do ensaio consiste na comparação contínua da vida literária da Hungria com a de outros países do Oriente europeu, de estrutura social parecida; esse método faz que os resultados do autor tenham mais solidez e, ao mesmo tempo, valor mais geral. A região danubiana aparece-nos, graças a ele, muito mais unida do que pensávamos antes. (p. 151).

A resenha mostra um Rónai atento à produção literária e intelectual de sua Hungria natal. E, nas entrelinhas, percebe-se que o então professor e crítico estava atualizado com as correntes estéticas em evidência, como é o caso da Sociologia da Literatura, que, no Brasil, se expande a partir dos anos 1950, sobretudo por efeito da ação e das pesquisas de Antônio Candido.

Tais são os artigos e resenhas que Paulo Rónai dedica à literatura de sua pátria. Mas vale a pena destacar o texto, de cunho memorialista, “Primeiro contato com a literatura brasileira”, originalmente

publicado em *O Estado de São Paulo* e reproduzido no volume 13 da *Província de São Pedro*, uma vez que seu tema remete a experiências do autor em sua cidade natal.

No parágrafo de abertura, o autor relembra que chegara ao Brasil cinco anos antes, país sobre o qual pouco sabia, “a não ser que tinha bons poetas.” (RÓNAI, 1949: 176)⁶ Como esse conhecimento parece surpreendente a seus amigos, ele explica por que e como lhe ocorreu “ler e traduzir versos brasileiros para a minha língua.” (p. 176). Foram, segundo ele, “acontecimentos fortuitos” que o conduziram à língua portuguesa e à literatura brasileira. O primeiro desses eventos deu-se à época em que lecionava italiano na escola onde trabalhava.

Nesta ocasião, depara-se com um estudante que lia “às escondidas um livro que guardava debaixo da mesa”. (p. 177) Para sua surpresa, tratava-se de uma “gramática portuguesa para húngaros”, porque o jovem preparava-se para emigrar para o Brasil, “para procurar diamantes”. (p. 177) O professor não devolve logo o livro, porque sua curiosidade para com a língua portuguesa já tinha sido despertada em Paris, quando encontrara a compilação de poemas produzida em Portugal por Carolina Michaelis (1851-1925). Porém, a gramática tomada de empréstimo do garoto permite-lhe ter acesso a “um livro impresso no Brasil”. (p. 177)

De posse do nome da editora brasileira – Livraria Húngara de São Paulo – Rónai pede ao pai, livreiro, que encomende uma antologia de poesia brasileira. Recebe então a *Antologia de poesias paulistas*, de onde traduz um poema de Correia Júnior (1900–1940), além de outros versos de autores ainda menos conhecidos.

⁶ Indicaremos doravante tão somente o número das páginas em que se encontram os trechos extraídos desse artigo.

O cônsul brasileiro em Budapeste tem acesso a uma dessas traduções e coloca-o em contato com o jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. Os contatos mantidos com a poesia brasileira motivaram-no a organizar sua primeira coletânea: *Mensagem do Brasil*, de 1939, abrindo aos poucos as portas que o levaram à sua pátria de adoção, destino que talvez não tenha sido compartilhado pelo estudante que lhe emprestou uma primeira gramática da língua portuguesa.

Rónai conclui o relato memorialista com a comparação entre os sucessos dos dois: “Ofereço este caso a quem goste de meditar sobre o que Thomas Hardy chamou “as pequenas ironias da vida”. O meu aluno B. quis vir ao Brasil buscar diamantes. Quem veio, fui eu – e em vez de diamantes, encontrei poesias e romances.” (p. 178)

Não é com esta narrativa, em que se constata a resistência de Rónai a apelar para metáforas fáceis que a menção aos diamantes facultaria, que o autor se despede da *Província de São Pedro*. Mas é um ponto alto de sua trajetória em um periódico que, nascido logo após o final da guerra e à época em que o Brasil redescobria a democracia, atravessou a maior parte da década seguinte.

Os vínculos com a editora Globo não se encerravam aí, porém. Responsável pela organização da tradução e publicação de todos os volumes da *Comédia humana*, de Honoré de Balzac,⁷ projeto iniciado em 1945, Rónai prosseguiu seu trabalho até o final, em meados dos anos 1950 e ainda hoje mantido no catálogo da empresa que então o contratou.

⁷ Paulo Rónai responsabilizou-se também pelo acompanhamento da tradução de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, projeto igualmente patrocinado pela editora Globo, de Porto Alegre.

Bibliografia

Província de São Pedro: Índice de Assuntos e Colaboradores. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias* – PUCRS. Porto Alegre, v. 2, n. 1, maio, 1996. Org. Carlos Alexandre Baumgarten.

RÓNAI, Paulo (1946). Cinco antologias contra uma literatura. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, ano 2, n. 6, set. 1946.

RÓNAI, Paulo (1946). Contos romenos. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, ano 2, n. 7, dez. 1946.

RÓNAI, Paulo (1947). Uma sexta antologia. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, ano 3, n. 10, set./dez.1947.

RÓNAI, Paulo (1948). O fundo social da nossa literatura. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, ano 4, n. 12, set./dez.1948.

RÓNAI, Paulo (1949). Primeiro contato com a literatura brasileira. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, ano 5, n.13, mar./jun.1949.

Uma ponte cultural

Paulo Rónai, um filho da Hungria a serviço da cultura brasileira

Zsuzsanna Spiry

Universidade de São Paulo

Resumo: Considerando que a vida profissional de Paulo Rónai aconteceu em dois países muito distantes entre si, tanto física como culturalmente falando, na proporção de cerca de uma quarta parte na Hungria, até 1941, e de cerca de três quartos no Brasil, e apesar de sua atividade ser extremamente demandante de intimidade com a cultura e a literatura locais, e considerando que essa mudança de ambiente cultural não promoveu nenhuma descontinuidade em suas atividades – reconfiguração talvez, mas não descontinuidade – procura-se aqui confrontar alguns elementos que lhe permitiram a criação de uma ponte cultural entre Brasil e Hungria, com alguns elementos semelhantes do um outro homem de letras brasileiro – Antonio Candido – com o objetivo da constatação de suas características. A hipótese levantada reside no pertencimento de Rónai à geração húngara de 1900, isto é, “*az 1900 nemzedék*”, que o capacitou de tal maneira a possibilitar tal realização.

No Brasil, quando se começa estudar a vida e a obra de Paulo Rónai, chama atenção a quantidade de profissões que lhe são atribuídas, isto é, atividades que ele comprovadamente desempenhou ao longo de sua carreira, conforme atesta a sua produção bibliográfica¹:

¹ SPIRY 2009.

Paulo Rónai	Profissão
Brasil	lexicógrafo, filólogo, dicionarista, crítico literário, tradutor, lingüista, antologista, historiador literário, professor de línguas, editor

Já na Hungria, todas essas denominações e atividades cabem em uma única palavra:

Paulo Rónai	Profissão
Hungria	irodalmár

Esse quadro, assim como diversos outros exemplos que se poderia citar, sugere que existem diferenças conceituais por trás de palavras aparentemente semelhantes – no exemplo o termo profissão – e ao se empreender qualquer estudo visando analisar e aproximar duas realidades culturais tão distantes como a brasileira e a húngara, deve-se sempre levar em conta essas diferenças, notadamente os campos semânticos que os termos abrangem nas duas culturas.

Dito isso, gostaria de, em rápidas pinceladas, destacar alguns pontos que considero fundamentais em Paulo Rónai. Fazendo jus à definição que John Lukács² dá à “geração de 1900” – *1900 nemzedék* –, em sua bagagem de imigrante Paulo Rónai leva para o Brasil uma tradição cultural humanista que coloca a serviço da nação brasileira através da crítica literária publicada em jornais, da publicação de livros, dicionários, antologias, manuais de francês e latim, da intensiva prática de tradução e correspondente teorização. Enquanto na Hungria, Kosz-

² LUKÁCS 2009.

tolányi Dezső³ publica sua antologia de traduções poéticas – *Modern költők* – e Babits Mihály⁴ o seu livro de história literária da Europa – *Az Európai Irodalom Története* –, ou Szerb Antal⁵ discute a literatura mundial em *A Világirodalom Története*, no Brasil Rónai oferece aos brasileiros os dez volumes de sua antologia de contos que cobre 2.000 anos de literatura: *Mar de Histórias, Uma Antologia do Conto Mundial*⁶. Também, devido à sua *expertise* em Balzac, Rónai é convidado pela Editora Globo a organizar e a coordenar a publicação da tradução brasileira de *A Comédia Humana*, de Balzac⁷, em uma edição que viria a ser premiada até pelo governo francês e passa a ser considerada a melhor edição da *Comédie* fora da França. Além de escrever uma introdução para cada uma das 89 novelas e/ou romances que compõem a obra, Rónai também assina a introdução geral, 125 páginas sobre a vida de Balzac, além de inserir 7.493 notas de rodapé espalhados pelos 17 volumes, visando contextualizar a obra para o leitor brasileiro, com isso erguendo uma verdadeira ponte cultural entre duas sociedades tão distantes quanto a França e o Brasil dos anos 1940.

Ao longo de sua vida brasileira, Rónai não se esquece jamais de sua terra natal: para contar ao Brasil sobre os habitantes da terra onde nasceu, ocorreu-lhe oferecer aos brasileiros uma *Antologia de Contos Húngaros*⁸, pois ele acredita que a literatura de um grupo social conta a sua história. Também traduziu para o português brasileiro, uma das obras clássicas de sua terra natal: *Os Meninos da Rua Paulo*⁹, de Ferenc

³ KOSZTOLÁNYI 1922.

⁴ BABITS 1959.

⁵ SZERB 1958.

⁶ RÓNAI 1945–1963.

⁷ BALZAC 1945–1955.

⁸ RÓNAI 1957.

⁹ MOLNÁR 1952.

Molnár, que atualmente já ultrapassa a marca de 100 re-edições e/ou reimpressões e é presença obrigatória nas livrarias.

Apesar das grandes diferenças culturais entre Brasil e Hungria de 1941, o imigrante Rónai Pál rapidamente se aclimata ao ambiente cultural brasileiro, e se transforma em um brasilianista, por exemplo, uma autoridade em João Guimarães Rosa: até hoje não tem livro do poeta mineiro nas prateleiras das livrarias que não traga algum ensaio crítico de Rónai. Não sem razão a Academia Brasileira de Letras premia Paulo Rónai cinco vezes ao longo de sua vida. Assim como os governos: brasileiro, francês e húngaro.

Em 1946, indo contra a maré daqueles que só ficaram no debate provocado pelo estilo inovador de João Guimarães Rosa quando este lançou seu primeiro livro, *Sagarana*, em vez de ficar nos “devaneios do estranhamento do novo”, como disse um crítico brasileiro da época, “Rónai fez uma boa leitura já no nascedouro”¹⁰. É sabido que Guimarães Rosa, hoje reconhecido como um dos maiores ícones da literatura brasileira, na verdade, só obteve reconhecimento geral dez anos depois, a partir de 1956, quando lançou *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*. Segundo o historiador literário Alfredo Bosi¹¹ somente os críticos Paulo Rónai e Antonio Candido foram capazes de perceber, de imediato, a potencialidade de Guimarães Rosa.

Assim, no dia 11/07/1946, no jornal *O Diário de Notícias* – Rio de Janeiro –, no artigo *A Arte de Contar em Sagarana*, Rónai começa discutindo alguns aspectos da literatura regionalista:

O regionalismo envolve antes um obstáculo e uma limitação do que um recurso. A riqueza léxica, em particular, longe de constituir um atrativo – a não ser para os estudiosos da língua – torna a obra menos acessível

¹⁰ BOSI 1978.

¹¹ Idem.

à maioria dos leitores. [...] Em *Sagarana*, J. Guimarães Rosa afronta todos esses empecilhos. Apresenta-se como o autor regionalista de uma obra cujo conteúdo universal e humano prende o leitor desde o primeiro momento. [...] É sobretudo quase impossível falar desta obra abstraindo-se o aspecto da expressão verbal, que nela é de excepcional importância. O autor não apenas conhece todas as riquezas do vocabulário, não apenas coleciona palavras, mas se delicia com elas numa alegria quase sensual, fundindo num conjunto de saber inédito arcaísmos, expressões regionais, termos de gíria e linguagem literária.¹²

Em seguida, Rónai localiza a obra de Guimarães Rosa na arte de narrar em um contexto muito mais universalizante do que regional, analisando de que forma o autor lida com o gênero, de que maneira faz transcorrer os diversos episódios dando forma textual segundo as características dos personagens, com “uma arte consciente que se disfarça sob um ar de naturalidade”¹³. Ao longo do artigo, Rónai vai associando os movimentos elaborados por Guimarães Rosa, a sua literatura, a autores como o dramaturgo americano Thornton Wilder ou o poeta brasileiro Ribeiro Couto, e até mesmo à atmosfera mítica da balada escocesa.

Curiosamente, no mesmo dia 11/07/1946, sai em São Paulo o artigo *Sagarana*, de Antonio Candido. Coerente com sua formação de sociólogo, a visada de Antonio Candido privilegia a tessitura sociológica de Guimarães Rosa: a sua análise de *Sagarana*¹⁴ está profundamente arraigada à discussão da identidade nacional. Antonio Candido começa o artigo também destacando a posição da literatura regionalista no processo de afirmação da *intelligentsia* nacional. Diz ele:

¹² RÓNAI 1958:129.

¹³ Idem: 131.

¹⁴ CANDIDO 1946.

*Além das convenções literárias, Sagarana se caracteriza por um soberano desdém das convenções. O Sr. Guimarães Rosa – cuja vocação de virtuose é inegável – parece ter querido mostrar a possibilidade de chegar à vitória partindo de uma série de condições que conduzem, geralmente, ao fracasso. [...]. Pois o Sr. Guimarães Rosa partiu de todas estas condições [...]; não rejeitou nenhuma delas e chegou a verdadeiras obras-primas, como são alguns contos de Sagarana.*¹⁵

Então, Antonio Candido discute qual seria a posição de Guimarães Rosa nesse processo, evocando os nomes nacionais que já teriam trilhado o mesmo caminho. Também verifica de que maneira o exotismo do léxico de Guimarães Rosa teria sido um recurso presente, entre outros, no regionalismo nordestino ou gaúcho. No final, destaca de que maneira a obra privilegia a região como um verdadeiro personagem, “tanta é a persistência e a profundidade com que vêm invocados a sua flora, a sua fauna, o seu relevo”¹⁶. Antonio Candido usa mais da metade de seu texto na discussão e localização de elementos sociais, econômicos e até políticos que a obra *Sagarana* lhe sugere.

Apesar de ambos – Antonio Candido e Paulo Rónai – mencionarem que literaturas regionalistas apresentam obstáculos que em geral levam a fracassos, ambos concordam que Guimarães Rosa foi soberbo em contornar tais armadilhas. Em seu artigo Paulo Rónai conclui:

Para muitos escritores fracos, o regionalismo é uma espécie de tábua de salvação, pois têm a ilusão – e com eles parte do público – de que o armazenamento de costumes, tradições e superstições locais, o acúmulo de pa-

¹⁵ Idem: 187.

¹⁶ Idem: 188.

*lavrás, modismos e construções dialetais, a abundância da documentação folclórica e lingüística superam as falhas da capacidade criadora. [...]*¹⁷

Colocados, pois, lado a lado, o que vemos nas duas abordagens são trabalhos distintos, com enfoques e fundamentações diversificadas, sendo que o humanista Paulo Rónai discute a posição da produção literária nacional diante da literatura mundial.

Existe ainda um outro paralelo a se fazer entre os mesmos críticos. Em momentos bem diferentes, ambos foram questionados sobre o mesmo tema, isto é, que livros recomendariam para alguém que quisesse conhecer o Brasil.

Livros sobre Brasil	
Paulo Rónai, em 1944	Antonio Candido, em 2000
Pergunta: <i>Os livros que mais lhe ajudaram a conhecer o Brasil</i>	Pergunta: <i>Os 10 livros importantes para se conhecer o Brasil</i>

Rónai foi solicitado por um colunista a indicar quais livros, de uma determinada lista, deveriam compor uma Biblioteca Modelo da literatura brasileira¹⁸. Este fato ocorreu em 1944, somente três anos após a chegada de Rónai ao Brasil. Devido a isso, ele se escusa de eleger a lista solicitada, por não conhecer toda literatura nacional ainda, mas para não deixar de atender ao pedido, Rónai oferece uma lista das 15 obras que, esses sim, “mais o ajudaram e continuam ajudando a compreender o Brasil”. Em seguida explica:

¹⁷ Idem nota 13 acima: 129.

¹⁸ Carta de Paulo Rónai endereçada a Dalcídio Jurandir, Redação de Diretrizes datada de 1º de julho de 1944, localizada em seu acervo particular. Material não publicado.

*Se a maioria deles são obras de ficção, isto é devido em parte ao interesse que desde a Europa senti pela literatura brasileira – mas ao mesmo tempo acho que as revelações dos grandes poetas e romancistas a respeito de seu país não são menos preciosas do que as conclusões dos historiadores ou dos sociólogos.*¹⁹

Em seu argumento, percebe-se mais uma vez a firme convicção que Rónai tem sobre a importância dos elementos constitutivos da literatura que, em sua opinião, podem sim retratar a cultura de uma nação.

No ano de 2000, uma pergunta semelhante foi feita ao mesmo Antonio Candido acima citado, que a essas alturas já era nacionalmente respeitado como crítico literário e professor da USP, tido como um importante formador de opinião. Antonio Candido começa sua resposta com a seguinte ressalva²⁰:

Quando nos pedem para indicar um número muito limitado de livros importantes para conhecer o Brasil, oscilamos entre dois extremos possíveis: de um lado, tentar uma lista dos melhores, os que no consenso geral se situam acima dos demais; de outro lado, indicar os que nos agradam e, por isso, dependem sobretudo do nosso arbítrio e das nossas limitações. Ficarei mais perto da segunda hipótese. [...] já que é impossível enumerar todos os livros importantes no caso, e já

¹⁹ Idem.

²⁰ Antonio Candido indica 10 livros para conhecer o Brasil. Localizado no blog da Boi Tempo editorial, em 17/05/2013, o artigo original foi publicado na edição 41 da revista *Teoria e Debate* – em 30/09/2000.

<http://blogdaboitempo.com.br/2013/05/17/antonio-candido-indica-10-livros-para-conhecer-o-brasil/>.

que as avaliações variam muito, indicarei alguns que abordam pontos a meu ver fundamentais.

E então, antes de citar os livros, ele elenca uma lista de aspectos que acha fundamentais, quando se pensa a constituição do Brasil e que vão nortear suas escolhas:

São fundamentais tópicos como os seguintes: os europeus que fundaram o Brasil; os povos que encontraram aqui; os escravos importados sobre os quais recaiu o peso maior do trabalho; o tipo de sociedade que se organizou nos séculos de formação; a natureza da independência que nos separou da metrópole; o funcionamento do regime estabelecido pela independência; o isolamento de muitas populações, geralmente mestiças; o funcionamento da oligarquia republicana; a natureza da burguesia que domina o país.

Observa-se, pois, a agenda totalmente sociológica de Antonio Candido, apesar de ele ser considerado atualmente o mais importante crítico literário brasileiro vivo, tendo influenciado profundamente a formação de figuras como Roberto Schwarz, Davi Arrigucci Jr., e várias gerações da recente crítica literária brasileira.

Ao examinar e comparar a lista que Rónai e Antonio Candido apresentaram, observa-se um fato significativo: vários itens da lista apresentada em 2000 por Antonio Candido coincidem com os itens da lista que Rónai havia apresentado em 1944:

Livros sobre Brasil – opinião PR e AC coincidem	
Paulo Rónai - 1944	Antonio Candido - 2000
Autor / obra	Autor / obra [temática]
Euclydes da Cunha: <i>Os Sertões</i> (1902)	idem [populações sertanejas x civilização urbana]
Gilberto Freyre: <i>Casa Grande e Senzala</i> (1933)	idem [interação entre o português x índio x negro = brasileiro]
Sergio Buarque de Hollanda: <i>Raízes do Brasil</i> (1936)	idem [natureza do brasileiro a partir da herança portuguesa]

30% dos livros indicados por Rónai e Antonio Candido são exatamente os mesmos. A destacar a temática sociológica dessas obras. Tudo leva a crer que foi através desse tipo de literatura que foi possível a Rónai aquela rápida aclimatação à sua nova pátria, conforme citado anteriormente.

Alguns livros que Antonio Candido recomenda em 2000 são de data posterior à lista de Rónai, de 1944. Por esta razão, na comparação entre as duas listas, também se observou a temática das obras, como uma forma de contornar esse *gap* temporal. A conclusão a que se chega é que esses livros que Rónai indicou eram tão significativos para a questão proposta – conhecer o Brasil – que no ano de 2000, ou seja, quase 60 anos depois, ainda continuavam a ser representativos no desempenho desta mesma função, já que também aparecem na lista de Antonio Candido. E outros, apesar de título e autor não coincidirem, no quesito temática são coincidentes.

Livros sobre Brasil – temática coincide	
Paulo Rónai - 1944	Antonio Candido - 2000
<i>Os livros que mais lhe ajudaram a conhecer o Brasil</i>	<i>Os 10 livros importantes para conhecer o Brasil</i>
José Lins do Rego: <i>O Ciclo da Cana de Açúcar</i> [<i>Menino de Engenho, Doidinho</i> (1933), <i>Bangüê</i> (1934), <i>O Moleque Ricardo</i> (1935), e <i>Usina</i> (1936)] [decadência do engenho de açúcar]	Kátia de Queriós Mattoso: <i>Ser escravo no Brasil</i> (1982) [escravidão]
João Ribeiro: <i>História do Brasil</i> (1901) [primeira obra sobre a história do Brasil, de cunho sócio cultural]	Darcy Ribeiro: <i>O Povo Brasileiro - A formação e o sentido do Brasil</i> (1995) [introdução geral à história do povo brasileiro]
Gilberto Freyre: <i>Sobrados e Mucambos</i> (1936) [com o fim da escravidão, decadência do sistema patriarcal]	Manuel Bonfim: <i>A América Latina, Males de origem</i> (1905) [herança política do conservadorismo]
Machado de Assis: <i>Dom Casmurro</i> (1899) [completa a trilogia realista, com <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> e <i>Quincas Borba</i>].	Manuela Carneiro da Cunha (org): <i>História dos índios do Brasil</i> (1992) [índios brasileiros]
Manuel Antônio de Almeida: <i>Memórias de um Sargento de Milícias</i> (1854) [incorpora a linguagem das ruas, classes média e baixa]	Sérgio Buarque de Holanda: <i>Do Império à República</i> (1972), [funcionamento da administração e da vida política]

<p>Graciliano Ramos: <i>São Bernardo</i> (1934) [Ciclo da Seca, movimento Modernista da 2ª Geração (1930-1945)]</p>	<p>Caio Prado Júnior: <i>Formação do Brasil contemporâneo, Colônia</i> (1942) [abordagem econômica]</p>
<p>Manuel Bandeira (sel) e Edgard Cavalheiro (notas): <i>As Obras Primas da Lírica Brasileira</i> (1943) [antologia de contos]</p>	<p>Vitor Nunes Leal: <i>Coronelismo, enxada e voto</i> (1949) [mecanismos políticos da República Velha (1889-1930)]</p>
<p>Lima Barreto: <i>Vida e morte de Polycarpio Quaresma</i> (1915) [dois títulos: Triste fim de Policarpo Quaresma; pre-modernista]</p>	<p>Florestan Fernandes: <i>A revolução burguesa no Brasil</i> (1974) [industrialização]</p>

Evidentemente, as duas listas não são 100% semelhantes, então não é possível alinhar tudo com perfeição. Mas a análise da temática permite perceber uma grande semelhança entre as obras indicadas por ambos críticos, até mesmo nos próximos quatro itens a seguir que completam a lista de Paulo Rónai. Apesar de serem romances, as temáticas em torno das quais foram elaboradas continuam comprovando a hipótese anteriormente discutida. E comprovam o que Rónai afirmou quanto à literatura ser um espelho da cultura de um país.

Outros Livros sobre Brasil	
Paulo Rónai - 1944	
<i>Os livros que mais lhe ajudaram a conhecer o Brasil</i>	
Aluízio Azevedo: <i>O cortiço</i> (1890) [romance naturalista]	
José Lins do Rego: <i>Pedra Bonita</i> (1938) [ciclo do cangaço]	
Arthur Ramos: <i>O negro brasileiro</i> (1934) [psicólogo social, folclorista e antropólogo, descreve o papel do escravo brasileiro]	
Silvio Romero: <i>História da Literatura Brasileira</i> (1888) [inicia em 1500]	

O que chama a atenção também, do ponto de vista de Rónai, é que, o olhar que esse literato húngaro lançou sobre o Brasil quando ainda vivia na Europa, onde nasceu em 1907, e mesmo depois, ainda recém chegado às terras brasileiras, se revelou muito semelhante ao olhar de Antonio Candido, brasileiro nato, nascido em 1918, de formação sociológica, apesar da prática literária. Seus enfoques eram diferentes sim, mas ambos usaram ferramentas literárias muito parecidas para compreender o Brasil. Portanto, qualquer observador estrangeiro que queira atravessar essa ponte cultural, tem, nessas recomendações, um amplo panorama.

Para encerrar, seria interessante examinar rapidamente a maneira como esse olhar que Rónai lançou sobre o Brasil refletiu em suas publicações, para verificar se seu olhar mudou depois que ele passou a ser “brasileiro”. Com esse objetivo, foi verificado o conteúdo de quatro obras

publicadas por ele para ver se temáticas e autores mudaram ao longo de sua vivência com a cultura brasileira. A primeira obra – *Brazília üzen* –, lançada ainda na Hungria, em 1939, contendo suas traduções de poesia brasileira para húngaro. Como esse gênero não continuou presente em suas obras publicadas no Brasil, o critério de análise foi focado somente nos autores que ele fez constar das obras.

Brazília Üzen	Encontros com o Brasil	Boszorkányszombat	Pois É
1939 – Hu	1958 – Br	1986 – Hu	1990 – Br
gênero: poesia	gênero: romance / contos	gênero: romance/ conto	gênero: vários lit.

No Brasil, o espaço para o gênero poesia era tão pequeno que os outros gêneros passaram a receber maior destaque do crítico. Nas obras destacadas nesta tabela, o gênero predominante é o conto, mas tanto o romance como o ensaio literário também estão presentes. O objetivo aqui não é discorrer sobre literatura, mas o de alertar para as datas e o número de vezes em que os mesmos autores aparecem nas diferentes obras. Tivesse Rónai conhecido Aurélio Buarque de Hollanda e Guimarães Rosa ainda na Hungria, certamente eles também estariam em *Brazília Üzen*. Mas o que parece mais significativo é mostrar que Rónai não mudou de opinião sobre vários autores que ele descobriu antes mesmo de morar no Brasil. Donde se conclui que as ferramentas de trabalho que ele obteve com a carga cultural com que foi capacitado durante seus anos de formação na Hungria, no período denominado pro John Lukács como a “geração de 1900”, juntamente com suas tendências pessoais, foram o grande diferencial de sua performance como

irodalmár, um termo que não tem equivalente no português brasileiro, mas que poderia ser vagamente traduzido por “*homem de letras*”.

Presença de autores em diversas obras de Paulo Rónai				
obra	Brazília Üzen	Encontros com o Brasil	Boszorkány-szombat	Pois É
data	1939 – Hu	1958 – Br	1986 – Hu	1990 – Br
gênero	poesia	romance / contos	romance / contos	vários lit.
			Aníbal Machado	X
		Aurélio Buarque de Hollanda	X	2x
	Carlos Drummond de Andrade	X	X	3x
	Cecília Meirelles	X		3x
		João Guimarães Rosa	X	5x
	Jorge de Lima	X		
		Lima Barreto	X	
	Mário de Andrade		X	
	Ribeiro Couto	X	X	
		Raquel de Queiróz	X	X

Algumas diferenças observadas nesse quadro se devem ao gênero praticado pelos autores considerados; outras, como já citado, pelo fato de, na Hungria, Rónai ainda não conhecer o autor, ou, como o caso de Guimarães Rosa, ele somente ter publicado em data posterior à saída de Rónai da Hungria²¹. Assim como em todas as comparações, esta também incorre em cuidados, pois as características das obras nem sempre coincidem. É o caso de *Pois É*, a última obra de Paulo Rónai, que apesar de suas mais de 400 páginas, abrange outros temas que não somente a literatura brasileira. Mas nos capítulos em que essa literatura é abordada, os autores mais privilegiados são alguns que Rónai praticamente conheceu ainda na sua fase húngara, como Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meirelles. Mas mesmo na fase brasileira, alguns autores, além dos já citados, como Aurélio Buarque de Hollanda, Guimarães Rosa e Raquel de Queirós são presença constante nas publicações de Rónai. A tabela também permite confirmar o trabalho intensivo que Rónai realizou com a obra de Guimarães Rosa, já que o mesmo é o campeão de presença no livro *Pois É*, considerado um auto-retrato biográfico de Paulo Rónai.

Conclui-se, pois, como já dito, que devido ao seu background cultural, isto é, à excelência da formação que caracterizou a geração húngara da virada do século XX, e à realidade multiétnica da Hungria durante os anos de formação de Paulo Rónai, ele tinha total ciência da importância e da força da cultura brasileira. E também tinha ciência, por paralelismo ao seu *milieu* original, de que desconhecía uma parcela dessa mesma cultura.

²¹ Cabe destacar que nesta tabela só estão presentes aqueles autores que também apareceram mais vezes em obras futuras. A lista completa dos autores presentes em cada obra excede, em muito, o escopo desta análise.

Destarte, ao invés de produzir uma crítica local, talvez imperfeita, preferiu construir uma ponte cultural entre o Brasil e a literatura universal, que espelhasse e caracterizasse a produção literária brasileira diante das demais literaturas, como também dar acesso ao leitor nacional através da tradução de contos universais e dos paratextos que inseriu em suas obras, notadamente em *Mar de Histórias – Uma antologia do Conto Universal* e da localização que promoveu ao longo dos 17 volumes de *A Comédia Humana*, de Balzac.

Bibliografia

BABITS, Mihály (1959). *Az Európai irodalom története*, Graz, Akademische Druck- U. Verlagsanstalt, Vol. I–II.

BALZAC, Honoré (1945-1955). *A Comédia Humana*. Porto Alegre, Globo, Vols. I–XVII. (Rónai responsável pela organização, coordenação da tradução, revisão, introdução de cada um dos 89 contos e/ou romances, pela biografia introdutória sobre a vida de Balzac no Vol.I, inserção de 7.493 notas de tradução).

BOSI, Alfredo. (org.) (1978). *O Conto Brasileiro Contemporâneo*, São Paulo, Cultrix, 3.ed.. (Seleção, introdução e notas biobibliográficas).

CANDIDO, Antonio (1946). *Notas de Crítica Literária – Sagarana*. São Paulo, Diário de São Paulo, 11 de julho de 1946. CANDIDO, Antonio. *Textos de Intervenção*.

KOSZTOLÁNYI, Dezső (1922). *Modern költők. Külföldi antologia a költők arcképeivel*, Budapest, Révai, 2ª ed.ampl.

LUKÁCS, John. (2009). *Budapeste 1900 – Um retrato histórico de uma cidade e sua cultura*, Rio de Janeiro, José Olympio Ed.

MOLNÁR, Ferenc. (1952). *Os meninos da rua Paulo*. Tradução e prefácio: Paulo Rónai. Revisão: Aurélio Buarque de Holanda, São Paulo, editora Sarai-va. (2006) Posfácio, Nelson Ascher. São Paulo: Cosac & Naif.

RÓNAI, Paulo (1939). *Bazília üzen: mai brazil költők*, Budapest, Vajda János.

RÓNAI, Paulo. (1945–1963) *Mar de Histórias – Antologia do conto mundial*. Com Aurélio Buarque Holanda, Rio de Janeiro, José Olympio, 10 v.

RÓNAI, Paulo (1946). *A Arte de Contar em Sagarana*, Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, edição de 11 de julho de 1946.

RÓNAI, Paulo (1957). *Antologia do conto húngaro*, Prefácio GUIMARÃES ROSA, João. *Pequena Palavra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (seleção, tradução e introdução).

RÓNAI, Paulo. (1958a). *A Arte de Contar em Sagarana*, RÓNAI, Paulo. *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro, Min. Educação e Cultura, Inst. Nac. Livro.

RÓNAI, Paulo (1958b). *Encontros com o Brasil*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro.

RÓNAI, Paulo (1986). *Boszorkányszombat: Brazil elbeszélők*, organização, seleção e notas de Rónai Pál, tradução para húngaro de 6 tradutores, Budapest, Európa.

RÓNAI, Paulo (1990). *Pois É: ensaios*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

SPIRY, Zsuzsanna (2009). “Paulo Rónai, um brasileiro *made in Hungary*” em <http://mek.oszk.hu/07200/07245/> .

SZERB, Antal (1958). *A Világirodalom Története. I–II.*, Budapest, Bibliotheca kiadó, második kiadás.

A poesia exaltada e exaltante de Alexei Bueno

Arnaldo Saraiva

Universidade do Porto

Há que dizer logo de entrada, enfrentando os riscos de declarações do género: Alexei Bueno é talvez a mais poderosa voz da poesia brasileira revelada nas últimas décadas.

O poder dessa voz – a sua energia, o seu fôlego, a sua espessura, a sua versatilidade – deve muito ao saber técnico, adquirido na leitura, às vezes até explicitamente denunciada, de muitos, diversos, e grandes poetas, e evidenciado em textos ensaísticos, a começar pela notabilíssima obra de referência *Uma História da Poesia Brasileira*, e em poemas miméticos como os dos *Poemas Gregos*, nos quais também ecoam as vozes de Horácio e de Ricardo Reis, e do *Livro dos Haicais*, em poemas de formas mais ou menos fixas (com destaque para o soneto e para a quadra, mas sem desprezo de modelos como a ode, o epitáfio e o rondó, e de vários tipos de estrofe, desde o dístico à oitava), em poemas de distintos metros (mau grado a preferência pelos médios de 5, 6 e 7 sílabas e pelo decassílabo) e em poemas de formas e metros livres, como os versículos de *A Decomposição de Johann Sebastian Bach*, e os versos amplos, vibrantes, excitados ou excitantes e reflexivos (à maneira de Píndaro, de Whitman ou de Álvaro de Campos) de *A Via Estreita*, de *A Juventude dos Deuses*, de *Entusiasmo* e de *Resistentes*; isto para não falarmos no léxico extensíssimo, na segurança, no dinamismo e na maleabilidade sintáctica, na solidez prosódica, na impecável arquitectura de poemas discursivos, às vezes até de uma só frase longa

(como “Espólio”, “Minha terra” e “As putas”), ou elípticos, nominais e sincopados (como “No cárcere”, “Os metafísicos anônimos”, “Dominical”, “A última visão”), e para não falarmos na destreza rítmica e rímica que bem exemplificam poemas muito pontuados e muito rimados (como “Ânsia” e “Dispersão”), ou poemas com invulgares jogos rítmicos: numerosas aliterações (como em “A busca”), monorrimia ou birrimia (como nas 4 quadras de “Tortura”), rimas encadeadas (como em “Delírio”), interpoladas (como em “Suma”), exdrúxulas (como nas 3 quadras de “Epitáfio”), epifóricas (como em “Privilégio”), e por vezes muito insólitas (sonharíamos / Príamos, Caravaggio / estágio, porque / ad te, infunde / mundi, rima em ósmo / macro e microcosmo).

Mas a qualidade da poesia de Alexei também se deve a um saber que, à maneira do seu admirado e celebrado Camões, poderemos dizer de experiência feito, e a um saber que poderemos dizer cultural, com especial incidência em áreas que até já lhe mereceram textos ou trabalhos não poéticos – das artes plásticas (lembre-se por exemplo o poema “Triunfo”, com alusões a Laocoonte, à Vênus de Milo, à Vitória da Samotrácia, aos Caprichos de Goya), da música (lembre-se por exemplo o livro inspirado por Bach) e do cinema (lembre-se por exemplo o poema dedicado a Eisenstein) e da história, desde os assírios, os egípcios e os gregos a que se referem vários dos seus poemas até aos ditadores do sec. XX nomeados em *Os Resistentes*.

Sobre a poesia de Alexei Bueno paira no entanto alguma suspeição, também alimentada pela franqueza e pela coragem com que tem ousado enfrentar opiniões e teorias estereotipadas ou ligeiras sobre poetas e sobre poesia brasileira. Empenhada na exploração da energia semântico-simbólica e fono-rítmica das palavras, desinteressada da exploração espacial ou visual que se afaste do tipo de verso e de estrofe tradicionais, em boa parte metrificada e rimada (sem receio do recurso

a rimas previsíveis do tipo alma /calma), e jogando mais na expressão directa ou até romântica e realista do que na expressão alusiva e herméctica inaugurada com Mallarmé, essa poesia aparece a muitos, que na realidade se fiam em aparências, como antiquada ou decadente. O próprio poeta transcreve uma opinião desse género na epígrafe do “Epigrama” de *A Árvore Seca*, a que responde sarcasticamente:

*Mando-lhes, sem léria,
Dos meus cimos aéreos,
Em pratos sidéreos,
Minha merda etérea.*

Aqui manifesta-se o orgulho do criador, que noutras circunstâncias se auto-ironiza o u desvaloriza, falando em legados, espólios e testamentos inúteis ou ruinosos, em ilusórios “messias das estantes”, no “oco apenas” deixado pelas musas (“Noventa musas.Nove mil delas. Nove milhões”) e chegando mesmo a escrever em *Entusiasmo*: “Alexei, quantas catedrais, / Kremlins e arcádias poderiam estar bordadas entre as letras desse nome”.E aqui deparamos com uma “resposta” reduzida a um insulto, não com argumentos que encontramos noutros poemas, e em textos críticos do autor.

Esses textos provam com clareza que , para mais num poeta tão culto e tão dextro, os modos e modalidades nele relacionáveis com a poesia pré-modernista e tradicional não representam uma limitação mas uma opção.Dir-se-ia que, inscrevendo-se na melhor tradição, ele, que nasceu em 1963, poucos anos depois do aparecimento das primeiras manifestações da poesia concreta, quis manter-se à margem das lutas ou das práticas comuns dos seus contemporâneos, alinhados em vanguardas velhas e novas, adiantadas e atrasadas conforme os

pontos de vista – concretismo, poema processo, poesia marginal, poesia postal, pós-modernismo... -, vendo nelas as ilusões das superações estéticas, ligando-as a uma ideologia do progresso inaceitável em arte mas muito favorável a intuítos comerciais, consumistas e publicitários, ou tão só reagindo contra o que nelas havia de escolar, de anémico, de frívolo, de inculto, de superficial, de fácil, de leviano, ou de meramente lúdico.

Disse Ricardo Reis que “quando é alto e régio o pensamento” pode deixar à sorte o verso e as suas leis, pois “súbdita a frase o busca / e o escravo ritmo o serve”; a “altiva mente” de Alexei Bueno também busca o “alto e régio pensamento” e faz o “fixo esforço da altura”, mas poupa esforços nas pesquisas ou nas experiências formais, e não deixa os versos à sua sorte, preferindo mover-se com e nos sólidos moldes clássicos e tradicionais, tão caros à geração de 45; a sua defesa do primado do verbal em poesia, considerando, com alguma rigidez e algum preconceito, equívoco ou desviante (para o lado das artes plásticas) o compromisso do verbal com o visual, foi uma maneira de afirmar a sua forte personalidade poética, e de perseguir, afinal, uma modernidade menos precária ou provisória do que a dos neomodernismos e dos pós-modernismos, distanciando-se deles como Drummond se distanciara do modernismo: “E como fico u chato ser moderno. / Agora serei eterno”.

Alexei diz quase o mesmo no poema “Fiasco” de *A Árvore Seca*:

*Tripudiar, convictamente eterno,
Dos zurros e urros do chiqueiro hodierno.*

Outro poema desse livro, “Irmandade”, fala da leitura dos versos “cruéis, ou ternos” de Catulo, que leva o leitor a exclamar:

*Dois mil anos, meu Deus, já são passados.
Somos, enfim, quem sabe, um pouco eternos.*

Vários poemas de Alexei apelam para uma união ou unidade do antigo e do moderno; logo no livro de estreia, *As Escadas da Torre*, encontramos esta passagem do poema “Caos”:

*!...! E, oh, poetas dos trópicos,
Escreverei sobre a neve, a lareira e o inverno!
E os de lá de palmeiras e sol! E o moderno
Sobre há uns seiscentos anos! Barbudos e utópicos.*

O poema “Os tempos”, de *Lucernário*, inicia-se com a frase “Tu és moderno” para nos colocar perante uma mulher que mata os dois filhos mas “não é Medeia”; o poema “Che Guevara” de *Em Sonho* fala do seu “sorriso heróico / Subitamente antigo”; o poema “Celebração”, que o segue, fala da estátua antiga de uma deusa que “é de hoje, saqueada de memória” e “nasce limpa, fria” e “pura, inicia o mundo”; e um poema anterior, “Renúncia”, fala do vento que passa e da água que murmura, para concluir que “Nada passou no mundo” - fórmula idêntica à que se lê em *A Juventude dos Deuses*: “Nada no mundo progrediu” – e para exclamar: “Dane-se o progresso / Da técnica e da ciência”. Incluindo, talvez, o de alguma técnica e ciência poética que, como o outro, pode ser um falso progresso, porque pode até sobrepor-se à melhor comunicação e em nada contribuir para a felicidade individual e colectiva, retardada ou perturbada por ruídos e por impérios e imperativos do efêmero.

Como provaram muitos ensaístas, de Octavio Paz a Henri Meschonnic, o moderno não o garantem os manifestos nem as últimas

modas publicitadas, é transtemporal, existiu e existe em vários autores ou obras que em formas sólidas e em linguagem densa transportam uma energia comunicativa que não envelhece com as modas estéticas. Homenageando ou imitando (reescrevendo) poetas antigos como os gregos, Catulo, Camões, os japoneses do haikai, etc., Alexei Bueno fá-los, como Pound a Guilherme IX de Aquitânia, seus contemporâneos. E os seus muitos mergulhos na história da humanidade como na história individual podem confundir o agora e o outrora: “O que fui e o que foi é neste instante”.

O tempo é para Alexei Bueno uma categoria bem mais importante do que a do espaço (com o qual pode no entanto confundir-se: “onde o tempo é apenas um espaço”). Um poema de *Lucenário* diz: “Tudo houve aqui, e aqui era tão pouco...”; e um dos *Poemas Gregos* diz: “Pois pouco és, Universo” – enquanto outro dá Cronos como rei absoluto da existência: “Tudo, menos tu, Cronos, morrer pode. /.../ Só tu reinas”. Mais sensível à sucessão do que à coexistência, o poeta vive inevitavelmente com e pela lembrança (“estes salões estão repletos de lembranças”), e lembra sobretudo o que perdeu, mas lembra também o que não viveu e o que sonhou, ou o que é impossível lembrar, porque esquece até o “corpo geral que nos sustenta”.

O poeta dá conta de distintas concepções do tempo - que chega a maiusculizar nalgum poema como “Em marcha” e nos livros *A Juventude dos Deuses* e *Entusiasmo*, talvez bebidas na leitura de filósofos como Plotino, Leibnitz, Bergson; mas na sua obra domina fundamentalmente a visão ou percepção de um tempo como que intemporal, ilimitado, imutável, indiferente, exterior, um tempo mais relacionável com os deuses e com os macro-espacos (o universo, o cosmos ou o cosmo, os astros, as esferas, os planetas, tão invocados na obra de Alexei Bueno), e a visão ou percepção de um tempo mensurável, limitado,

mutável a cada instante (um “fluir de agoras”), mais relacionável com a experiência individual e subjectiva. Vivido ou sentido como (mais) abstracto ou (mais) concreto, como imóvel ou como imparável (Alexei repete o pedido vão de Lamartine: “Imploramos:Pára /Ao tempo”), afectando o ser ou o estar, o tempo, que os adultos, ao contrário das crianças, não podem ignorar, é quase sempre um transporte de infelicidade, um elemento “alheio”, uma “besta feroz”, ou pior:

*O Tempo é o parricida do ser. O Tempo é que te liberta
De tudo. No Tempo és nada. No Tempo
Não és.*

Compreende-se a exclamação. “Ah ! Quem nos dera inexistir !”. O poeta desejaria converter o tempo do passar ou do devir em “tempo” de imortalidade, se não de eternidade, ou desejaria instalar-se numa “Catedral do Agora”, num “agora eterno”, num “instante pleno”, num “instante eterno”:

*O instante, o glorioso instante, o instante eterno
Em que fôssemos, e sendo nos cravássemos
na eternidade do ser,
Na hora do ser, no ser agora!*

Mas rapidamente se dá conta de que o ser “é um ser morto”, ou é um ser-para-a-morte, como o definiram os existencialistas, cujas teorias tanto parecem pesar sobre uma poesia claramente defensora do primado da existência sobre a essência, do humanismo e da liberdade, e preocupada com o que está “al” ou “aqui”, mesmo quando esse “aqui” é uma “pavorosa obrigação” (que lembra a bocagiana “pavorosa ilusão da eternidade”); não passará despercebido o seu consumo

desses e de outros deícticos – *isto, isso, este...* – e de um léxico como *ser, estar, existir, ente*, que comparece em versos como “Do ser o ser por ser”, “Fitaremos extasiados o que exista por existir”, “Mistério absurdo do ser que persevera em ser ser”, “E o Ser e o Ente se viram. / Chocaram-se. O Ser no ente. O Ente sem ser.”

O ser não se livra ou não livra do “câncer supremo do não-ser” (do “vácuo”, do “nulo”, do “oco”), o existir do “inexistir”, a vida da morte, com que convive (há uma “unidade da vida no tempo”, mas há também uma unidade da vida e da morte no tempo) e que inevitavelmente anuncia. A figura da morte atravessa a grande maioria dos poemas de Alexei Bueno, às vezes com a frequência, a explicitude e a expressividade de alguns versos de *A Juventude dos Deuses*: “Forma é morte. Nome é morte. Início é morte. /.../ Morte e dor. Dor e morte. Morte e dor.” Um desses poemas assegura que a morte atinge até a própria morte: “E a morte morre também”. Outro assegura que ela é “*impetratrix mundi*”. Noutros poemas ela comparece em alusões a mortos, incluindo poetas e artistas suicidas, em alusões ao *memento mori*, a velórios, a túmulos e a cemitérios, em metáforas de ossos, ruínas, cacos, fragmentos, bibliotecas e colecções de que “vai tudo embora”, em motivos, que parecem herdados do maneirismo, do desengano, do desconcerto, da degradação, da decadência, do desaparecimento ou da *desaparição*. Não por acaso alguns poemas dão-se explicitamente como “epitáfios”, mas Alexei tende a dar razão ao Eliot para quem “todo o poema é um epitáfio”; e ele próprio se define como defunto, ou como um colectivo de defuntos: “sou um *ubi sunt*, não sou um homem”.

A visão ou a experiência da morte pode associar-se ou não à dor, à do vazio, à do monstruoso, à da mentira, à do mal de existir e de conviver – com a “canalha”, a “ralé”, a “escória” – onde não entram os mendigos, os vagabundos, os bêbados e os loucos que têm

a solidariedade e a simpatia do poeta, que gosta de os evocar – ou com o “reles”, o “horrível”, o “horrendo”, o “imbecil” (um verso define os homens como “bípedes brancos”), justificando um cepticismo ou um pessimismo radicais: “vácuo hiante de tudo”, “chão sem sentido”, “nulidade eterna”. Mas o poeta raras vezes cai no comum desespero ou no simples lamento; ao tom trágico e elegíaco ele prefere o tom cómico, irónico, sarcástico, e até cínico: “A cínica pilhéria / De ser ou de vencer”; “riso sem nenhum motivo”; “talvez ria / No instante do teu transe mais amargo”; “Feliz, rindo, e a morrer por trás da estrada... / Há tanta dor que o riso cai pra fora”. Um poema de *A Árvore Seca* diz que “Só nos resta / Ir, fartos da hora funesta, / A um féretro como a uma festa / Contando piadas de enterro “.O poema “Um riso”, de *As Escadas da Torre*, alude ao riso duradouro dos que chama “nanimortos”. O poema “Vingança”, de *Em Sonho*, alude ao “riso dos mortos”, que “Riem de tudo o que se ergue ou cai, / Ambos indignos de um riso ou de um ai”.

Como se vê, a morte, como os deuses, pode estimular em Alexei Bueno um riso grotesco, sacrílego e satânico, à Baudelaire ou à Gomes Leal, um dos poetas portugueses que, ao lado de Camões, Antero, Sá-Carneiro e Pessoa (ele mesmo, Ricardo Reis, Álvaro de Campos), mais parece pesar na sua obra. Mas o poeta também reage à morte em tom de épica moderna, como a da *Mensagem*, da *Invenção de Orfeu* e do *Romanceiro da Inconfidência*, três obras que muito preza. Isso acontece em poemas curtos de versos curtos mas acontece especialmente em poemas amplos de versos amplos (*A Via Estreita*, *Entusiasmo*, *Os Resistentes*), onde a enunciação assume geralmente a primeira pessoa do plural, onde há enumerações históricas, toponímicas e antroponímicas, e se aponta para a “mirabolante, onírica, fantástica / Maravilha: / Estar / Aqui”, se traduz a volúpia ou a fúria de viver, e se apela para

a resistência que exige a existência. Trata-se afinal de uma celebração e defesa da vida, exaltante (“É preciso viver. É a maravilha, insubstituível, que nos ilumina. / É preciso viver. E dançamos.”) e às vezes exaltada (“Há que defecar sobre tudo. Mijar sobre tudo. Cuspir sobre tudo. /.../ Civilização. Civilização. Civilização é o nome dessa merda?”), ou de uma aprofundada reflexão sobre os paradoxos, os mistérios e enigmas da vida. A palavra “vida” (e seus cognatos) é talvez, com a antónima morte, a mais frequente nos poemas de Alexei Bueno, onde chega a ser personificada como interlocutora (“E tu ris, Vida”) e onde aparece em lugares bem visíveis do início e do fim, e pode aparecer em título, em itálico, maiusculada, e enfatizada em forma de anáfora, poliptoto e epizeuxis: “É a vida, isso é a vida. / É a vida aí na frente. / A vida é a presente. / A vida é a aqui tida.”; “as vidas todas – e as vidas de cada vida”; “a vida *vida* que nos desafia” (qualificação ainda mais expressiva do que a que encontramos em “enxergo a vida viva outra vez”).

Fonte e matéria de exaltação, a vida, humana e não humana, apresenta-se no entanto como misteriosa e enigmática; ao homem não basta aceitar a vida, porque se lhe impõem a cada hora as questões da origem ou do destino da vida, e da qualidade dela. O poeta parece condenado a repetir, em distintos poemas, as velhíssimas perguntas metafísicas:

Lá há vida além disso ?

&

O que é a vida ?

&

Que somos nós, os viventes ?

&

Mas o que é existir ?

&

*Ao fim, o que
Dizem ? Por quê ?*

*Ou para quê ?
&
Por que existis se não existis mais ?*

Dois sonetos de *Em Sonho*, intitulados exactamente “Enigma” e “Mistério”, lembram que à vida há que “buscá-la além ou por trás dela”, e que “certo mistério existe, indesvendado, / Escrito há eras sem conta”, à volta do qual “os seres e as esferas / Inutilmente orbitam”. E nenhum desses ou de outros poemas adianta qualquer solução para tal enigma e mistério e para as referidas perguntas metafísicas, para as quais só parece haver a não-resposta da morte, ou apenas a vaga resposta apontada na “chave de ouro” do primeiro soneto: “És, e somente tu, sua resposta” (que lembra outra formulação, da “Ode VI” de *A Via Estreita*: “É em ti que tudo existe”).

Mas se a resposta é a pessoa viva e concreta, simultaneamente perguntador e respondedor, pergunta e resposta, ele não pode ficar parado à espera de mensagens de sibilas, de sopros transcendentais, de “Messias das estantes”, e deve empenhar-se num fecundo trabalho imanente que, se não explica os enigmas da vida, pode justificá-la e magnificá-la. Na poesia de Alexei vemos a apologia de dois tipos de comportamento que vão neste sentido, um de incidência negativa e outro de incidência positiva. O primeiro é o da *resistência* ao que ameaça a dignidade humana e a plenitude vital, à desgraça e à dor, à degradação individual e colectiva, à massificação, à mentira política ou mercantil, ao mecânico ou ao anémico das relações sociais e sentimentais, ao falso progresso, incluindo o de algumas vanguardas

literárias;”Não, palavra rotunda, sublime” – diz Alexei, que não ignora o que do “Non” disse o Padre António Vieira. O outro tipo de comportamento é o da criação, exemplificável na e pela criação artística, na e pela criação poética; a criação que transfigura ou transcende a pessoa comum, que serve e simboliza uma nobre tarefa ao serviço da humanidade (“não foi por pouco que nascemos”), e que leva a superar contingências do tempo e do espaço, como se afinal desse acesso à condição de deuses:”Pois ao Caos reerguido, a imensa raça / Da plebe furiosa, tendo à frente / Divinos, os poetas”.

Para Alexei Bueno, a poesia é o que garante o aceno de “mais um dia”; e os poetas são os que “abriram os olhos demasiadamente no lusco-fusco” e os que, mortos, darão ainda sinais de vida:

*Quem versos como eu fiz
Fez, pode sossegado
Dormir, sentindo o intenso
Prazer de se ver vivo.*

*Quem tal como eu cantou
O que não passa no homem,
Medo não tem que o tempo,
Passando, o não mais passe.*

*Pois quando o divino ar
Não mais, como foi sempre,
Entrar pelo meu peito,
Aos homens falarei*

*Ainda, qual o espectro
Dos mortos, e assim ousou
Calmo dormir, enquanto
Minhas palavras velam.*

Este orgulho horaciano do criador verbal é reafirmado no poema que não por acaso se intitula “Espólio”, que não por acaso termina assim:

*Então só sobrarão, no tempo emersos,
Uns versos, como agora, uns rijos versos.*

Os “rijos versos” de Alexei Bueno, a sua poesia densa, tensa e extensa, na sua diversidade temática e estilística, vale, com o seu compromisso com a tradição, como um apelo vital e inventivo e como um exorcismo da morte e seus disfarces; a sua voz enérgica, poderosa, parece dizer ao leitor o que, lembrando a parálise e o milagre bíblico, o seu poema “Poesia” diz que diz a poesia quando “a Morte nos pisa, branda”: “Levanta-te e anda!”.

Hungareses na literatura brasileira – o caso do romance de Suzana Montoro

Bálint Urbán

Universidade ELTE, Budapeste

Resumo: O presente estudo pretende investigar a representação da comunidade húngara e da figura do húngaro no romance da escritora brasileira Suzana Montoro, *Os Hungareses*. O livro da escritora paulista põe no seu foco a vida e a memória cultural duma comunidade de imigrantes húngaros, reescrevendo duma certa forma os clássicos topoi da representação da figura do húngaro na literatura brasileira como outro radical, portador dum determinado exotismo. Tendo em conta a presença dos magiares no horizonte da literatura brasileira o estudo compara tanto os preconceitos culturais como a canonizada representação literária dos húngaros com a imagem reflectida no romance.

Como esta conferência também evidencia, existem várias pesquisas ricas com pistas diferentes e focos alternados sobre as relações interculturais, histórico-políticas, económicas e artísticas entre o Brasil e a Hungria tanto dum lado como do outro. A emigração húngara para o Brasil, a história e o presente da comunidade magiar no país evidentemente constitui um dos campos investigativos mais articulados e relevantes dos inúmeros estudos.¹ Contudo, como numa publicação

¹ Basta só pensarmos nos trabalhos detalhados sobre o tema de Lajos BOGLÁR (1997), Péter TORBÁGYI (2004) ou Ágnes SZILÁGYI (2004, 2009).

anterior já tinha indicado² deteta-se, apesar das valiosas análises da literatura brasileira na Hungria e vice-versa que concentram sobretudo na recepção da obras literárias³, um vácuo investigativo quanto à presença dos húngaros na literatura brasileira, ou seja quanto à representação dos húngaros no campo estético da produção textual. Este breve estudo pretende mais uma vez tentar começar a preencher este hiato, reflectindo sobre a representação dos húngaros num romance brasileiro recém-publicado. Atribuo importância profunda a este tipo de reflexão que visa questionar tanto a forma, ou seja a poética da representação, como o motivo, isto é, aqueles fenómenos e tendências do intercâmbio cultural que motivam o aparecimento dos húngaros na literatura brasileira. A forma da representação da figura do húngaro dum lado pode informar-nos sobre o facto de que tipo de visões (poéticas) e preconceitos o imaginário da cultura brasileira desenvolveu dos magiares, por outro lado pode enriquecer a sabedoria e o conhecimento mútuo entre os dois países e deste modo facilitar e fortalecer a aproximação cultural.

Nas últimas décadas, no entanto, tem-se verificado uma certa intensificação dos projetos investigativos sobre a presença húngara no Brasil e sobre as relações culturais e políticas entre o país tropical e a Hungria. Prova e testemunha desse interesse académico e profissional, mas ao mesmo tempo quotidiano e amador, é a conferência cujas palestras e intervenções podem ser lidas neste volume. Não se pode esquecer, contudo, que paralelamente com essas atividades académicas têm surgido também obras de arte que abordaram duma maneira complexa essa mesma questão. Tudo isto leva-nos supôr e talvez também crer que tem havido um interesse crescente no tema e no 'caso

² URBÁN 2014.

³ PÁL 2014a, PÁL 2014b.

húngaro', por ambos os lados. Esse interesse mais amplo e intensivo compreende-se por parte dos húngaros, dado que o Brasil tem-se tornado uma verdadeira cultura de exporte com uma significativa expansão cultural e económica pelo mundo fora, mas – para lançar aqui uma questão cuja resposta estes parágrafos não vão poder dar mas que poderia ser um sólo fértil para futuros trabalhos de investigação e reflexões – qual é que é a razão dessa atenção para com os húngaros e a Hungria que vem do Brasil nos últimos tempos?

No que diz respeito ao campo estético estou-me a referir evidentemente no romance de sucesso de Chico Buarque *Budapeste*, no filme de Walter Carvalho baseado no livro e realizado numa coprodução luso-húngaro-brasileira, no documentário de Sandra Kogut, intitulado *Um passaporte húngaro* que acompanha a procura duma mulher brasileira com antecedentes húngaros por sua identidade húngara, e no romance de Suzana Montoro *Os Hungareses*. Nota-se também, que ao mesmo tempo, não há muitas obras literárias e artísticas da autoria de imigrantes húngaros ou descendentes de imigrantes húngaros, ou seja, apesar da significativa comunidade húngara no país, não existe uma literatura de exílio, uma produção textual por parte dos húngaros que elaborasse a questão da identidade e da imigração. A vasta obra de vida de Paulo Rónai parece constituir uma exceção rica. Este trabalho, portanto, apresentando e analisando o romance recém-publicado de Montoro, tenciona formular uma pequena e modesta contribuição para os escassos estudos que concentram na representação dos húngaros em obras literárias do Brasil, tendo em conta aquela imagem que se ia formando nas obras referidas, não esquecendo com um salto pouco dialético, a primeira obra literária em que a figura do húngaro aparece na literatura brasileira, nomeadamente *Canaã* de Graça Aranha.

A paulistana Suzana Montoro é jornalista, psicóloga, contista e roteirista. Publicou entre outros uma coleção de contos e vários livros infanto-juvenis. *Os húngareses* é o primeiro romance dela com que ganhou logo o Prémio São Paulo de Literatura de 2012 na categoria estreante. A autora no curto pós-fácio do livro confessa que ficou fascinada com a história e com as várias histórias dos imigrantes húngaros do interior do Estado de São Paulo:

A primeira vez que ouvi falar do sítio dos húngareses, que de fato existiu, fiquei fascinada com as histórias. Eram absolutamente originais e inverosímeis. Mais pareciam literatura do que a vida vivida. Uma das famílias me apresentou a outras, escutei mais relatos e fiquei tão envolvida que decidi contar a história deles.⁴

O romance, de facto, baseia-se numa série de entrevistas com imigrantes realizada pela autora e num significativo trabalho investigativo tanto *in loco*, isto é, tanto no referido sítio dos húngareses situado no estado de São Paulo, como na Hungria. Essa vertente documentarista da obra é corroborada pelas várias fotografias e documentos originais reproduzidos no romance entre os capítulos e por uma lista de nomes húngaros publicada como apêndice onde a autora expressa a sua gratidão pelas entrevistas e pela inspiração. Os nomes húngaros enumerados nessa lista curiosamente coincidem com os nomes das personagens do romance. O livro de Montoro desta forma mistura ficção e realidade, fatos históricos com pura imaginação, pessoas referenciais com personagens fictícias e nesta perspectiva insere-se no paradigma da estética pós-moderna que constantemente questiona, tematiza e viola as fronteiras do real e do ficcional, colocando em questão o con-

⁴ MONTORO 2011: contracapa.

ceito tradicional que se tem da arte e das suas relações com o mundo. Citando mais uma vez o curto pós-fácio autoreferencial: “Aos relatos, juntei a imaginação, deixei os personagens se intrometerem e o livro ficou pronto. Os nomes estão trocados, as histórias são inventadas, mas quem viveu no sítio ou conviveu com eles sabe que é tudo verdade.”⁵

O livro basicamente relata a história duma comunidade de imigrantes húngaros no interior do estado de São Paulo tematizando duma forma inesperada e pouco convencional os eixos discursivos de identidade, espaço, linguagem e memória – os *topoi* evidentes duma literatura sobre movimentos migratórios, exílio e deslocalização. Já o título do romance põe em jogo esses eixos temáticos. A palavra *hungareses* é um morfema híbrido que nasceu da fusão da palavra normativa da língua portuguesa no plural – *húngaros* – e da palavra italiana *ungherese*. Essa forma inovadora e linguisticamente híbrida reflecte o deslizamento e a desestabilização das rígidas e modernas construções da identidade, do território e da linguagem. Na diegese, portanto, não se verifica nenhum contacto dos húngaros com outras comunidades de imigrantes, como por exemplo a italiana (o que é sugerido pelo título), vastamente espalhada pelo sul do Brasil, onde a narrativa se desenrola. A palavra *hungareses* parece ser muito mais uma designação que vem ‘de fora’, aplicada para os húngaros pelos outros habitantes da região, mas ao mesmo tempo parece servir perfeitamente para descrever a situação da comunidade, e o problema da identidade.

O romance divide-se em duas partes principais. A história na primeira metade desenrola-se ainda na Hungria, enquanto na segunda o enredo continua-se no Brasil. Essa estrutura dupla permitiria ver a diferença cultural entre os dois países e em princípio seria um só fértil

⁵ Idem.

para apresentar os problemas habituais da imigração, como o encontro com o outro, a aculturação, a assimilação, a deslocalização (*dislocation-displacement*) e a desterritorialização culturais. Como Bill Aschcroft formula,⁶ a migração como complexo movimento deslocador põe em questão a identidade do indivíduo e da comunidade, obrigando-os a uma reestruturalização radical dos padrões culturais. Mas o romance apesar da sedução dessa dupla estrutura e narrativa migratória em que os dois espaços – o país de origem e a nova pátria – se opõem, não levanta tão acentuadamente a questão das diferenças culturais entre os dois mundos. Contudo, o problema da identidade, do espaço e da linguagem inscreve-se no texto numa maneira muito mais intensa na parte inicial cujo enredo desenvolve-se ainda em território húngaro.

Apesar de o momento histórico nunca ser mencionado no livro, das poucas informações com que a narradora nos fornece pode-se deduzir que a ação começa depois do fim da primeira guerra mundial, na altura do Tratado de Trianon que redefiniu num modo radical as fronteiras da Hungria. “(...) minha mãe nasceu húngara e, de um dia para o outro com a mesma naturalidade com que se acorda todas as manhãs, virou iugoslava”⁷ – afirma a narradora principal e acrescenta ainda que devido às decisões políticas e do discurso controlador do poder, os moradores da aldeia húngara dum momento para o outro perderam a sua nacionalidade, língua e tradições, tornando-se em “estrangeiros na própria terra, órfãos da língua materna.”⁸ Todos os habitantes da aldeia repentinamente estão forçados para falar servo-croata sem saber alguma palavra dessa idioma. Quando a narradora, ainda aluna de escola primária, expressa a sua incompreensão pela situação absurda,

⁶ ASCHCROFT 2004: 8–9.

⁷ MONTORO 2011: 20.

⁸ Idem: 21.

a professora só consegue repetir a frase vaga do discurso do poder: “Ao mudar-se de país, muda-se de idioma.”⁹ Paralelamente com essa mudança de linguagem altera-se também o esquema e a composição social da aldeia. Graças à decisão de Versalhes sobre as novas fronteiras da região, começa uma certa reestruturação antropológica do território. Chegam novas pessoas, com novas nacionalidades, novas identidades e idiomas. “Foi um chegar sem fim de gente vinda de todos os lados, de lugares remotos incrustados nos montes ou derramados pela planície, gente que ia em busca de nacionalidade pisando uma terra elástica onde as fronteiras largavam e encolhiam feito acordeão. Todos à procura de identidade, da pertinência.”¹⁰ O resultado dessa situação desterritorializante é uma certa mudança linguística. Com a perda da língua materna no espaço público, inventa-se “uma língua nova, misturada dos dois idiomas (húngaro e servo-croata), um dialeto com vocabulário pobre”¹¹, ou seja uma certa linguagem *pidgin*, ou papia-mento. Essa confusão linguística causa um dinâmico refúgio para a música, para as canções populares. Os habitantes da aldeia tentando escapar da perda da linguagem refugiam-se para o canto e todos começam e aprendem cantar só para si. Aqui vê-se muito bem como é que o romance inscreve o problema da identidade, do espaço e da linguagem, isto é, a temática inerente da literatura sobre a imigração, numa situação socio-cultural que não tem a ver nada com a imigração, dado que não há nenhum movimento, *migratio*, nenhuma deslocalização individual ou colectiva no espaço, da própria comunidade que sofre das consequências. Desterritorializa-se o próprio território, alicerce e âncora da identidade. Deleuze e Guattari na sua última obra sintética,

⁹ Idem.

¹⁰ Idem: 29–30.

¹¹ Idem:30.

Qu'est-ce que la philosophie?, reescrevem e reformulam as noções da territorialidade, da de- e reterritorialização supondo que estes podem ser tanto fenômenos físicos, mentais e espirituais, como intelectuais e artísticos.¹² Essa leitura biológica e geofilosófica da territorialidade supõe que é mesmo o próprio território que define num nível primordial a identidade do habitante. O que se observa no livro de Montoro é a desterritorialização do *habitat* por causa da decisão política, o que evidentemente põe em questão a identidade cultural, linguística e antropológica dos moradores. O refúgio para o canto, nesta perspectiva constitui um ato de reterritorialização identitária, dado que como Deleuze e Guattari formulam: “Every territory, every habitat, joins up not only its spatiotemporal but its qualitative planes or sections: a posture and a song for example, a song and a colour, percepts and affects.”¹³ *Os húngareses*, na verdade, desconstrói a posição discursiva duma literatura cujo tema principal é a própria imigração, a apresentar e levantar os problemas inerentes antes e fora das matrizes da situação imigratória da comunidade. A desterritorialização não advém da deslocalização do sujeito, acontece no próprio *locus*, no próprio *habitat*.

Como numerosas famílias húngaras depois das decisões políticas de Trianon optaram pela imigração para o sul do Brasil, no romance de Montoro também várias famílias da aldeia, tentando escapar desta situação confusa, imigram para o país tropical para começar uma nova vida. Depois de um curto período de transição e de trabalhos temporários na cidade, estabelecem-se numa colônia húngara já existente antes da chegada deles, no interior do estado de São Paulo. O assim chamado “sítio dos húngareses” constitui um espaço fechado e isolado, onde a identidade cultural dos indivíduos não se questiona,

¹² DELEUZE-GUATTARI 1994: 182–183.; PARR 2010: 70.

¹³ DELEUZE-GUATTARI 1994: 185.

mantém-se quase intacta por não haver encontro e confronto com o outro. “Estar no sítio era estar na aldeia. (...) Foi a primeira vez desde a chegada ao Brasil que estava inteira”¹⁴ – formula as suas primeiras impressões e experiências a narradora acerca da colônia húngara. Poderíamos chamar o sítio dos húngareses a *zona da identidade*, isto é um território isolado e quase autónomo na terra estrangeira da imigração onde não há entrecruzamento, não há miscigenação, não há heterogeneização, onde o indivíduo e a comunidade não estão forçadas para reestruturar os padrões culturais, identitários e linguísticos. O sítio dos húngareses como *zona da identidade* é o lugar da recuperação da identidade perdida na terra natal. Curiosamente é a zona da reterritorialização identitária depois da desterritorialização na própria pátria. Assim o romance inverte a lógica da imigração que supõe totalmente o contrário, ou seja, mudança de território provoca mudança de identidade.

O sítio além de ter um clima que se assemelha ao verão do sul da Hungria é descrito pela narradora como um lugar paradisíaco, com uma terra fértil e uma natureza acolhedora. Numa das casas centrais aparece um grande pedaço de madeira dependurado na parede com a frase *Piros, fehé zöld – ez a magyar föld*, ou seja, vermelho, branco, verde (as cores da bandeira húngara), essa é a terra húngara.¹⁵ É em frente dessa casa, debaixo do lema que designa a lógica da reterritorialização que se desenrolam às noites as principais atividades culturais. Dançam-se danças tradicionais como o famoso *csárdás*, cantam-se canções de folclore, toca-se o instrumento tradicional o *tárogató*. A música e a dança como práticas preverbiais são um meio autêntico para manter e fortalecer a identidade original e a conexão com o território original.

¹⁴ MONTORO 2011: 118.

¹⁵ Idem:115.

Essas atividades preverbais constituem a mais forte *estrutura de conexão* (*konnektive Struktur*), termo elaborado por Jan Assmann que se refere àquelas práticas culturais que se repetem no dia a dia da comunidade, dando-lhe assim uma dinâmica continuidade, e um forte laço entre o passado e o presente, entre a tradição e a memória.¹⁶ Essas atividades culturais, podem ser o vínculo da memória cultural da comunidade, dado que através de suas formas repetitivas possibilitam uma certa coesão temporal e espacial. Citando mais uma vez a narradora: “A vida no sítio foi continuação da vida na aldeia. O passado atualizou-se em cada pequeno gesto. O proceder das pessoas de lá foi se repetindo nas pessoas de cá. (...) A vida no sítio era um existir no tempo, atravessar dias e noites de um jeito livre, para mim, o modo húngaro de ser.”¹⁷ A isolação quase total do sítio permite aos moradores a recuperação deste *modo húngaro de ser* através da prática da linguagem e das várias estruturas de conexão.

Quanto à representação dos húngaros, quanto àquela imagem do povo magiar que o romance espelha pode-se dizer que dum lado insere-se na tradição das representações mais ou menos estereotípicas que se tem dos húngaros no Brasil, por outro lado dum certa forma consegue superar e reescrever essa imagem. Tanto quanto eu saiba pela primeira vez na história da literatura brasileira a personagem do próprio narrador (narradores porque o livro usa uma narração dupla) é de nacionalidade húngara e ainda por cima de gênero feminino o que possibilita um distanciamento da narrativa vigente dos húngaros como um outro radical, um povo alheio, exótico e diferente, com uma cultura sedutora por causa dessa diferença radical e exótica; uma narrativa cultural que se pode observar tanto em *Canaã* de Graça Aranha como

¹⁶ ASSMANN 2000:16-17.

¹⁷ MONTORO 2011:164; 144.

em *Budapeste* de Chico Buarque. Por outro lado o romance mantém-se fiel à visão estereotipada e bem romântica dos magiares oferecida pelo livro de Graça Aranha que num forte deslizo histórico identifica os húngaros como um povo nómade, andarilho que conserva ainda no século XX a herança de Attila. Esse carácter nómade pode-se observar na figura acentuada e misteriosa de tia Rózsa que numa maneira irregular várias vezes deixa a comunidade e a família para voltar depois sem dar qualquer explicação e justificação pela sua partida.

Contudo o romance de Suzana Montoro é um texto que invertendo a lógica inerente e os *topoi* típico da literatura sobre imigrantes consegue expandir as dimensões da visão cultural sobre os húngaros no imaginário da cultura brasileira, e por isso vale mesmo a pena estudá-lo.

Bibliografia

- ARANHA, Graça (sine data): *Canaã*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro.
- ASHCROFT, Bill / GRIFFITHS, Gareth / TIFFIN, Helen (2004): *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*, London – New York, Routledge.
- ASSMANN, Jan (2000). *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, München, Verlag C.H. Beck.
- BOGLÁR, Lajos (1997). *Magyar világ Brazíliában. A múlt századtól 1942-ig*, Budapeste, Szimbíózis.
- BUARQUE, Chico (2003). *Budapeste*, São Paulo, Companhia das Letras.
- DELEUZE, Gilles / GUATTARI, Félix (1994). *What Is Philosophy?* New York, Columbia University Press.
- MONTORO, Suzana (2011). *Os Hungareses*, São Paulo, Ofício das Palavras.
- PÁL, Ferenc (2014a): Sobre a tradução e recepção húngara de Macunaima de Mário de Andrade. PÁL, Ferenc / MARINHO, Marcelo / NEVES, Daniela (orgs.). *A projeção secular do Brasil na Hungria*, Budapeste, ELTE Eötvös Kiadó, 103–119.

PÁL, Ferenc (2014b). Literatura brasileira na Hungria e literatura húngara no Brasil – Recepção mútua e fortunas críticas, PÁL, Ferenc / MARINHO, Marcelo / NEVES, Daniela (orgs.): *A projeção secular do Brasil na Hungria*, Budapeste, ELTE Eötvös Kiadó, 119–145.

PARR, Adrian (2010). *The Deleuze Dictionary. Revised Edition*, Edinburgh, Edinburgh University Press.

SZILÁGYI, Ágnes Judit (2004). O Brasil aos olhos dos leitores húngaros ao fim do século XIX: a propaganda e a contrapropaganda da emigração na imprensa húngara. PÁL, Ferenc / MARINHO, Marcelo: *Cartas vincadas, letras no espelho*, Campo Grande, Letra Livre, 37–44.

SZILÁGYI, Ágnes Judit (2009). Magyarok Brazíliában és Portugáliában, régen és ma, *Metszéspontok. Tanulmányok a portugál és a brazil történelemről*, Szeged, SZTE, Történettudományi Doktori Iskola Modernkori Programja, 99–117.

TORBÁGYI, Péter (2004). *Magyarok Latin-Amerikában*, Budapeste, A Magyar Nyelv és Kultúra Nemzetközi Társasága.

URBÁN, Bálint: Húngaros em Canaã – o caso dos magiares no pré-modernismo brasileiro, PÁL, Ferenc / MARINHO, Marcelo / NEVES, Daniela (orgs.): *A projeção secular do Brasil na Hungria*, Budapeste, ELTE Eötvös Kiadó, 95–103.

Adaptações televisivas do romance *Dona Flor e seus dois maridos*

Eszter Fürth

Instituto Camões, Universidade Gáspár Károli, Budapeste

Resumo: As adaptações cinematográficas de textos literários significam um tema importante da crítica, mas as interpretações televisivas são muitas vezes tratadas como “lixo” cultural. Analisando a estrutura narrativa, o modo de interpretação e o contexto cultural das adaptações cinematográficas e televisivas do romance *Dona Flor e seus dois maridos* podemos observar como as telenovelas reagem aos textos originais, e como seguem ou negam o seu conteúdo e papel cultural.

As telenovelas são ligadas à literatura em vários pontos. As fontes das narrativas seriais ficam na história da literatura, e fazem parte da história do romance. Já na idade média, na época do nascimento do género do romance a forma mais natural da narração era a série. As histórias sobre as aventuras e amores dos heróis da época, dos cavaleiros eram apresentados numa forma serializada. Suponhamos que a forma original do romance: a transmissão oral era também dividida em episódios, com as diferentes aventuras dos heróis. Nos textos escritos dos *romances da cavalaria* vemos bem, que a forma natural deste tipo de narrativa era serializada.

Os folhetins do século XIX que foram publicados em revistas e que promoveram a literatura de romances com muita força também

eram lançados em episódios. As maiores obras desta época são submetidos às regras da serialidade mesmo quando lemos os textos em um só volume e é muito fácil reparar a estrutura episódica. A construção básica das narrativas serializadas vêm dali, mesmo que muitas vezes não pensemos na comparação de um romance de Dickens com uma telenovela.

As telenovelas, desde o seu aparecimento foram apoiadas por canais da televisão, face às *soap operas*, que – como o nome do género também mostra – foram apoiadas e feitas por empresas e fábricas de produtos domésticos. Contra disso a origem das telenovelas não é o anúncio. A telenovela desde o início é um entretenimento da noite, do tempo mais visto na televisão, e não um programa de tarde ou de dia, que é visto só pelas mulheres domésticas. Os atores das telenovelas sempre foram os maiores ícones da cultura popular e algumas vezes, da cultura erudita. Na América Latina as séries de televisão sempre foram tratadas como elementos importantes, e foram fenómenos nobres da cultura televisiva.¹

Pretextos descompostos: adaptações

As telenovelas são ligadas à literatura não só tradicionalmente, mas também com alusões a obras literárias. A alusão literária mais simples e exata é a adaptação. A cultura televisiva brasileira gosta muito das transcrições televisivas dos clássicos da literatura brasileira e das novelas românticas. A razão deste fenómeno fica no facto que no Brasil as telenovelas sempre desempenharam um papel importante na divulgação da literatura, e as telenovelas eram e são o alimento cultural para muitas pessoas, e por isso as redes da televisão sempre gostavam

¹ LOPEZ 1995.

de transmitir os clássicos ao ecrã. Adaptações em forma de minissérie também significam uma forma televisiva popular na Hungria. Por exemplo os romances do grande escritor Jókai Mór foram adaptados em séries de 5 a 10 episódios. Mas quando as nossas adaptações querem seguir o texto original letra-a-letra, as séries brasileiras não leem o texto original com tanto rigor. O género brasileiro recompõe, reinterpreta o texto literário com liberdade, e reescreve-o seguindo as regras da série televisiva.

Apesar de outros tipos de adaptações, que tentam condensar e concentrar o texto original o mais que possível, as telenovelas fazem o inverso desta atividade, ou seja querem estender o romance básico quanto mais possível. Este aconteceu com a telenovela mais conhecida do mundo, a *Escrava Isaura* de 1976, baseada na novela de Bernardo Guimarães. O texto original de Guimarães conta de alguns 200 páginas, quando a telenovela do Rede Globo teve mais de 100 episódios. Mas a versão recente do Rede Record foi ainda mais longa. Este remake de 2004 entretinha o público durante 140 episódios.

Há vários modos de estender uma história. Uma das técnicas é quando a telenovela relata muito detalhadamente acontecimentos que só são mencionados no texto original. Algumas vezes estes episódios aparecem como inteiros fios narrativos. Este fenómeno é imprescindível nos casos, quando o texto original tem só um fio narrativo, porque é obrigatório que uma telenovela tenha várias narrativas ou seja, sub-narrativas que correm no mesmo tempo. Como a novela do Guimarães relata só uma linha (a história dos protagonistas) não é surpreendente que na telenovela a narrativa apareça numa forma multiplicada, com novos caracteres, novos conflitos e novas histórias.

Estrutura rizomática

As séries de televisão que são adaptações de romances oferecem uma leitura muito livre das obras literárias, assim é melhor falar de transcrições em vez de adaptações. A estrutura deles é muito parecido ao fenómeno que Deleuze chama rizoma.² O rizoma é um tipo de raiz que não tem um centro, e nem tem a ideia de um centro. O rizoma é uma estrutura que é construído por quebras, ligações e desligações, um tipo de raiz livre e disperso. O rizoma como a metáfora do texto mostra uma estrutura fértil, que sempre se quebra e faz conexões com outras partes da mesma estrutura, ou de outras estruturas. Ou seja o texto é parecido a uma linha que corra em vários fios, sempre estabelecendo ligações, que temos de seguir quando lemos.

Adaptação conotativa: *Don Flor e Seus Dois Maridos*

As telenovelas brasileiras originalmente serviram para transmitirem os textos clássicos ao povo iletrado. Os romances de Jorge Amado foram adaptados muitas vezes, porque são textos conhecidos, engraçados e fáceis de compreender e também contêm elementos pedagógicos, que têm a capacidade de desenvolver a cultura. O romance *Dona Flor e Seus Dois Maridos* foi adaptado várias vezes. O mais recente foi uma minissérie do Globo que foi exportado a vários países. O romance é um material ótimo, porque não é apenas uma história bom escrita e fácil de entender, mas também tem vários elementos que destacam os valores e a beleza do país. O livro é uma imagem pitoresca da cidade de Salvador da Bahia, enumera as figuras mais típicas desta aldeia com muita simpatia e com um humor que é impossível não amar. Apare-

² DELEUZE, GUATTARI 2002.

cem as tradições deste território, o carnaval, a culinária ou a religião de origem Africana e crenças e superstições populares como o regresso da alma dos mortos. O romance de Amado é como se fosse um anúncio turístico mas numa forma bem escrita.

A interpretação mais conhecida e citada desta obra é o filme de 1976 com Sonia Braga, que é uma adaptação tradicional do romance. Podemos dizer que é tradicional, porque segue o texto com muita fidelidade seguindo as exigências cinematográficas. Os acontecimentos seguem a mesma ordem como aparecem no livro, os diálogos ficaram quase os mesmos, os caracteres também não sofreram muitas mudanças. O que mudou é principalmente a extensão da obra. O texto de Amado tem várias sub-narrativas que incrustam-se na história principal. O autor escreve seguindo a lógica da associação, quebrando sempre o fio principal da obra com histórias secundárias. Esta é a característica mais positiva do romance, que dá uma riqueza ao texto. A história da Dona Flor não seria tão interessante sem as interrupções nos quais aparecem as figuras engraçadas da Bahia, os feitos boémios do Vadinho e todo o mundo pitoresco e um pouco sentimental desta cidade. É óbvio que o filme de uma hora e meia não é capaz de transpor todos os detalhes ao ecrã. Por isso os realizadores deixaram várias partes e só ficaram com os elementos imprescindíveis da história primária e alguns outros detalhes, que dão cor e vivacidade à história.

Do romance de Amado não faltam os caracteres e a complexidade da história. É um texto muito longo com várias narrativas e sub-narrativas, com imensas figuras e com várias relações interpessoais. O material original seria suficiente para uma minissérie de alguns 18 episódios, e talvez os realizadores mesmo assim teriam tido de cortar a história original. Mas os escritores da minissérie escolheram uma outra forma de reescritura, deixando partes e também aumentando a

história com novos elementos. Na pequena minissérie aparecem novas personagens e novos acontecimentos embora estas alterações não sejam necessárias, e bastaria só seguir o texto original. Neste caso o aumento do texto não serve só o alongamento da história, mas também forma a estrutura narrativa do género.

Na minissérie do Globo manifestam-se os amantes do Vadinho, com todas as suas famílias, amigos e outros amores, que ou não aparecem no livro, ou só são mencionados em uma frase. No romance Dona Flor repara no funeral do Vadinho, que uma das suas estudantes está a chorar, e assim Flor ganha sabedoria desta amante do seu marido falecido. No filme de 1976 também aparece esta cena, mais ou menos na mesma forma. Na minissérie aparecem duas amantes principais do Vadinho, Noémia e Celestina, que choram e gritam pelo dor, mas num momento quase todas as mulheres presentes começam a chorar mostrando, que Vadinho tinha muito mais amantes, do que Flor tinha pensado. Desta multidão de amantes conhecemos pessoalmente só duas: Noémia e Celestina. No livro aparecem algumas amantes com nomes, entre elas Noémia, que é uma estudante de Flor, mas além disso não conhecemos os nomes das amantes do Vadinho. Na minissérie as amantes ficaram multiplicadas, e ganharam histórias, personagens, famílias e relações próprias. Noémia, que no livro aparece só como uma estudante rica e singular, que na escola da Flor aprende só a arte de amor com Vadinho, na minissérie torna-se a uma figura constante. Conhecemos toda a família dela, o pai por exemplo é o diretor do banco, quem dá empréstimos ao Vadinho. A Celestina também tem uma família, o pai dela é do dono da máfia local.

Este tipo de multiplicação é bastante normal nas telenovelas e nos outros tipos de séries de televisão. O que é interessante é que outros elementos engraçados e bem inventados desapareceram na série. Em

vez de usar os elementos do romance, inventaram novos detalhes. Por exemplo da minissérie falta a aventura falhada de Doutor Teodoro com a Dona Magnólia, quem queria seduzir o doutor, mas não conseguiu. Em vez disso na minissérie aparece só a prostituta, com quem Teodoro tem relação amorosa antes do seu casamento. Na minissérie também não aparece uma das histórias mais simpáticas do livro: a criança da Dionísia. Esta mulher tem um bebê, e o pai é um homem chamado Vadinho. Flor acha que é o seu Vadhino, e corre em terror à casa da prostituta para pedir-lhe que possa adotar o filho do seu marido. Por fim esclarecem que o menino é de um outro Vadinho, não o da Flor, as mulheres ficam amigas e Flor vai ser a madrinha do bebê. Esta história amável aparece no filme também, mas falta da minissérie. Em vez disso prestam muita atenção ao sofrimento de Flor por causa de não ser capaz de ter filhos.

Também é estranho que a época antes do casamento de Vadinho e Flor é relatada por muito tempo, acrescentado os acontecimentos do livro com histórias novas, mas outros elementos, que no livro aparecem não são presentes na minissérie. Na minissérie por exemplo Vadinho diz à Dona Rosilda que ele é rico e é colega do conselheiro e oferece o seu carro para a senhora, que pouco depois infelizmente ganha sabedoria que este veículo não é do Vadinho, e que ele não tem nada que ver com o conselheiro. Esta parte não há no livro, em vez disso aparece Celia, uma professora coxa, que ganha trabalho graças ao Vadinho e os seus amigos da noite baiana, mas depois a mulher revela quem é Vadinho de verdade e conta-o para Dona Rosilda.

Estas diferenças são interessantes, porque a minissérie não mudou a história para alongá-la, mas sim de outras razões. Em algumas vezes podemos dizer que as mudanças foram feitas por causa das exigências das telenovelas: é um género feito para mulheres, assim buscaram pro-

blemas e figuras adaptadas ao gosto (considerado) feminino. Também é um ponto que a história dum minissérie deve ser mais simples do que a dum livro, porque o público deste género muitas vezes não pode prestar tanta atenção ao programa de televisão como no caso dum texto literário.

Mas em outros casos podemos observar que a falta dos elementos originais, e o aparecimento de novos elementos são feitos como se fossem trocas por acaso, porque os escritores da série tiveram outra ideia qualquer. De facto o livro mesmo também é escrito assim. Parece que Amado não siga uma estrutura bem construída, mas sim a lógica da associação. Esta estrutura é um tipo de anti estrutura, e esta é a característica que faz o livro tão divertido, engraçado e bem feito. A minissérie repete esta estrutura mas usando novos elementos mais aptos para o género. Repete e reinterpreta não só a história, mas também a construção narrativa do livro.

Adaptação/adopção

Nánay Bence destaca a diferença entre as adaptações clássicas e as adaptações experimentais, vanguardistas, para as quais o texto literário original significa só uma moldura para o novo texto do filme.³ Para o filme experimental a literatura significa só uma base, que ajuda ao público reconhecer a narrativa, que vai orientar o leitor na interpretação. Respeitando só alguns pontos do texto original, os cineastas podem realizar qualquer coisa no filme. O texto literário é só um alibi, que serve para facilitar (ou complicar) a interpretação do texto, e para orientar a interpretação do público. As telenovelas ficam muito longe do filme experimental, mas parece interessante que a sua relação com

³ NÁNAY 2000.

a base literária é bem-parecida à dos filmes vanguardistas. Com a super-interpretação do texto original a telenovela não respeita a sua base literária, e deixa tanto a sua origem, que neste ponto, na metodologia da adaptação vai ser parecida aos filmes mencionados pelo Nánay. Mas entre outras, há uma diferença significativa no método de adaptação dos filmes experimentais e das telenovelas: as peças cinematográficas, dentro da moldura escolhida podem mover-se com liberdade, mas as telenovelas são limitadas pelas regras rigorosas do género.

Os filmes experimentais utilizam a base literária como uma moldura que aumentam com elementos externos. Estabelecem ligações inter- e intratextuais, e assim o resultado vai ser totalmente diferente do texto original. Observando as telenovelas vemos, que o resultado da adaptação também é diferente, mas os novos elementos com que os escritores aumentaram a história original não são fatores externos, que vêm fora da história original, mas são elementos inteiros, que apareceram na obra básica, mas não tinham tanta importância. As telenovelas então não usam coisas externas, a complexidade do texto vem dentro de si mesmo, o texto original é que se multiplica. O texto original então sempre tem um papel importantíssima nas telenovelas, não serve só como um elemento adicional do texto, mas é a força que cria a estrutura da série.

As telenovelas fragmentam os seus pretextos em pedacinhos com um tipo de super-interpretação. Além disso reinterpretem a tradição do texto original, desintegram-na, quando, no mesmo tempo acentuam que fazem parte desta mesma tradição. Colocam-se numa tradição usando um texto literário, mas também desconstruem esta herança quando descompõem, desintegram o texto básico.

Nação, exotismo e romantismo nas telenovelas

Quando falamos de adaptações televisivas, temos que mencionar, que as telenovelas têm relações fortes com a literatura romântica, porque os folhetins, que são um dos antecedentes do género televisivo, foram também nascidos na época do romantismo, ou tiveram traços românticos. A importância do romantismo é muito visível porque muitas vezes as obras adaptadas são romances românticos, e as citações intertextuais também vêm de obras românticas. As redes televisivas brasileiras que gostam muito das adaptações literárias transpõem muitas vezes obras românticas ao ecrã, porque, como já foi mencionado, a ideologia original das telenovelas brasileiras era que queriam levar os clássicos da literatura ao público do país, para que a gente iliterata também tivesse a oportunidade de conhecer os clássicos. *A Escrava Isaura* ou as adaptações dos romances de José de Alencar corresponderam muito bem nesta meta, como a romântica nacional significou a primeira época quando a literatura brasileira encontrou a sua identidade e a sua voz própria. As referências à literatura romântica podem ajudar muito que uma nação exprima os seus valores, características, lendas e cultura.

O mesmo efeito pode acontecer com o uso de autores como Jorge Amado. Os romances dele pertencem a um tipo de regionalismo, que descreve a vida, a sociedade, as lendas e os costumes da Bahia, mas os seus textos em que aparecem os figuras simpáticos do Pelourinho, com as suas histórias doces, engraçadas e pitorescas podem ser ligadas mais ao romantismo do que a um tipo de neorealismo documentário e duro. Dos seus romances o público pode conhecer uma Bahia pitoresca, parecida a um postal turístico da cidade. Hoje o centro histórico da Bahia é uma atração turística, o que é um resultado também das

obras de Amado, e das telenovelas feitas destes textos, que ajudaram muito na divulgação, popularização da cidade.

Os críticos da televisão concordam em que as telenovelas de diferentes países da América Latina são diferentes não só na língua (espanhol ou português) mas também em outras características que mostram o país onde a telenovela foi feita. Ana M. Lopez vê a diferença na quantidade do aparecimento das características nacionais, das paisagens típicas, das pessoas típicas do país ou duma cultura, do costumbrismo e do regionalismo.⁴ Ela destaca que quando as telenovelas de México e de Venezuela preferem os temas gerais, as de Colômbia e as do Brasil preferem mais os lugares, temas e caracteres típicos do país. Nora Mazziotti além dos pontos temáticos deteta diferenças narrativas e retóricas nas telenovelas de diferentes países.⁵ No seu ver nas telenovelas de México o efeito do melodrama é mais visível, e assim utilizam uma linguagem mais patética. As telenovelas de Colômbia usam mais ironia e gostam da sátira política e social. No caso das telenovelas brasileiras Mazziotti destaca a importância dos fios narrativos intradieгéticos, a multiplicidade das intrigas secundárias e também acha importante o aparecimento do realismo e do costumbrismo.

Ambas as autoras destacam que torna-se mais e mais geral a produção de séries pan-americanas ou panlatinas, porque a negociação com os programas é mais fácil quando os produtores pensam nos interesses e exigências de um público mais amplo. Nora Mazziotti fica bastante preocupada com esta tendência, porque segundo ela assim as séries perdem as características e especialidades de cada país e das linguagens diferentes, e ela também tem medo de que por fim estas telenovelas

⁴ LOPEZ 1995.

⁵ MAZZIOTTI 1993: 14.

sejam tão gerais, que ninguém vai gostar delas.⁶ Por exemplo Mazzioti lamenta muito que nas telenovelas argentinas muitas vezes deixam a palavra *che* que não tem sentido especial, só tem um papel estilístico e é um elemento típico da língua coloquial do país. Uma telenovela que é produzida a um mercado internacional tem de deixar esta fórmula por causa do sentido dialetal. Ana M. Lopez acrescenta este fenómeno com a observação que os habitantes de fala espanhola no sul dos Estados Unidos significam um público tão grande que hoje telenovelas com critérios especiais são feitos só para este grupo social e cultural. Esta tendência mostra não só o aparecimento de algumas características locais, mas também o surgimento de uma nova identidade nacional e cultural.⁷

Jesús Martín-Barbero concorda com a observação que as telenovelas de hoje são mais gerais, esquemáticas e os traços do melodrama aparecem com mais força do que nas séries em que as características nacionais dominam, mas destaca que os elementos nacionais não desaparecem totalmente das telenovelas.⁸ Distingue dois tipos principais: o de Cuba e o do Brasil. O primeiro é mais sério, cheio de cenas apaixonantes, as tragédias e as paixões melodramáticas são os que dominam. As telenovelas de México e de Venezuela fazem partes deste primeiro tipo também, são séries que utilizam com muito gosto temas gerais e esquemáticas. O outro tipo de séries segue as tradições brasileiras, mas obviamente mostra ligações em vários pontos com o outro tipo. Este subgénero é mais realista, coloca as situações na vida cotidiana, utiliza caracteres e lugares típicas. Surgem aqui as tentativas da literatura nacionalista, o romantismo brasileiro e as tradições regionalistas

⁶ MAZZIOTTI 1993: 162.

⁷ LOPEZ 1995.

⁸ MARTÍN-BARBERO 1995.

e costumbristas do realismo. Os caracteres neste tipo de telenovela são mais complexos, libertam-se da fatalidade das histórias mais sentimentais e esquemáticas, e podem contar outras histórias, vidas individuais. A telenovela tipo brasileiro fica mais perto da vida cotidiana, tem a capacidade de reagir às novidades do mundo, é capaz de transmitir a imagem canonizada do país. Como Jesús Martín-Barbero diz, a telenovela brasileira lança e comunica a identidade nacional.

Anamaria Fadul também fala sobre a característica das telenovelas brasileiras que mostram com grande frequência uma imagem da identidade nacional.⁹ Fadul menciona que alguns críticos consideram que as telenovelas transmitem uma imagem idealizada da realidade, mas outros dizem que as séries mostram um espelho à sociedade. Seja como for, segundo ela na "brasilidade" das séries a interação constante com o público tem um papel elementar. Fadul destaca, que as telenovelas brasileiras reagem muito sensivelmente aos acontecimentos sociais, e só para mencionar um exemplo, a telenovela teve um papel extraordinária na criação da independência da identidade das mulheres, porque no Brasil este foi o primeiro género em que apareceu uma mulher independente como uma figura positiva. Isso é importante, porque a mulher que quer fazer uma carreira e estabelecer uma existência, tradicionalmente aparece neste género como antagonista. Além disso a telenovela (que tradicionalmente é um género que divulga os valores católicos) foi o primeiro género de televisão no Brasil, onde apareceu a religião africana e o candomblé. Também os temas como as paisagens regionais, os costumes, a imigração e o conflito entre a vida no campo e na cidade são preferidos nas telenovelas brasileiras.

Nas telenovelas os países da América Latina muitas vezes aparecem como lugares exóticos, como se fossem publicidades turísticas.

⁹ FADUL 1993.

Também temos de mencionar, que como a telenovela é um gênero de origem literário, a visualidade não é a característica mais forte deste gênero. As paisagens que podemos ver entre as cenas oferecem um cenário exótico, um paraíso mundial.

Da adaptação d'*A Escrava Isaura* de 2004 não faltam as imagens da paisagem pitoresca do Brasil, aparecem florestas místicas e planos de cidades coloniais e românticas. Além disso nesta telenovela aparecem outras coisas típicas do país que são produtos culturais da exportação. No primeiro episódio por exemplo aparecem escravos que praticam capoeira. Esta pequena cena da telenovela aprofunda a ligação entre a capoeira e o Brasil, e chama a atenção a esta conotação cultural, e apresenta Brasil como um país reconhecível e simpático. Nesta telenovela aparece também um índio simpático, que ajuda aos heróis da série e que faz referência ao indianismo e à figura do bom selvagem do romantismo brasileiro.

Na série *Dona Flor e seus dois maridos* a importância da paisagem, os lugares onde os acontecimentos decorrem tem ainda mais importância. No romance de Amado a cidade de Bahia tem um papel extraordinária. As ruas, as casas, as figuras, a cultura e claro, a culinária do lugar é um dos protagonistas do livro. Amado entrou na história da literatura como o escritor de Bahia o que deve ser mostrado nas adaptações também. O romance *Dona Flor* não é só uma história de dois casamentos, mas também um retrato da cozinha, cultura, religião e costumes baianos. As receitas e as descrições dos costumes da cidade não só aparecem, mas também formam a história do livro.

Na minissérie a cidade e a cultura desempenha o mesmo papel que no romance. Ouvimos e vemos muitas vezes Dona Flor a preparar as comidas tradicionais e também não faltam as cenas ao ar livre em que podemos apreciar as ruas famosas de Salvador. Nas telenovelas

em geral aparecem cenas filmadas em quartos ou salas por serem mais baratas do que uma rodagem exterior. A minissérie *Dona Flor* vai contra esta tradição, por isso as imagens da cidade ganham ainda mais importância. Por isso esta série serve não só como uma fonte de entretenimento, mas também como um retrato turístico do local.

Os húngaros conhecem muito bem as obras do Jorge Amado, como na época do socialismo a literatura dele foi muito bem-vindo no país. Devido ao tradutor genial Benyhe János quase todas as obras importantes do autor foram traduzidas a húngaro. Para muitos húngaros Brasil é um mundo desconhecida na sua totalidade. É mais comum identificar o país com estereótipos como o carnaval, a samba, a capoeira ou, os romances de Amado.

É interessante que as adaptações dos livros de Amado não apareceram muitas vezes nem nos cinemas, nem na televisão húngaras. Mas a minissérie do Globo sim, foi transmitida no país, que por isso tem importância na recepção das obras de Amado na Hungria. As imagens pitorescas da cidade, a frequência das referências culturais esforçam a imagem que o livro comunica do país.

As alterações mencionadas anteriormente também seguiram as exigências da ideologia que a série deve mostrar as belezas do lugar, a cultura da região e mostrar um ambiente típico, estereotípico, mas fácil de reconhecer. Vadinho encontra-se com Flor e com os amigos nos pontos mais turísticos da cidade. Aparece a máfia e os criminosos do Brasil que também vivem na mente do público estrangeiro como estereótipos do país. A minissérie transmitida a Hungria esforçou a imagem já construída do país, utilizando os meios clássicos das séries televisivas.

Bibliografia

AMADO, Jorge (2000). *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, Alfragide, Dom Quixote.

DELEUZE, Gilles / GUATTARI, Félix (2002). Rizóma. Gyimesi Tímea (trad.). BÓKAY, Antal / VILCSEK, Béla / SZAMOSI, Gerrúd / SÁRI, László (ed.): *A posztmodern irodalomtudomány kialakulása*, Budapest, Osiris, 70–86.

FADUL, Anamaria (1993). La telenovela brasileña y la búsqueda de las identidades nacionales. MAZZIOTTI, Nora (ed.). *El espectáculo de la pasión. Las telenovelas latinoamericanas*, Buenos Aires, Ed. Colihue, 133–152.

LOPEZ, Ana M. (1995). Our Welcomed Guests – Telenovelas in Latin-America. ALLEN, Robert C. (ed.). *To Be Continued... Soap Operas Around the World*, London – New York, Routledge.

MARTÍN-BARBERO, Jesús (1995). *Memory and Form in the Latin American Soap Opera*. ALLEN, Robert C. (ed.). *To Be Continued... Soap Operas Around the World*, London – New York, Routledge.

MAZZIOTTI, Nora (1993). Intertextualidades en la telenovela argentina: melodrama e costumbrismo. MAZZIOTTI, Nora (ed.). *El espectáculo de la pasión. Las telenovelas latinoamericanas*, Buenos Aires, Ed. Colihue, 153–164.

NÁNAY, Bence (2000). Túl az adaptáción. GÁCS, Anna / GELENCSEÉR, Gábor (ed.). *Adaptációk. Film és irodalom egymásra hatása*, JAK–Kijárat.

A importância das traduções de obras literárias brasileiras para o idioma húngaro/magyar

Andréia Shirley Taciana de Oliveira¹

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Uma poesia vive também pelo poder de irradiar hipóteses, teses, divagações, associações de ideias em territórios distantes, ou melhor, de trazer a si e agregar ideias de várias proveniências, organizando-as numa rede móvel de referências e refrações, como através de um cristal. (CALVINO, 1993, p. 221).

Resumo: A literatura está entrecruzada por diversas travessias repletas de aventura e de saber de diversas épocas e civilizações. Muito da teoria da tradução atual existe graças à produtividade dos tradutores e estudiosos dos séculos passados e que ainda hoje se mantém devido ao interesse de pessoas que desejam contar ao seu povo as histórias de outros povos. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo salientar a importância da tradução de obras literárias brasileiras para o idioma húngaro/magyar, para que, por meio da literatura brasileira, o povo húngaro possa conhecer as riquezas e a cultura do Brasil e estabelecer entre os dois povos fortes diálogos que perpassem o tempo e efetivem laços de estreitamento entre as culturas brasileira e húngara.

¹ Mestranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG, Brasil, em intercâmbio na Universidade Eötvös Loránd – ELTE, Budapeste, Hungria.

Desde os remotos tempos míticos até a contemporaneidade, a literatura está entrecruzada por diversas travessias repletas de aventura e de saber. Passando por diversas épocas e civilizações, essa, ao seu modo, sobrevive e se transforma, garantindo, inclusive, um estatuto de documento na sua dimensão mais material. Se a literatura nos fala de um lugar distante, o mais contemporâneo dos poetas ainda guarda uma dimensão ritual e performática com a palavra, pois o poema, mesmo inserido em um ambiente digital, guarda o ritmo, o canto e chama a atenção para outros usos da palavra, deslocando-a de sua invisibilidade no mundo informacional, que traz em seu conteúdo o sentido da mensagem.

Muito da teoria da tradução atual existe graças ao interesse e à produtividade dos tradutores que desejam contar ao seu povo as histórias de outros povos. No entanto, existem diferentes fatores que podem exercer influência sobre a tradução e sobre a forma de se traduzir, tendo em vista que o contexto socioeconômico e político refletem diretamente na escolha das traduções. A tradução, tal como a obra literária original, dirige-se sempre a um determinado público-alvo e ao seu horizonte de expectativas, tendo em conta o contexto sócio-cultural, histórico, linguístico e textual em que se vai inserir através da língua de chegada. Ou seja, as opções tradutivas são condicionadas pela necessidade que o tradutor tem de ajustar e manipular o texto da língua de partida à língua de chegada. As culturas hegemônicas, também, dominam essa parte tradutória, pois impõem a maneira pela qual serão retratadas a língua e a cultura, influenciando, assim, intensamente na escolha dos textos que serão selecionados e traduzidos. A seleção das obras/autores, às vezes, é feita pelos editores, os quais escolhem os títulos em razão da questão econômica, ou seja, aqueles que já têm público estabelecido, pois, geralmente, as editoras que buscam o gran-

de lucro selecionam autores renomados para traduzir e, que muitas vezes podem não ser as melhores obras para evidenciar a cultura de um povo.

Para o teórico Even-Zohar (1990), a tradução não é um fenômeno de natureza e fronteiras definidas, mas uma atividade que depende das relações que se estabelecem dentro de um determinado sistema cultural. Em particular, a tradução de obras literárias e de poesia trata de uma propriedade geral da linguagem, feita de signos insubstituíveis e imóveis. O tradutor tem que construir signos móveis dentro de uma estrutura imóvel sem modificá-la. Assim, cada leitura é uma tradução e cada crítica uma interpretação. Traduzir é aproximar culturas, construir elos entre povos distintos, de línguas diferentes, proporcionando o conhecimento da cultura do outro através de um diálogo de aproximação. Logo, a tradução poética consiste em produzir por diferentes meios efeitos análogos. O tradutor vagueia entre os diferentes significados, atravessa esses obstáculos e sugere que pode haver leituras difusas em uma língua estrangeira além do texto traduzido.

Nesse sentido, *A Teoria dos Polissistemas*, desenvolvida por Even-Zohar (1990), revela-se muito produtiva no âmbito dos estudos da tradução, pois o entendimento da literatura como um sistema de relações que tem a sua especificidade, abre caminho para a detecção de leis gerais que regem seus processos em sua diversidade e complexidade, mais importantes que registros e classificações positivistas de base empirista e suporte material.² A partir de dois sistemas literários postos em confronto, ele define o ato de traduzir, observando que a tradução é uma atividade social e culturalmente marcada por uma cultura marginal, nova e fraca, que tende a fazer mais traduções do que uma cultura forte, central e estável. Portanto, a tradução pode canonizar,

² EVEN-ZOHAR 1990.

valorizar ou ainda excluir um determinado autor ou uma determinada obra. Enquanto reescrita, pode contribuir para a evolução da literatura e da sociedade, introduzindo novos conceitos, novos gêneros e estilos, reformulando cânones e dando a conhecer culturas. Mas pode também reprimir a inovação, distorcer ou impedir a alteridade, impor a uma cultura dita mais fraca as marcas de valores e princípios de outra convencionalmente mais forte.

Para Ezra Pound (1986), grande conhecedor de literatura e tradutor, cujas contribuições às teorias da tradução são tão importantes quanto sua obra literária, a tradução está diretamente ligada à renovação. A teoria e a crítica baseiam-se em valores explícitos porque a literatura é pensada no âmbito da esfera cultural. Neste sentido, a tradução literária pressupõe uma leitura e interpretação prévias do texto original, pois não se traduzem apenas palavras, mas também significados e referências entre culturas diversas. O processo de tradução inicia-se com o texto como parte integrante de um sistema de referentes culturais e representa a expressão verbalizada de um autor, tal como é percebida pelo tradutor enquanto leitor, que a recria para uma outra leitura dentro de uma outra cultura. É através deste processo dinâmico que o tradutor renova, revê e reformula constantemente o seu trabalho, enquanto processo e enquanto produto.

Temos, portanto, que traduzir uma obra não é traduzir uma língua. Traduzir envolve muito mais do que o conhecimento das línguas, ou seja, implica uma teoria do discurso, uma poética do texto, uma teoria da literatura. O trabalho do tradutor é produzir uma nova linguagem por meio do encontro histórico entre a poética de uma língua e a poética de outra língua. Logo, a tradução de uma obra literária requer do tradutor um grau de identificação, quiçá admiração, com o texto a ser traduzido que se assemelha ao próprio processo de criação.

O tradutor pode optar por aproximar-se mais da cultura de partida, seguindo o texto original o mais literalmente possível, para dar a seu público a sensação do estrangeiro, ou aproximar-se mais da cultura de chegada, naturalizando o discurso do autor, deslocando-o em direção ao leitor.

De fato, assiste-se cada vez mais a uma livre transferência do patrimônio cultural entre as sociedades contemporâneas, sendo que o principal obstáculo à recepção deste patrimônio são as barreiras linguísticas, que dificultam ou impedem mesmo o acesso de uma determinada cultura a outra por não a compreender. É nesta situação que a tradução literária, enquanto mediadora de um bem cultural específico, como é o texto literário, entre duas culturas distintas, representadas por duas línguas diferentes, desempenha um papel cada vez mais relevante na abertura da obra literária a outros espaços geográficos e a outros públicos para além da comunidade nacional e cultural que lhe é própria. A tradução permite então “explicar” uma cultura para outra, mas também populariza um conhecimento que antes era elitizado, ao alcance apenas daqueles que dominam os dois códigos linguísticos.

Nesse sentido, cabe destacar o trabalho realizado por tradutores húngaros que há muito tempo vem divulgando a cultura brasileira, por meio das traduções de obras brasileiras para o idioma húngaro/magiar. Paulo Ronai, autor e tradutor húngaro-brasileiro, muito contribuiu para fazer conhecer-se a literatura brasileira na Hungria. Portador de um profundo conhecimento do par de línguas e culturas envolvidas na tradução, em particular, das suas expressões características, revelou-se, então, de sobeja importância, no intuito de se conseguir traduzir com eficiência o sentido de variadas expressões de autores brasileiros (que, às vezes, podem ser múltiplos), já que a forma muitas vezes não encontra correspondência na língua de chegada, pelo menos

não de maneira exata, dependendo muito do universo sociocultural e linguístico de cada cultura. A gratidão pela terra que o acolheu aliada à vivência da cultura brasileira e à convivência com grandes autores brasileiros proporcionou-lhe um aprofundamento das questões e temas brasileiros que lhe permitiram retratar com intensidade e magnitude as diversas obras que ele selecionou para traduzir. Ele afirmava que a maneira ideal de ler é absorver integralmente uma obra é traduzi-la. Que uma boa e profunda leitura garantiria ao leitor a convicção necessária para criar numa língua um texto que poderia representar um original escrito numa outra.

Diversos tradutores húngaros desvelaram o Brasil, por meio das traduções de obras literárias brasileiras. No entanto, este estudo destaca Pál Ferenc, professor, crítico e tradutor húngaro, cujo vasto conhecimento em Literatura e Filosofia, experiência e admiração pela cultura do Brasil, tem traduzido diversas obras da literatura brasileira. Admirador das literaturas portuguesa e brasileira e fascinado pela tradução poética, ele inteirou-se dessa tarefa com ânimo e traduziu diversas obras, como: *Zero* de Ignácio de Loyola Brandão, *Poemas concretos* de Haroldo de Campos e Décio Pignatari, *Antologia do moderno conto brasileiro*, *Macunaíma* de Mário de Andrade, *A Polaquinha* de Dalton Trevisan e *Budapeste* de Chico Buarque de Holanda. Por ser um admirador de Mário de Andrade, autor estudado e propagado em suas aulas, traduzir *Macunaíma*, que, segundo ele, expressa a realidade e o povo brasileiro, teve um sentido especial, para o qual desenvolveu um método especial de tradução, para “aos poucos, descobrir a obra, lendo-a e, ao mesmo tempo, traduzindo-a”³.

³ Citação de Ferenc Pál em entrevista à autora, durante intercâmbio e pesquisa no Departamento de Estudos Portugueses da ELTE, em 2014.

Toda a sua história de traduções gerou, além do conhecimento da cultura, da realidade e do comprometimento com a tradução das obras literárias brasileiras, a necessidade de uma maior interação com as Letras do Brasil e seus representantes, a fim de se conhecer o que está sendo produzido atualmente nesse país. Enquanto professor do Departamento de Estudos Portugueses da Universidade Eötvös Loránd – ELTE passou a buscar e a firmar parcerias entre as universidades brasileiras e húngaras, visando estabelecer entre o povo húngaro e o povo brasileiro fortes diálogos que perpassam o tempo e efetivam laços de estreitamento entre as duas culturas. Pois, segundo ele, “aos intelectuais compete a tarefa e a responsabilidade de formar a consciência do grande público”⁴. Logo, mais uma vez, destaca-se o professor Pál Ferenc pelo trabalho de efetivação de parcerias e intercâmbio entre as instituições universitárias brasileiras e húngaras, ao divulgar a cultura e literatura brasileiras em terras húngaras e ao possibilitar aos estudantes brasileiros conhecer *in loco* os frutos desse trabalho, não só da tradução, mas também do ensino da Língua Portuguesa e das Literaturas de Língua Portuguesa, realizado desde 1979, no Departamento de Estudos Portugueses da ELTE, em Budapeste. Nesse sentido, a realização de uma pesquisa conjunta entre docentes brasileiros e húngaros e/ou de alunos brasileiros e húngaros configura-se como uma espécie de bilinguismo no seio do próprio português e um meio de se chegar a um conhecimento edificante para ambas as instituições e seus respectivos países.

Sendo assim, um dos objetivos do Departamento de Estudos Portugueses da ELTE, através de seus docentes, passou a ser o de propagador da Literatura brasileira, por meio do estudo das disciplinas e dos seminários temáticos sobre o Brasil, no sentido de desmitificar

⁴ PÁL 2009: 38.

a imagem estereotipada e exótica do povo brasileiro, ao difundir, de fato, a realidade do Brasil “excêntrico, multifacetado, de componentes culturais e étnicos múltiplos e amalgamados, entre eles a música popular brasileira e a sua melancólica melodia, ou o carnaval e seu simbolismo popular”⁵. Parafraseando o autor, ressaltamos, portanto, que atualmente a Literatura brasileira está relativamente bem representada na Hungria, pois existe uma maior diversidade de obras literárias, bem como mais informações sobre autores e tendências literárias do Brasil.

Considerações

No processo de tradução deve haver um diálogo do tradutor com as questões de que a obra é portadora. O tradutor deve deixar-se guiar no seu trabalho tradutivo pelas perguntas e respostas latentes no texto. Através do processo interpretativo de diálogo com a obra, o tradutor vai construindo a sua própria imagem, de acordo com os pressupostos adquiridos nas suas anteriores experiências de leitura. A tradução tem, por isso, sempre marcas da individualidade do tradutor, que apresenta no seu trabalho a sua interpretação das várias dimensões e dos plurisignificados do texto original.

Portanto, traduzir é aproximar culturas, construir elos entre povos distintos, de línguas diferentes, proporcionando o conhecimento da cultura do outro através de um diálogo de aproximação. Nesse sentido, foi vislumbrada neste artigo a trajetória dos tradutores de obras literárias brasileiras Paulo Rónai e Pál Ferenc, pois devido ao interesse dos húngaros pelo Brasil, tido por eles como um país excêntrico, cada vez mais obras e autores brasileiros são traduzidos e popularizados na Hungria.

⁵ PÁL 2009: 38.

Outro aspecto destacado neste artigo foi a efetivação de parcerias entre as universidades brasileiras e húngaras. Tal efetivação tem transcorrido satisfatoriamente entre professores húngaros e alunos brasileiros, estabelecendo pesquisas, firmando diálogos e efetivando laços de estreitamento entre as duas culturas. Portanto, o objetivo do Departamento de Estudos Portugueses da ELTE atualmente é de manter os estudos em Literatura Portuguesa e Brasileira e também de estudar e propagar a literatura dos Países africanos de Língua oficial Portuguesa – PALOP.

Espera-se, que o êxito seja atingido, consolidando conhecimentos e divulgando pesquisas acadêmicas de intercâmbio e de integração entre docentes e alunos brasileiros e húngaros, pois, no tempo do efêmero, da agoridade e da velocidade, aqueles que se dedicam a propagar outras culturas tão distantes e diferentes merecem respeito e admiração.

Bibliografia

- CAMPOS, Haroldo de (1970). *A tradução como criação e como crítica. Meta-linguagem*. Petrópolis: Vozes, 21–38.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polysystem Studies*. Durham, Duke University Press, 1990.
- CALVINO, Ítalo (1993). *Por que ler os clássicos*. São Paulo, Companhia das Letras
- PÁL, Ferenc (2009). *A imagem do Brasil e a literatura brasileira na Hungria*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 15, 25–48.
- PÁL, Ferenc (1996). As modificações da imagem do Brasil na Hungria. *Letras de Hoje – Revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul* (Porto Alegre), n. 105, 19–33.

PÁL, Ferenc (2004a). Brasil e Hungria ao transcorrer dos séculos: escambos materiais, espirituais e culturais. In: PÁL, Ferenc – MARINHO, Marcelo. *Cartas vincadas, letras no espelho*. Campo Grande, Letra Livre, 11–37.

PÁL, Ferenc (2004b) Literatura brasileira na Hungria e literatura húngara no Brasil: recepção mútua e fortunas críticas. PÁL, Ferenc; MARINHO, Marcelo. *Cartas vincadas, letras no espelho*. Campo Grande, Letra Livre, 121–150.

POUND, Ezra (1986). *ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix.

Kapcsolatok a brazil magánjog és a magyar magánjog között – történetiség és aktualitás (Contatos entre o direito civil brasileiro e direito civil húngaro – historicidade e atualidade)

Hamza Gábor

MTA/Academia das Ciências da Hungria

ELTE, Budapest

Rezümé: A 2013-ban elfogadott új magyar Polgári Törvénykönyv rokon vonást mutat az új brazil Polgári Törvénykönyvvel elsősorban abban a vonatkozásban, hogy a társasági jogot is szabályozza. Az új magyar Ptk., az 1959-ben elfogadott első Ptk.-hoz hasonlóan, eltérően a brail Ptk.-tól, nem tartalmaz Általános részt. A brazil és a magyar magánjogi kodifikáció közös sajátossága, hogy a kódexek szerkesztői tekintettel voltak a jogi hagyományokra éppúgy, mint a legjelentősebb európai magánjogi kódexekre.

1. Az 1916-ban elfogadott és 1917-ben hatályba lépett brazil *Polgári jogi törvénykönyv (Código civil)*, amelyet számos jogtudós a latin-amerikai kodifikációk körében a legeredetibb törvénytűnek tekint, hasonlóan az 1960. május 1-én hatályba lépett első magyar Polgári törvénykönyvhöz (a továbbiakban Ptk.) több évtizeden át tar-

tó intenzív kodifikációs munka eredménye volt.¹ Hangsúlyozni kívánjuk, hogy – Braziliától eltérően – Magyarországon a Kiegyezést követően kezdődő magánjogi kodifikációs munkák 1959-ig nem vezettek eredményre, azaz tervezetek maradtak.²

Sajátossága a brazil magánjognak az, hogy a függetlenségét 1822. szeptember 7-én deklaráló országban egy 1823-ban elfogadott törvény (*ley*) értelmében az 1821. április 25-e előtt kihirdetett portugál statútumok, így a magánjogot rendező Ordenações Filipinas (1603) is, továbbá törvények és dekrétumok továbbra is hatályban maradtak.³ A független, szuverén állam, Brazília 1824-ben elfogadott és hatályba lépett első alkotmányának (*constituição*) 179. szakasza rendelkezik az „igazságon és a méltányosság szilárd alapjain” nyugvó polgári jogi és büntetőjogi törvény mielőbbi megalkotásáról.⁴

A számos kodifikációs tervezet közül kiemelkedik a kitűnő római jogász és kodifikátor Augusto Teixeira de Freitas (1816–1883)⁵ által szerkesztett tervezet (*Esboço*) [1860–65], amely a polgári jog (*direito civil*) és a kereskedelmi jog (*direito comercial* illetve *direito mercantil*)

¹ Ld. G. HAMZA: *Origine e sviluppo degli ordinamenti giusprivatistici moderni in base alla tradizione del diritto romano*. Santiago de Compostela, 2013. 601skk. o.

² Ld. összefoglalóan: G. HAMZA: *Geschichte der Kodifikation des Zivilrechts in Ungarn*. In: Anuario da Faculdade de Direito da Universidade da Coruña. Revista jurídica interdisciplinar internacional 12 (2008) 533–544. o.

³ Ld.: J. C. MOREIRA ALVES: *A contribuição do antigo direito português no Código Civil Brasileiro*. In: Estudos de Direito Civil Brasileiro e Português. (I Jornada Luso-Brasileira de Direito Civil) São Paulo, 1980. 29skk. o. A portugál jog jelenkori hatására nézve Braziliában ld.: A. ATHENIENSE: *Importância actual do direito-brasileiro*, Revista de Direito Comparado Luso-Brasileiro 3(1984) N. 4. 306–318. o.

⁴ Ld.: J. C. MOREIRA ALVES: *A parte geral do Projeto de Código civil brasileiro*. São Paulo, 1986. 3. o.

⁵ Ld. HAMZA: *Az európai magánjog fejlődése. A modern magánjogi rendszerek kialakulása a római jogi hagyományok alapján*. Budapest, 2002. 288 ssk. o.

anyagát egyesíti magában.⁶ Sajátos módon ez a Teixeira de Freitas-féle⁷ tervezet a későbbiek során nem is annyira Braziliában, mint inkább Argentínában volt hatással a magánjog elsősorban Dalmacio Vélez Sársfield (1800–1875) nevéhez kapcsolódó kodifikációjára.⁸

2. Az 1917. január 1-jén hatályba lépett, ma már nem hatályos brazil polgári törvénykönyv⁹ a német *Bürgerliches Gesetzbuch*-hoz (BGB-hez) hasonlóan, a pandektarendszert követve¹⁰ általános részre (1-179

⁶ Ld. összefoglalóan: G. HAMZA: *Entstehung und Entwicklung der modernen Privatrechtsordnungen und die römischrechtliche Tradition*. Budapest, 2009. 669ssk. o.

⁷ A brazil igazságügyi miniszertől 1855-ben kapott megbízást TEIXEIRA DE FREITAS (1816-1883) a polgári jog konszolidálására. Az *Esboço* mellett kiemelkedő jelentőségű az ugyancsak AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS-tól származó *Consolidação das Leis Civis* is. TEIXEIRA DE FREITAS munkásságára nézve ld. a brazil jogirodalomból Silvio MEIRA: *Teixeira de Freitas, o juriconsulto do Império*. Rio de Janeiro, 1983. 2. kiad. passim.

⁸ Az argentin polgári törvénykönyvet (*Código civil*) 1869-ben fogadta el az argentin törvényhozás. A kódex 1871-ben lépett hatályba. Az argentin polgári jogi kódex modelljéül elsősorban a francia *Code civil* szolgált. Hatással voltak rá azonban – az *Esboço* mellett – ROBERT JOSEPH POTHIER munkái, a spanyol jogi dogmatika, az 1851-es GARCÍA GOYENA-féle tervezet és az Andrés BELLO nevéhez kapcsolódó 1855-ös chilei polgári törvénykönyv. Ld.: E. MARTINEZ PAZ: *Freitas y su influencia sobre el Código civil argentino*. Cordova, 1927. és L. RODRÍGUEZ ENNES: *La obra de García Goyena y el proceso codificador iberoamericano*. Anuario de Historia del Derecho Español (AHDE) 77 (2007) 1 ssk. o. Ld. még G. HAMZA: *Le développement du droit privé européen. Le rôle de la tradition romaniste dans la formation du droit privé moderne*. Budapest, 2005. 182. o.

⁹ Clóvis BEVILÁQUA-t 1889-ben bízta meg a brazil igazságügyi miniszter a polgári jogi törvénykönyv tervezetének elkészítésével. A képviselőház elé a kódex-tervezet 1901-ben kerül. A tervezet többször módosított végső változatát a 3071 sz. törvény hirdeti ki 1916-ban. Clóvis BEVILÁQUA a római jogot alapul véve dolgozza ki tervezetét. Ennek dokumentuma az 1916-os brazil Ptk.-hoz írt terjedelmes, számos kiadásban megjelent kommentárja. Ld.: Clóvis BEVILÁQUA: *Código Civil dos Estados Unidos do Brasil*. 7. kiad. (edição histórica) Rio de Janeiro, I–II. k. 1975. Vö. még: Silvio MEIRA: *Romanismo e universalidade na obra de Clóvis Bevilacqua*, Revista Brasileira de Direito Comparado 6 (1991) N. 10 41–49. o.

¹⁰ A brazil Ptk. általános részének doktrinális alapjára nézve ld.: A. PEREIRA DA SILVA: *A função da parte geral no sistema do código civil*, Revista de Direito Civil 5 (1981) 53–60. o. Ld. még a régebbi irodalomból: S. VAMPRÉ: *Manual de Direito Civil Brasileiro. Teoria Geral do Direito e Direito de Família*, I.k. Rio de Janeiro, 1920. 27skk. o.

szakasz) és különös részre (családi jog, dologi jog, kötelmi jog, öröklési jog) tagolódott. A brazil kódexnek is volt „*Einführungsgesetz*”-e, amely még a nemzetközi (köz)jog egyes elveit is tartalmazta. A brazil Ptk. „eklektikus természetű” volt, mivel tartalmilag döntően a francia *Code civil*, strukturáját tekintve pedig a német BGB hatását tükrözte.¹¹ Az 1807 szakaszból álló kódex rövidebb volt, mint a német BGB, amely szerkesztése illetve hatálybalépése idején 2385 paragrafusból állt.

A brazil kormány 1940-ben három neves jogászból (Orosimbo Nonato, Philadelfo Azevedo és Hahnemann Guimarães) álló bizottságot nevezett ki abból a célból, hogy előkészítse a *Magánjogi Törvénykönyv* átfogó revízióját. A bizottság feladatát elsősorban abban látta, hogy felszámolja azoknak a jogelveknek a dualizmusát, amelyek a magánjog és a kereskedelmi jog területén nyernek alkalmazást. A *Kötelmi jogi kódex* előtervezetének (*Anteprojeto de Código das obrigações*) közzétételére már a következő évben, 1941-ben sor került. Ez az 1941-es *Előtervezet* az 1881-es svájci *Kötelmi jogi törvény*hez hasonlóan a kereskedelmi jogot is tartalmazza, tehát kötelmi jogi „*code unique*”-tervezet.

Az önálló kódexben szabályozandó kereskedelmi jog koncepciója (*concept dualiste*) 1963-ig tekinthető uralkodónak Brazíliában. A brazil kormány 1967-ben döntött arról, hogy a kötelmi jogot is az egységes magánjogi kódexnek („*code unique des obligations*”) kell magában foglalnia. Az átfogó reformra illetve revízióra irányuló munka húsz éven át azonban gyakorlatilag, ténylegesen szünetelt. A kormány az igazságügyi miniszter szorgalmazására 1961-ben rendelkezett a kodifikációs munka újrakezdéséről.

3. Az új *Magánjogi Törvénykönyv* tervezetének kidolgozásával még ugyanebben az évben megbízott neves civilista, Orlando Gomes

¹¹ Ld.: O. GOMEZ: *Raízes Históricas y Sociológicas do Código Civil Brasileiro*, Salvador, 1958. passim.

professzor vezetésével működő bizottság 1963-ban egy 964 szakaszból álló projektumot (*Anteprojeto de Código Civil*) készített el – ezt 1964-ben egy másik bizottság¹² 870 szakaszra redukálta –, amely négy részre tagolódik. A revideált *Előtervezet*, amely a személyek jogát, a családi jogot, a dologi jogot, valamint az öröklési jogot foglalta magába, több oldalú kritika tárgyát képezte. Többen felvetették, hogy a családi jognak ebben a rendszerben, megjegyzendő, hogy a kötelmi jogot az ezekben az években uralkodó nézet szerint, hasonlóan a svájci magánjogi kodifikációhoz, önálló kódex szabályozná, a dologi jogi részt követően, tehát az öröklési jog előtt kellene elhelyezkednie. E rendszer mellett szóló érv, hogy a braziliai egyetemek jogi karain a családi jog és az öröklési jog, mint kötelezően oktatott tantárgyak, az utolsó év programjában szerepelnek a tanrendben.

4. 1965-ben sor került a fentebb már említett 1941-es *Kötelmi jogi kódex előtervezet* átdolgozott változata szövegének publikálására. A német BGB kötelmi jogi részére támaszkodó 1965-ből származó Caio Mário da Silva Pereira szerkesztette *Kötelmi jogi kódex előtervezet* (*Anteprojeto de Código de Obrigações*), első része 952 szakaszból és kilenc fejezetből állt. Az *Előtervezet* első része a jogügyleteket, a kötelmeket és a szerződéseket általában szabályozza. Az *Előtervezet* második, Sylvio Marcondes által 1964-ben kidolgozott része a társaságokat és a kereskedelmi tevékenységet szabályozza 422 szakaszban a *code unique* koncepciót követve. A *kötelmi jogi kódex előtervezetének* harmadik része, mely Theophilo de Azevedo Santos 1964-ben közzétett munkája az érték-papírjogot szabályozta 300 szakaszban. A kötelmi jog önálló kódexben való szabályozásának terve, elgondolása azonban igen heves ellenzésre

¹² A revideált *Előtervezet* (*Anteprojeto de Código Civil revisto*) szövegét megfogalmazó bizottság tagjai neves civilisták, Orosimbo NONATO, Orlando GOMES és Caio Mário DA SILVA voltak.

talált. A svájci modellre való hivatkozás Orlando Gomes részéről azért nem volt elfogadható, mert Svájcban az ország alkotmányos rendszere nem tette lehetővé a szövetségi szinten történő átfogó magánjogi kodifikációt.¹³

Brazíliában a magánjog *egészére* kiterjedő törvényhozásnak a szövetségi parlament részéről, mint erre már az 1824-ben elfogadott alkotmány is utalt, nem volt alkotmányos akadálya. A kötelmi jogot önálló törvényben szabályozni kívánó koncepció hívei az általános részt (*Parte geral*) feleslegesnek ítélték a magánjogi törvénykönyv rendszerében. Hivatkoztak többek között arra, hogy az általános rész (*Allgemeiner Teil*) létjogosultsága a német BGB-ben is vitatott volt a kódex szerkesztése során és a kihirdetést követően egyaránt. A brazil jogi irodalomban, doktrínában Hahneman Guimarães és Orosimbo Nonato általános rész ellen felhozott érvei – amelyek jórészt Eugen Ehrlich (1862–1922) általános részt kritizáló érveivel azonosak – azonban nem találtak elfogadásra.¹⁴

5. A két előtervezetre támaszkodott a H. Castello Branca elnök által 1965. október 12-én a Kongresszus elé terjesztett *Polgári törvénykönyv* és *Kötelmi jogi törvény* tervezet, mely utóbbi ezúttal egységes szerkezetbe foglalt formában (1501 szakasz) került közzétételre. A különösen a családi jogi részt hevesen bírálók ellenállása miatt azonban a szövetségi kormány mindkét tervezetet 1966-ban visszavonta. 1969 májusában az igazságügyi miniszter a nemzetközi hírnévnek örvendő Miguel Reale (1920–2006) professzor vezette bizottságot bízta meg a kötelmi jogot is magában foglaló Ptk. tervezet kidolgozásával. A kódex-tervezetnek a kereskedelmi jogot is tartalmaznia kellett.

¹³ Itt utalunk arra, hogy Svájcban az 1874-ben elfogadott *Alkotmány* 1898-ban elfogadott módosítása adott lehetőséget a szövetségnek (konföderáció) a magánjog teljes anyagának törvényhozási úton való szabályozására.

¹⁴ Ld.: MOREIRA ALVES: Id. mű 14–15. o.

Említést érdemel, hogy társasági jog (*direito das sociedades comerciais*) kidolgozására ismét Sylvio Marcondes kapott megbízást. A tervezetet 1972-ben tették közzé. Az átdolgozott változatot 1973-ban publikálták. A hivatalos lapban való közzétételre 1974-ben került sor. A részben a tervezetet szerkesztő bizottság tagjaitól, részben másoktól származó módosításra irányuló javaslatok függvényében azonban további revízió vált szükségessé. A revideált előtervezetet a kormány 1975-ben terjesztette a szövetségi kongresszus elé, amelyet ugyanebben az évben *634 sz. Törvénytervezet (Projeto de Lei 634)* néven (a továbbiakban *Tervezet*) publikáltak. A *Tervezetet* a Képviselőház kilenc évvel a benyújtását követően 1984-ben fogadta el számos, összesen 1063 változtatással illetve kiegészítéssel. A családi jog körében az 1916-os Ptk.-hoz képest az 1977-ben elfogadott 6.515. sz. törvény hozott jelentős változást, tekintettel az 1977. június 28-án elfogadott alkotmánymódosításra, amely jelentősen megkönnyítette a házastársak válását. A *Tervezet* törvényerőre emelkedéséhez szükséges a szenátus jóváhagyása, mely elé még 1984-ben került (118/1984 sz. Törvénytervezet).

A Szenátus egy külön bizottságot hozott létre még ebben az évben a *Tervezet* megvizsgálása céljából. A bizottság kiemelt feladata volt a *Tervezetnek* az 1988-ban elfogadott alkotmány rendelkezéseivel történő összhangba hozatala.¹⁵ A *Tervezet* főbb jellemzői az alábbiak voltak: a) A magánjog – már Augusto Teixeira de Freitas szorgalmazta¹⁶ – (polgári jog) és a kereskedelmi jog egységesítése (*code unique*) b) az általános rész

¹⁵ Ld.: J. C. MOREIRA ALVES: *Panorama do direito civil brasileiro: das origens aos atos atuais*. In: Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 88 (1993) 237sk. o.

¹⁶ Említést érdemel, hogy AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS 1867-ben tett javaslatot a magánjog egységesítésére a polgári jog és a kereskedelmi jog „dualizmusának” kodifikációs szinten történő felszámolására. Ld.: F. AMARAL: *Direito civil brasileiro. Introdução*. Rio de Janeiro, 1991. 163. o.

(*Parte geral*) és különös rész (*Parte especial*) egymástól való elkülönítése; c) a különös rész szerkezetét tekintve kötelmi jogra,¹⁷ dologi jogra, családijogra és öröklési jogra tagolódná. Itt utalunk arra, hogy a *Tervezet* e szerkezete megegyezik az új (második), 1966-ban elfogadott portugál polgári jogi kódex (*Código civil*) struktúrájával.¹⁸

6. A *Tervezet* általános részében, néhány szabályt korántsem a *taxatio* igényével említve, az alábbi elvek nyertek megfogalmazást. A *Tervezet* a továbbra is fenntartotta az abszolút és a relatív jogképesség közötti megkülönböztetést, disztinkciót. A jogi személyekre vonatkozó címben található 43. § az egyesületeket, a társaságokat és az alapítványokat magánjogi jogi személyeknek deklarálja. Abban az esetben – állapította meg a 49. § –, ha a jogi személy nem rendelkezik ügyintéző, illetve képviselő szervekkel, a bíró jogosult kijelölni ügyvivőt – ideiglenesen – valamelyik fél kérelmére. A *Tervezet* ugyancsak az általános részben (12–21 §§) rendelkezett a személyhez fűződő jogokról és azok védelmének eszközeiről.¹⁹

A *Tervezet* az 1916-ban elfogadott Ptk.-tól eltérően²⁰ a képviselőt már nem a megbízáshoz kapcsolta (Ptk. 1324–1330 §§), hanem az

¹⁷ Az *Előtervezet* kötelmi jogi részének jellemzőivel kapcsolatban ld.: D. JOSÉ DA COSTA: *O direito das obrigações no Anteprojeto de Código civil*, Revista de Direito civil 1977 2. szám 59–66. o.

¹⁸ Az 1980-as években vált intenzívebbé az együttműködés Brazília és Portugália között a jogi kutatások területén. Ennek a kooperációnak eredménye a Rio de Janeiro-ban 1981-ben létrehozott *Instituto de Direito Comparado Luso-Brasileiro*. Ld.: F. DOS SANTOS AMARAL NETO: *Fundado o Instituto de Direito Comparado Luso-Brasileiro*, Revista de Direito Civil 6 (1982) 148sk. o.

¹⁹ A bíróságok a jogalkalmazás során figyelemmel vannak ezekre a szakaszokra annak ellenére, hogy azok formailag nem hatályosak. Ld.: AMARAL: id. mű 267skk. o. Vö. még: R. LIMONGI FRANCA: *Coordenadas fundamentais dos direitos da personalidade*. Revista de Direito Comparado Luso-Brasileiro 2 (1982) 45–49. o.

²⁰ Az ügyleti képviselő szabályozására nézve az 1916-os kódexben ld. az irodalomból: F. AMARAL: *Direito civil brasileiro. Intrdução*. Rio de Janeiro, 1991. 454–488. o.

általános részben a jogügyletekre vonatkozó szabályok körében (*Tervezet* 115–120 §§) helyezte el, elismerve ezáltal az ügyleti képviselet absztrakt, az alapügylettől független, autonóm jellegét.²¹

A *Tervezet* különös részének (*Parte especial*) első részében, a kötelmi jogi részben szabályozta a feléntúli sérelemhez hasonló intézményt (*laesio enormis*). A római jogi alapokra – minden bizonnyal Diocletianus császár (284–305) uralkodásának idejére visszanyúló, tehát lényegében posztklasszikus eredetű²² – a szolgáltatás és az ellenszolgáltatás közötti aránytalanságot érvénytelenségi oknak tekintő szabály felvétele a projektumba (157. § *Da lesão*) lényegét tekintve hagyománytisztelet („*reverentia iuris Romani*”) eredménye illetve következménye.²³ Ennek a normának a *Tervezet*be való felvétele ellentétben állt az 1850-ből származó, formailag még ma is hatályos, bár többször módosított *Kereskedelmi Törvénykönyv* 220. §-ával, amely a *laesio enormis*-t nem ismeri. Az egységes magánjogi kódex megalkotásával ez a tétel a korábban a kereskedelmi jogi ügyletek körébe tartozó szerződések körében is érvényesül. További, feltétlenül említést érdemlő sajátossága a *Tervezet*nek az, hogy a vállalkozó fogalmát a kereskedelmi jellegű tevékenységet folytatókra szűkíti le. A szellemi, azaz tudományos, irodalmi vagy művészi munkát folytató személyek ilyen módon nem tartoznak ebbe a körbe.

²¹ Az alapügyletet a képviselettel elválasztó, PAUL LABAND-nevéhez kapcsolódó teóriára nézve ld.: HAMZA G.: *Az ügyleti képviselet*. Budapest, 1997. 2. kiad. 19. o.

²² A *laesio enormis*-ra nézve ld.: FÖLDI A. – HAMZA G.: *A római jog története és intéllúciói*. Budapest, 2014. 19. átdolg. és bőv. kiad. 513sk. o.

²³ Az 1916-ban kihirdetett Ptk. nem ismeri a *laesio enormis*-t, mivel Clóvis BEVILAQUA nem tartotta szükségesnek ennek a jogintézménynek a Ptk.-ban való szabályozását. Az elutasítás indokait azonban BEVILAQUA nem fejti ki a Ptk.-hoz írt kommentárjában. Ld.: Clóvis BEVILAQUA: *Código Civil dos Estados Unidos do Brasil comentado por Clóvis Bevilacqua*. 7. tiragem, edição histórica. Rio de Janeiro, 1984.

A *Tervezet* harmadik könyve a dologi jogot szabályozta. Az *Előtervezet*et kidolgozó bizottság az ehhez a részhez készített kommentárban hangsúlyozta a közösségi érdek prioritását az individuális, egyéni érdekhez képest. A tulajdon korlátai között *expressis verbis* szerepelt a közérdek (*utilitas publica*). Ebben a könyvben nyertek említést a részletesen kidolgozott környezetvédelmi szabályok, amelyek éppen a tulajdonjog gyakorlását korlátozták, illetve szorították megszabott keretek közé. A joggal való visszaélés kérdését is megnyugtató módon rendezte nézetünk szerint a *Tervezet*.

Sajátos módon rendelkezett a *Tervezet* a kisajátítást szenvedett tulajdonosnak az állam részéről történő kártalanításáról. A kártalanításra ugyanis az állam által kibocsátott adósságlevél (értékpapír) formájában is sor kerülhetett, amely egyfajta értékállandósági (*valorizációs*) klauzulát is tartalmazhatott. Ez a lehetőség valójában a tulajdonos inflációból eredő kárának kompenzálását szolgálta. Lényegét tekintve szociális szempontokat kifejezésre juttató szakasz volt az, amely arra az esetre is lehetővé tette a jelentős nagyságú, területű ingatlan kisajátítását, ha azt több személy megszakítás nélkül, jóhiszeműen öt éven át megművelte, illetve használta olyan módon, hogy ez a megművelés vagy használat az ingatlan érték növekedéséhez vezetett. A *Tervezet* 1337. szakasza lehetővé tette a zálogjog esetében, külön erre irányuló megállapodás nélkül is, a záloghitelező számára a birtokba vett ingatlan használatát. Ennek alapján a záloghitelező jogosult volt a hasznok szedésére az adósság csökkentése céljából. Ez a rendelkezés nézetünk szerint valójában a záloghitelező pozícióját erősítette.

A *Tervezet* felszámolni kívánta a brazil Ptk.-ban részletesen szabályozott örökhaszonbérletet (*emfiteuse*) (678–694. szakasz), amely a XX. század utolsó évtizedeiben Európában és az Európán kívüli országokban egyaránt társadalmilag és gazdaságilag jelentőségéből sokat

vesztett jogintézménynek tekinthető. Más kérdés az, hogy Brazíliában ennek az intézménynek a felszámolása, annak széleskörű alkalmazása miatt, nem okozott volna-e, legalábbis átmenetileg, komoly gazdasági nehézségeket.

Az *Előtervezet* önálló jogintézményként szabályozta a felülepítményi jogot (*superficie*) (1556—1563 §§), amelyről az 1916-ban kihirdetett Ptk. nem rendelkezett.²⁴ A *superficies* jogintézményének római jogban kialakult szabályozását követő *Előtervezeten* alapult az 1975-os *Tervezet* felülepítményi joggal kapcsolatos rendezése (1401–1408 §§).

A *Tervezet* negyedik könyve a családi jogra vonatkozó normákat tartalmazta. Figyelmet érdemelt az ún. törvénytelen gyermek helyzetét szabályozó rendelkezés. A házasságon kívül született gyermek törvényesítése lényegesen egyszerűbb volt, mint a házastársi hűség megszegéséből származó gyermeké. Az utóbbi esetben ugyanis a *Tervezet* a törvényesítésnek időbeli határt szabott; az ugyanis csak a házasság felbontását követően következhetett be. Némi enyhítés a házasság felbontása nélkül is lehetséges volt, éspedig abban az esetben, ha a házastársak több mint öt esztendeje már külön éltek.

Az 1988-ban elfogadott alkotmány, amely a törvénytelen gyermek jogállását a törvényes házasságból származókéval tette egyenlővé, ezeket a rendelkezéseket automatikusan megváltoztatta. Az 1977-ben elfogadott, a válást lehetővé tevő 6.515 sz. törvény értelmében az öröklés szempontjából már nincs különbség a törvénytelen és a törvényes gyermek között. A házassági vagyonjog az előtervezet szerint a részbeni vagy feltételes házastársi vagyonközösség. A római jogra épülő vagyonekülönítés rendszere csak kivételes,

²⁴ A felülepítményi jog kodifikálására nézve Brazíliában ld.: A. O. DE OLIVEIRA DEDA: *Direito de superficie*. Revista de Direito Civil 6 (1982) 95–105. o.

a *Tervezet* által taxatív meg szabott esetekben érvényesült. Mód kínálkozott ún. családi vagyron létesítésére, magán- vagy közokirat formájában, aminek csupán bizonyos összegszerűségi limit szabott határt. Jellemzője volt a portugál jog hatását is tükröző *Tervezet*nek a tartási kötelezettség (*alimentatio*) alkalmazási körének jelentős bővítése.²⁵

A *Tervezet* utolsó, ötödik könyve az öröklési jogot szabályozta. Az öröklési jog normái körében különösen erősen érződik a római jog hatása. Egyes intézményeknél, mint például a fiókvégrendeletnél (*codicillus*) vagy a privilegizált végrendeleti formáknál a szabályozás szinte teljes mértékben követi a római jogi hagyományt. A tervezet továbbra is fenntartotta a portugál magánjogból átvett, ma már több mint két évszázad óta folyamatosan alkalmazott *saisine* rendszerét, amely a vizigót jogban gyökerezik. Ez kétségtelen jele a kontinuitásnak, a jogi tradíciókhoz való következetes ragaszkodásnak.²⁶

7. A *Tervezet* általános jellemzéséhez tartozik továbbá az, hogy egyes rendelkezései tartalmilag megegyeztek az 1916-os kódex normáival és benne csupán más helyen, más sorrendben nyertek elhelyezést. Ez a helyzet például a vevő kárveszélyviselési kötelezettségével a dolog átadását (*traditio*) követően. Több ponton lehet utalni, vonatkozik ez különösen a kötelmi jog területére, a *Tervezet* római joggal való összefüggésére. Kiemelhetők ebben a vonatkozásban a jogosulti és a kötelezetti egyetemlegesség és a kötelemátruházás római jogi paralellei. A *Tervezet* természetesen azokban az esetekben, mint például a harmadik javára szóló

²⁵ Ld.: J. A. RIOS: *Familia e sucessão no Brasil e em Portugal nos séculos XIX e XX: tentativa de Síntesi*, Revista de Direito Comparado Luso-Brasileiro 2 (1983) N. E. 131–147. o.

²⁶ Ld.: T. CASTRO: *O estatuto sucessório da família no direito atual e no projeto do Código civil brasileiro*, Revista de Direito Comparado Luso-Brasileiro 3 (1984) 122skk. o.

szerződésnél, amelyet a római jog fogalmilag kizártnak tartott (*alteri stipulari nemo potest*), ahol ez feltétlenül indokoltnak mutatkozott, szakít a római jog hagyományaival.

A római jogi elemek értelemszerűen a különös rész területén is, így különösen az adásvételnél, a cserénél és az ajándékozásnál, továbbra is komoly szerephez jutnak.²⁷ A római jog jeles művelője, Silvio Meira a római jog konstrukcióinak jelenlétét a brazil magánjogban vizsgálva, egyenesen „brazil római jogról” (*“direito romano brasileiro”*) írt tekintettel a *Tervezet*-ben kimutatható római jogi alapokon nyugvó intézményekre is.²⁸

8. A *Tervezet* főbb jellemzőinek áttekintését követően utalunk kell arra a veszélyre, amely az immár csaknem száz esztendő múltára visszatekintő kodifikáció szükségzerű velejárója.²⁹ A jog megmegevedése és ezáltal az élettől való elszakadása, illetve elszigetelődése, a már Friedrich Carl von Savigny (1779–1861) és Anton Friedrich Justus Thibaut (1772–1840) híres vitájában (*Kodifikationsstreit*) is szerephez jutó „örök” probléma, csakis megalapozott, valósággra orientált, rugalmas jogalkotással kerülhető el. A hatálybalépés egyik komoly akadályát képezte hosszú időn át az, hogy a jogászok köré-

²⁷ Itt utalunk arra, hogy az 1981-ben a brazil főváros egyetemén (*Universidade de Brasilia*) létrehozott Római jogi és jogrendszereket kutató központ (*Centro de Estudos de Direito Romano e Sistemas Jurídicos*) nemzetközi kutatógárda bevonásával vizsgálja a római jog illetve *ius commune* konstrukcióinak jelenlétét a brazil jogban, figyelemmel annak továbbfejlesztésére is. Vö.: S. SCHIPANI: *Centro de Estudos de Direito Romano e Sistemas Jurídicos*, Revista de Direito Civil 6 (1982) 117–120. o.

²⁸ Ld.: Silvio MEIRA: *Direito romano e direito novo do Brasil. Existe um direito civil brasileiro?* In: *Estudios de Derecho Romano en honor de Alvaro d’Ors*. II.k. Pamplona, 1987. 869–888. o.

²⁹ Ez magyarázza a konszenzust a jogászok körében a brazil Ptk. revíziójának szükségességét tekintve. Ld.: C. M. DA SILVA PEREIRA: *Instituições de direito civil*, I. São Paulo, 1961. 15. o. Ez a konszenzus már megvolt, létrejött 1940-ben, a kódex revidálásával megbízott bizottság felállításakor. Ld.: O. NONATO: *A revisão do Código Civil*. Direito 2 (1940) 38. o.

ben nem volt egyetértés például olyan nagy jelentőségű doktrinális természetű kérdésben, mint az általános rész.³⁰

Vitatott volt továbbá az, hogy indokolt-e az új szerződések illetve szerződési típusok (*leasing, franchising, know-how, engineering, hedging, factoring* stb.) megjelenésére tekintettel az átfogó reform illetve revízió.³¹ Nem lehetett továbbá az ország alkotmányos rendjében 1917-óta bekövetkezett változásokat figyelmen kívül hagyni, a brazil Ptk. hatálybalépésekor még az 1891-es alkotmány volt hatályban, amelyeket az 1988-as alkotmány a magánjog területét is érintve rögzített.³²

Egyesek, így például a jeles civilista, Haroldo Valladão, korszerűtlennek tekintették a polgári jog teljes anyagának egy (egységes) kódexben való szabályozását. E nézet képviselői szerint a családi jogot, a dologi jogot és a kötelmi jogot önálló kódexben lett volna célszerű szabályozni. Hivatkoztak nézetük megalapozásáért Mexicó és Bolívia, amelyekben a családi jogot önálló törvény szabályozza, kodifikációs tapasztalatára.³³ Fontos továbbá utalni arra, hogy az 1975-ös *Tervezet* szövegének módosítását javasolta a brazil ügyvédi kamara föderális tanácsa 1984-ben.

³⁰ Ld. PEREIRA DA SILVA: id. mű 57. o. Az általános rész autonómiájának ellenzői, részben az időközben elhunyt neves olasz civilistára, ALBERTO TRABUCCHI-ra (1907–1998) hivatkozva, azzal érveltek, hogy a polgári jogot (magánjogot) szabályozó kódexnek normatív jellegűnek és gyakorlatra orientálnak kell lennie. Az általános, a jogalkalmazás szempontjából nem mindig értelmezhető elvek rögzítése ennek a követelménynek nem felel meg. Ld.: A. CHAVES: *Lições de Direito Civil – parte geral, III.* I.k. Rio de Janeiro, 1972. 18sk. o. Az általános rész „apologijájának” is tekinthető MOREIRA ALVES műve. Ld.: J. C. MOREIRA ALVES: *A parte geral do Projeto de Código Civil Brasileiro.* São Paulo, 1986. és L. R. DE FREITAS GOMES: *Inovações da parte geral do Projeto do Código Civil,* Revista de Direito Comparado Luso-Brasileiro 3 (1984) N. 4. 242–257. o.

³¹ Ld.: C. M. DA SILVA PEREIRA: *A nova tipologia contractual no direito civil brasileiro.* Revista de Direito Comparado Luso-Brasileiro 1 (1982) 1.sz. 106skk. o.

³² Vö.: J. MIRANDA: *A nova constituição brasileira,* Revista de Brasileira de Direito Comparado, 4 (1990) 8. sz. 18skk. o.

³³ Ld.: L. R. DE FREITAS GOMES: *Inovações da parte geral do Projeto do Código Civil,* Revista de Direito Comparado Luso-Brasileiro 3 (1985) 256. o.

Az Arnaldo Wald és José Lamartine Correã de Oliveira professzorokból álló bizottság javasolta módosítások strukturális változtatásokra azonban nem irányultak.³⁴ Így az általános rész felvételét, önálló részben történő szabályozását nem elleneztek. Igen lényeges körülmény volt az, hogy konszenzus mutatkozott abban, miszerint a kódexnek a kereskedelmi jogot is szabályoznia kell.³⁵ A *Tervezet* elfogadása mellett szóló tény volt az, hogy a *Tervezet* a brazil magánjog hagyományával nem kívánt szakítani. Ennek jele volt többek között az, hogy kimutatható volt a kontinuitás a *Tervezet*ben szabályozott jogintézmények körében Teixeira de Freitas több olyan gondolatával,³⁶ amely az 1916-os kódexben nem került kodifikálásra.

9. Az 1975-ös *Tervezet* és annak változtatásai képezték alapját a 2012-ben elfogadott és 2003. január 11-én hatályba lépett brazil polgári törvénykönyvnek.³⁷ A 2046 szakaszból álló, két részre (Általános rész és Különös rész) és azokon belül nyolc könyvre tagolódó polgári törvénykönyv struktúrája, szerkezete az alábbi: Általános rész (*Parte geral*)³⁸: első könyv (1-78. szakasz): Személyek joga (*Das pessoas*); második könyv (79–103. szakasz): Dolgok (*Dos bens* – latinul: *De rebus*); harmadik könyv (104–232. szakasz): Jogügyletek (*Dos fatos jurídicos*).

³⁴ Ld.: A. WALD: *Curso de direito civil brasileiro, Introdução e parte geral*. 7. kiad. 1992. 257–288. o.

³⁵ A. WALD: *Curso de direito civil brasileiro, Introdução e parte geral*. 7. kiad. Editora Revista dos Tribunais, São Paulo, 1992. 33sk. o.

³⁶ Ld.: C. M. DA SILVA PEREIRA: *A influencia de Teixeira de Freitas na elaboração do novo Código Civil Brasileiro*. Revista de Direito Comparado Luso-Brasileiro 3 (1986) N. 5. 149–159. o.

³⁷ Lei 10. 406 de 10 de janeiro de 2002.

³⁸ Az Általános részre (*Parte general*) nézve ld.: V.-M. JACOBE DE FRADERA: La partie générale du Code civil. In *Le Droit Brésilien: hier, aujourd'hui et demain*. (Dir. par A. Wald et C. Jauffret-Spinosi) Paris 2005. 203skk. o. A brazil Polgári Törvénykönyvben szabályozott jogügylet (*negócio jurídico*) tartalmilag a német jogban ismert jogügylettel (*Rechtsgeschäft*) azonos kategória.

A kódex különös része (*Parte especial*) az alábbi könyvekre tagolódik: első könyv (233-965. szakasz): Kötelmi jog (*Do direito das obrigações*); második könyv (966-1195. szakasz): “Vállalkozási jog” (*Do direito de empresa*); harmadik könyv (1196-1510. szakasz): Dologi jog (*Do direito das coisas*); negyedik könyv (1511-1783. szakasz): Családi jog (*Do direito de família*); ötödik könyv (1784–2027. szakasz): Öröklési jog (*Do direito das sucessões*). A 2002-ben elfogadott új brazil Polgári Törvénykönyv utolsó része (*Livro Complementar*) az átmeneti rendelkezéseket tartalmazza (2028-2046. szakasz).

Jellemzője az új brazil Polgári Törvénykönyvnek az, hogy a társasági jogot (*Direito Societário*) is szabályozza, igaz, nem a teljesség igényével. Így például a *Sociedade anônima*-ra vonatkozó szabályokat a *Código civil* 1089. szakasza alapján önálló törvény (*lei especial*) tartalmazza. Említést érdemel, hogy a *Código civil* 966. szakasza definiálja a professzionista vállalkozó fogalmát.³⁹

Utalnunk kell arra, hogy az új brazil Polgári Törvénykönyvben a tulajdon (*propriedade*) szociális funkciója kiemelt szerephez jut. Jellemzője továbbá a kódexnek, hogy a “gyengébb” pozícióban lévő szerződő fél védelme hangsúlyozást nyer. Ebben az összefüggésben utalunk arra, hogy a fogyasztóvédelemről szóló törvény (kódex) már korábban, 1990-ben hatályba lépett.⁴⁰ A *Código de Defesa do Consumidor* hatással volt, a szerződő felek privátautonómiája területén, az új brazil Polgári Törvénykönyv szerződési jogának szabályozására.

Brazíliában az 1850-ben elfogadott Kereskedelmi Törvénykönyv jelentős módosításokkal az új Polgári Törvénykönyv hatálybalépését

³⁹ A vállalkozó (*empresário*) definíciója a következő: *Considera-se empresário quem exerce profissionalmente atividade econômica organizada para a produção ou a circulação de bens ou de serviços.*

⁴⁰ Código de Defesa do Consumidor. Lei n. 8. 078 de 11 de setembro de 1990.

követően is hatályban maradt, azoknak a jogintézményeknek a szabályozása körében, melyeket az új kódex nem szabályoz.⁴¹

10. A 2014. március 15-én hatálybalépett új magyar Polgári Törvénykönyv (2013. évi V. törvény) abban a vonatkozásban hozható párhuzamba az új brazil Polgári Törvénykönyvvel, hogy a társasági jog lényeges szabályait is magában foglalja. Lényeges eltérést jelent ugyanakkor az, hogy az új magyar Ptk., az 1959-ben elfogadott első Ptk.-hoz hasonlóan, nem tartalmaz Általános részt. A brazil és a magyar magánjogi kodifikációnak közös sajátossága, hogy a kódexek szerkesztői mindkét országban tekintettel voltak egyrészt a jogi hagyományokra (Brazília esetében szerephez jutottak a portugál tradíciók), másrészt az európai magánjogi kodifikációs tapasztalatokra.

⁴¹ A portugál koloniális uralom idején a kereskedelmi jogi gyakorlára nagy hatással volt a kitűnő brazil jogász és közgazdász Silva Lisboa *Princípios de Direito Mercantil e Leis de Marinha* (1798–1804) című műve. Említést érdemel, hogy Silva Lisboa művét az 1833-ban elfogadott Kereskedelmi Törvénykönyv hatálybalépéséig Portugáliában is a kereskedelmi praxis jogi alpműveként használták. Az 1850-ben elfogadott brazil Kereskedelmi Törvénykönyv hatással volt Buenos Aires provincia 1857-ben kihirdetett Kereskedelmi Törvénykönyvére, amely Dalmacio Vélez Sársfield és az Uruguayból származó Eduardo Acevedo által közösen szerkesztett törvénytől volt. Ennek a regionális hatállyal rendelkező kódexnek a közvetítésével a brazil Kereskedelmi Törvénykönyv nagy hatással volt az 1862-ben elfogadott argentin Kereskedelmi Törvénykönyvre és az 1865-ben kihirdetett uruguayi Kereskedelmi Törvénykönyvre.

Az egzotikus reáliák fordítási lehetőségei Mário de Andrade *Makunaíma* című regényében (A possibilidade da tradução das realias exóticas no romance Macunaíma de Mário de Andrade)

Albert Sándor
SZTE, Szeged

Rezümé: A cikk Mário de Andrade brazil író *Macunaíma* című regényében azt vizsgálja, milyen speciális problémákat vet fel az egzotikus reáliák fordítása. Az egzotikus reáliák az ún. kulturális reáliák egyik csoportját alkotják (állatok, madarak, növények, ételek, italok, szertartások, használati tárgyak, eszközök stb. nevei), fordításuk többféle módon, többféle koncepció alkalmazásával történhet. A cikk két konkrét szövegrészlet elemzése révén mutatja ki, hogy míg a regény német fordítója szinte szó szerint átkódolja a műben található több száz egzotikus reáliát, addig a magyar fordító a nehezebb, járatlanabb, sokkal nagyobb nyelvi kreativitást igénylő utat választja: magyar nyelvi megfelelőket keres rájuk, ügyelve arra, hogy ezek idegenszerűsége a fordítás során ne tűnjön el, a szöveg *couleur locale*-ja mindvégig megmaradjon.

1. Bevezetés: néhány szó a szerzőről és a műről

Mário de Andrade brazil költő (1893-1945) *Makunaíma, egy jellem nélküli hős kalandjai* című regényét Pál Ferenc fordításában 1983-ban

adta ki – az abban az időben nagy népszerűségnek örvendő „Világkönyvtár” sorozatában – a Magvető Kiadó, másodszor pedig 2000-ben jelent meg az Íbisz Kiadó gondozásában. Ebben a rövid cikkben nincs módunk sem a szerző, sem a mű részletes bemutatására, ez utóbbit illetően be kell érünk az új kiadás végén olvasható ismertetővel: „A modern mese, amely a földrésnyi nagyságú Braziliát varázsolja elének, egy európai mintákon nevelkedett modernista költő, Mário de Andrade boldog hazatalálása szülőföldjének kultúrájába, az indián mítoszok fantasztikus világába. Ebben a világban minden megtörténhet: nincs, ami gátat vetne a trópusi növényzet bujaságával tenyésző fantáziának.” Pál Ferenc utószavából azt is megtudjuk, hogy a mű „következetesen kisiklik a műfaji meghatározás megszokott skatulyáiból”, „a költészet és a regény határvonalán áll”, „prózai eposznak is mondhatnánk témája szerint, de mindenképpen olyan eposz volna, amely nem veszi túlságosan komolyan önmagát” (Andrade 2000: 236-237).

Erről az 1928-ban megjelent regényről a brazil irodalommal foglalkozó kutatók azt írják, hogy „rendkívül komplex” mű. Egy David Haberly nevű angol szerző egyik tanulmányában „a brazil irodalom egyik legnagyobb alkotásának”, „par excellence modernista műnek” nevezi, és „tökéletesen fordíthatatlan” [*utterly untranslatable*] könyvnek tartja (Haberly 1983: 191). Egy ilyen történet, amelyben „minden megtörténhet”, és amelyet szerzője „a trópusi növényzet bujaságával tenyésző” fantáziával írt meg, nem kis erőpróba elé állítja fordítóit. Ez utóbbi kifejezés ugyanis nemcsak a szerző fantáziájára, hanem ennek nyelvi kifejezésére is joggal alkalmazható, és a fordító kreativitásának itt valóban a szerzőével kell vetekednie, hogy ezt a nyelvi síkon (is) tenyésző bujaságot – a fordítástudomány által elvárt, vagy újabban inkább már csak óhajtott ekvivalens módon – anyanyelvén megpróbálja érzékeltetni. A mű több nyelven – angolul, németül, franciául, olaszul, spanyolul

stb. – is megjelent, és a kritikusok szerint nem minden fordítójának sikerült ezt a világot nyelvi síkon érzékeltetnie. E. A. Goodland 1985-ös angol fordítását például megjelenésekor (és azóta is) számos negatív kritika érte, fordítási koncepcióját bírálói kifejezetten elhibáztottnak vélik: szóvá teszik önkényes kihagyásait, szövegrövidítéseit, az általa gyakran használt modern argotikus szavakat „nem odaillőnek” tartják, művét nem is fordításnak, hanem az eredetivel „párhuzamos” szövegnek [*parallel text*] nevezik stb. (vö. Braz 2007).

2. A kulturális reáliákról

A fordítástudomány már régen megállapította, hogy ha két eltérő kultúra között a konnotációk nincsenek „bejáratva”, azaz nincs közöttük átjárás, az óhatatlanul veszteséget eredményez. A műfordítók pontosan tudják, hogy a forrásnyelvi szövegben szereplő szavak egy részét (az ún. *reáliák*) az eltérő szemantikai terjedelem, a kulturális, konnotációs, mentalitásbeli és egyéb különbségek miatt nem tudják átvinni veszteség nélkül egyik nyelvből a másikba. A különböző kultúrákban ugyanazokhoz a szavakhoz, fogalmakhoz más-más szociokulturális ismeretek kapcsolódnak, más-más konnotációk tapadnak, vagy éppen semmi nem felel meg nekik a célnyelvi kultúrában, jeltárgyuk (referensük) nyelvileg nem lexicizálódott, nagyon leegyszerűsítve: nincs *mivel*, nincs *mire* lefordítani őket. Egyetlen példa is elég lesz a helyzet bonyolultságának érzékeltetésére. Képzeljük el, hogy hangozna valamely skandináv nyelven (norvégul, dánul vagy svédül) a mi *Toldink*nak az a sora, hogy: „Ösztövér kútágas hórihorgas gémmel / Mélyen néz a kútba, benne vizet kémel”, és mi maradna meg a „Felült Lackó a béresek nyakára” kifejezés poétikusságából!

A kulturális reáliák egyik – talán legnehezebben fordítható – csoportját az ún. *egzotikus reáliák* képezik. Fordításukat bonyolítja, hogy az ilyen reáliák egy részének a valóságban nincs is konkrét jeltárgya, hanem gyakran csupán az írói fantázia szüleményei. A *Makunaíma* szövegében még az anyanyelvi olvasó is lépten-nyomon általa addig soha nem hallott meghökkentő állat-, növény-, rovarnevekkel, furcsa használati tárgyakkal, eszközökkel, különböző indián („bennszülött”, aborigene) történetek, mesék, legendák, mítoszok címeivel, szereplőivel, stb. találkozhat. Mintha egy magyar regény szövegében nem elvétve fordulnának elő itt-ott, hanem minden oldalán csak úgy hemzsegnének az olyan szavak és kifejezések, mint *rokka, guzsaly, sut, kredenc, ráolvasás, Boci boci tarka, kendermagos tyúk, vérszerződés, táltos, végvár, eb ura fakó* vagy *tetemrehívás*. Mint fordítók, mit kezdenénk ezekkel?

Íme néhány ilyen egzotikus reália a *Makunaíma* szövegében:

- *Fák és növények nevei*: aninga pálma, zsavari pálma, inaszá-pálma, titara-pálma, guazsiró-pálma, kebracsófa, karaguatá-bokor, kesufa, jamszgyökér, araukariafa, tarófü, karambola-szilvafa, kumaká-gyökér, babasszu-kókusz stb.

- *Állatok, madarak nevei*: tinamu, mitu, csacsalaka, púpos hokkó, tuim-papagáj, törpe kotinga, pettyes paka, aguti, tui, inia-delfin, urubu-keselyű, aracanga, akeke-hangya, kurupé-hangya, zsaguataszi-hangya, gikém-hangya, mumbuka-hangya, száubahangya, papatázi légy stb.

- *Ételek, italok nevei*: abiu-szilva, pitomba-szilva, szapota-szilva, bakuri-cseresznye, mamea-barack, miriti-dió, anóna, guabizsu-bogyó, pakahús, oloniti pálinka, pazuari-likőr stb.

- *Népcsoportok, szertartások, vallásos táncok stb. nevei*: muirakitán-talizmán, tapanyumasz-indián, makumba, katimbó-szertartás, murua, poraszé, toré, bakorokó, kukuikogé stb.

3. Az egzotikus reáliák fordítása

Az ilyen egzotikus reáliákat – kicsit leegyszerűsítve a dolgot – alapvetően kétféle stratégiával lehet lefordítani. A fordítástudomány mai felfogása szerint nem árt, ha a fordítás szövegén meglátszik, hogy a mű eredetileg nem a célnyelven készült, ezért elvárható, hogy legyen benne egy kis *idegenszerűség*. Aszerint, hogyan kezeli a fordító az ilyen kulturális (ezen belül az egzotikus) reáliákat, egy Lawrence Venuti nevű szerző különbséget tesz ún. *elidegenítő* és *honosító* [*foreignizing* vs. *domesticating*] fordításkonceptió között (vö. Venuti 2004). Az elidegenítő stratégia érvényre juttatása úgy valósul meg, hogy a fordító megtartja a reáliát kifejező szót eredeti alakjában, és – optimális esetben – lábjegyzetben vagy valamilyen más módon elmagyarázza, körülírja a jelentését. A honosító stratégia alkalmazása úgy történik, hogy a reália fordítására felhasználja a hozzá jelentésében legközelebb álló, az anyanyelvében is létező szót, miközben ő maga is tudja, hogy a célnyelvi megfelelővel kifejezett jeltárgy nem lesz ugyanaz. Ez a helyzet akkor, ha például a *sparhelt* szó fordítására a *tűzhelyet* használja fel, a *kredencet konyhaszekrény*-nyel, a *lavórt mosdótál*al stb. fordítja. Mindkét eljárásnak van hátránya. Az előbbi esetben az idegenszerűség (régembi elnevezéssel: a *couleur locale*) ugyan nyelvi szinten (is) megmarad, de hosszadalmas magyarázatot, lábjegyzetet igényel a fordító vagy a jegyzetíró részéről, az utóbbi esetben viszont az idegenszerűség menthetetlenül elvész. Ha tehát a fordító egy irodalmi szövegben a honosító koncepcióval fordítja le az egzotikus reáliákat is, akkor sikeresen eltünteti belőle a *couleur locale*-t, és előáll a viccből jól ismert magyarországi kínai szakácskönyv esete (amikor a háziasszony a kínai szakácskönyvben előírt kínai alapanyagok helyett a magyar piacokon kapható nyersanyagokból készíti el az ebédet, majd csodálkozva állapítja meg, hogy a kínai konyha teljesen megegyezik a magyarral).

4. Két konkrét nyelvi példa

Az alábbi két konkrét példa segítségével azt próbáljuk meg bemutatni, milyen koncepcióval fordítja az egzotikus reáliákat a mű német és magyar fordítója.

Első példa (első szövegrészlet):

No outro dia os manos deram um campo até a beira do rio mas campearam, campearam em vão, nada de muiraquitã. Perguntaram pra todos os seres, aperemas sagüis tatus-mulitas tejus mussuãs da terra e das árvores, tapiucabas chabós matinta-pereras pinica-paus e aracuãs do ar, pra ave japiim e seu compadre marimbondo, pra baratinha casadeira, pro pássaro que grita „Taam!” e sua companheira que responde „Taim!”, pra lagartixa que anda de pique com o ratão, prós tambaquis tucunarés piracurus curimatás do rio, os pecaís tapicurus e iererês da praia, todos esses entes vivos mas ninguém não vira nada, ninguém não sabia de nada. (Andrade 1980: 37)

Nézzük meg először ennek a szövegrészletnek a magyar fordítását:

Másnap a fivérek egészen a folyó partjáig bejárták a vidéket, de hiába kerestek-kutattak, a muirakitán-talizmánának nyoma veszett. Hasztalan kérdezgették végig az élőlényeket, a szárazföldön meg a fákon lakó barnateknősöket, karmosmajmokat, sörtés armadillokat, hosszúfarkú tezsukat és a cafrangosteknősöket; a levegőben röpködő redősszárnyú darazsakat, szaladó kakukkokat, négyszárnyú kakukkokat, fakopácsokat, nyüvágókakukkokat, a kacikamadarat és komáját, a poszméhet, a házi csótányt, meg azt a madarat, amelyik azt kiabálja „Taam!” és a párját, amelyik így válaszol „Taim!”, a gekkót, aki mindig összevész az opusz-

szummal; a folyóban úszó vitorláshalakat, diszkoszhalakat, cifra gyöngyössügeket és az óriás arapaimákat; a vízparton sétáló skarlátbatlákot, kanálcsőű bakcsókat és a szigonyosgémeket, szóval ezt a temérdek teremtményt, de egyikük sem látott semmit, egyikük sem tudott semmiről. (Andrade 2000: 39–40)

A mai olvasónak ez a bőbeszédűség talán kicsit soknak tűnhet, neki elég lenne ennyi is: *Hasztalan kérdezgették végig az összes élőlényt, egyikük sem látott semmit.* Azonban ennek a Herman Ottó természetrajzi műveire – madártani és halászati leírásaira – emlékeztető felsorolásnak a regényben speciális szerepe van: a szerző így akarja érzékeltetni a brazil élővilág fantasztikus gazdagságát.

Íme ennek a mondatnak a német nyelvű fordítása:

Am nächsten Tag veranstalteten die Brüder eine Treibjagd bis zum Flußufer, aber sie jagten jagten vergebens, keine Spur von der Muiraquitã. Sie fragten alle Lebewesen, die großen Süßwasserschildkröten Multitagürteltiere Erd- und Baumheuschrecken, die Tapiucaba- Wespen Feldschwalben Sumpfpottdrosseln Klopfspechte Hokko-Hühner, den Japu-Stärling und seine Gevatterin die Hummel, die mannstolle Schabe, den Vogel, der „Taám!“ schreit, und seine Gefährtin, die „Taím!“ antwortet, die Mauereidechse, die Katz spielt mit der Maus, die Tambaquis, Tucunares, Piracucu-Krötenfische, die Curimatás des Flusses, die Pecaís, Tapicuru-Bäume, die Iererês des Strandes, alle diese Lebewesen, aber niemand hatte etwas gesehen, niemand wußte von nichts. (Andrade 2001: 29)

Most vessük össze e felsorolás egy részének magyar és német nyelvű változatát:

...os **tambaquis tucunarés piracurus curimatás do rio, os pecaís tapicurus e iererês da praia...**

... vitorláshalakat, diszkoszhalakat, cifra gyöngyössüégeket és az óriás arapaimákat; a vízparton sétáló skarlátbtlákat, kanálcsőű bakcsókat és a szigonyosgémeket...

... die **Tambaquis, Tucunares, Piracucu-Krötenfische, die Curimatás des Flusses, die Pecaís, Tapicuru-Bäume, die Iererês des Strandes...**

Mint látjuk, ezeknek a (valóságban is létező) hal- és madárfajoknak a nevei a magyar szövegben mind le vannak fordítva, míg a németben – leszámítva egy-két magyarázó jellegű kiegészítést, mint a *Fisch* vagy a *Baum* – egyszerűen át vannak kódolva. Az idegenszerűség, az egzotikum persze a magyar változatban is érvényre jut, csak kevésbé explicit módon, mint a németben.

Nézzünk még egy példát:

E estava lindíssima na Sol da lapa os três manos [...]. Todos os seres do mato espriavam assombrados. O jacarèuna o jacarètinga, o jacaré-açu o jacaré-ururau de papo amarelo, todos esses jacarés botaram os olhos de rochedo pra fora d'água. Nos ramos das igazeiras das aningas das mamoranas das embaúbas dos catauaris de beira-rio o macaco-prego o macaco-de-cheiro o guariba o bugio o cuatá o barrigudo o coxiú o cairara, todos os quarenta macacos do Brasil, todos, espriavam babando de inveja. E os sabiás, o sabiácia o sabiápoca o sabiãuna o sabiãpiranga o sabiãgonga que quando come não me dá, o sabiã-barranco o sabiãtropeiro o sabiã-laran-

jeira o sabiá-gute todos esses ficaram pasmos e esqueceram de acabar o trinado, vozeando vozeando com eloqüência. (Andrade 1980: 41)

Magyar fordítás:

A sziklazátonyra tűző napfényben fenséges látványt nyújtott a három testvér [...] Az őserdő állatai a szájukat tátva bámulták őket. A kiskajmán, a széleshomlokú kajmán, a mórkaajmán, a sárga hasú zsakaré-kajmán, szóval az összes kajmán kidugta a vízből düllelt szemét, hogy jobban lásson. A folyó partjait elborító mocsári kontyvirágok, nyíllevelű kontyvirágok, vízi bombaxok, umbaubafák és kaprifák ágain üldögélő nagyfejű csuklyásmajmok, halálfejes majmok, bögőmajmok, vörös bögőmajmok, fekete pókmajmok, gyapjasmajmok, miriki-majmok, csupaszfülű karmosmajmok, szóval a Braziliában élő mind a negyvenféle majom majd megpukkadt az irigységtől. És a gezerigók: a barátgezerigó, a vörhenyes gezerigó, a kék gezerigó, az ércfényű gezerigó, a feketetorkú rigó, amelyik ha eszik, nem ad belőle senkinek, a törpe kotinga, a nagyhangú kotinga, a türkizkotinga, a tarajos szirtimadár, szóval ez a sok madár annyira elámult, hogy csak fújta, cifrázta véget nem érően a dalát. (Andrade 2000: 47)

A mai olvasó számára fásasztó, unalmas, talán felesleges is ez a hosszú felsorolás, de a szerzőnek ebben az esetben is ugyanaz a szándéka vele, mint az előző szövegrészletnél láttuk: a brazil élővilág csodálatos gazdagságát akarja érzékeltetni.

A szövegrészlet német fordítása:

Wunderschön auf dem besonnten Felsen waren die drei Brüder [...]. Alle Tiere des Buschwalds spähten verwundert. Der Mohrenkaiman der Brillenkaiman der Glatstirnkaïman der gelbkehlige Breitschnauzkaïman, alle diese Schakarés streckten ihre Kieselaugen aus dem Wasser. Auf den Ästen der Ingazeïras der Aningas der Kapokbäume der Embaúbas der Kapernsträucher der Flußufers, der Nagelaffe, der Riechaffe, der Guariba der Bugio der Cuatá der Dickbauch oder Coxiú der Cairara, all die vierzig Affen Brasiliens, alle spähten geifernd vor Neid. Und die Drosseln, die grüne Drossel die Felddrossel die Schwarzdrossel die Rotdrossel, die grüne Drossel die Felddrossel die Schwarzdrossel die Rotdrossel der die weißbändige Drossel die wenn sie frißt mir nichts gibt, die Abhangdrossel die Viehtreiberdrossen die Orangenbaumdrossel die Gute-Drossel, alle diese Drosseln waren baß erstaunt und vergaßen ihr Schnabel. (Andrade 2001: 33–34)

Megint ragadjunk ki egyetlen mondatot a szövegből, és vessük össze magyar és német fordítását:

*Nos ramos das **igazeïras** das **aningas** das mamoranas das **embaúbas** dos catauaris de beira-rio o macaco-prego o macaco-de-cheiro o **guariba** o **bugio** o **cuatá** o barrigudo o **coxiú** o **caïrara**...*

A folyó partjait elborító mocsári kontyvirágok, nyíllevelű kontyvirágok, vízi bombaxok, umbaubafák és kaprifák ágain üldögélő nagyfejű csuklyásmajmok, halálfejes majmok, bögőmajmok, vörös bögőmajmok, fekete pókmajmok, gyapjasmajmok, mirikimajmok, csupaszfülű karmosmajmok...

Auf den Ästen der Ingazeiras der Aningas der Kapokbäume der Embaúbas der Kapernsträucher der Flußufers, der Nagelaffe, der Riechaffe, der Guariba der Bugio der Cuatá der Dickbauch oder Cuixiú der Cairara...

5. Konklúzió

A műfordítók saját gyakorlatukból pontosan tudják, milyen elképesztően nehéz megtalálni az egyensúlyt két – valójában csak elméletileg lehetséges, a gyakorlatban megvalósíthatatlan – véglet között. A fordításelmélet-írók és a kritikusok gyakran igazságtalanul verik el a port a műfordítókra, olyasmit kérve számon rajtuk, amiről ők maguk is sejtik vagy tudják, hogy kivitelezhetetlen. Makai Imre is pontosan tudta, hogy a doni kozákok nem a Tisza partján élnek, a *Csendes Don* magyar fordításában mégis hajdúsági tájszólásban szólaltatta meg őket, abból a megfontolásból, hogy ő csak egyetlen magyar tájszólást ismert jól: a hajdúságit. Mint írja: „Ez adta meg az alapot, a lehetőséget, hogy elfogadható módon közös nevezőre hozzam a kozák és a hajdú stílust és nyelvezetet, hogy magyarul érzékeltetni tudjam a kozák népi kifejezésmódot. [...] A tisztán irodalmi nyelv alkalmazása – ezzel élt például a német fordító – egyszerűen hamisítás” (Makai 1980: 574–575). Persze ő is tudatában van annak, hogy ezzel az erővel *Csendes Don* helyett akár *Szöke Tiszát* is írhatott volna, de azt is tudta, hogy a doni kozákok nem beszélhetnek orosz irodalmi nyelven, mert az nagyobb hamisítás lett volna, mint hajdúsági tájszólásban beszéltetni őket.

Számos további példát említhetnénk még, de talán e kettőből is kirajzolódik az egzotikus reáliák fordításának koncepcióbeli különbsége a *Makunáima* magyar és a német fordítója között. Az egzotikus reáliák fordításakor a regény német fordítója az esetek nagy részében

az általunk könnyebbnek tartott megoldást, az „elidegenítő” stratégiát alkalmazza, míg a magyar fordító – a „honosító” koncepció érvényre juttatásával – bátran felvállalja a nehezebb, nagyobb nyelvi kreativitást igénylő utat. Ezért kimondhatjuk, hogy az egzotikus reáliák fordítása a magyar változatban „olvasóbarátabb” módon valósul meg, mint a németben.

Bibliográfia

ANDRADE, Mário de (1980). *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. Obras completas de Mário de Andrade*, 17ª edição, tomo IV, São Paulo, Livraria Martins Editora S/A.

ANDRADE, Mário de (2000). *Makunaíma, egy jellem nélküli hős kalandjai*. Pál Ferenc fordítása. Budapest, Íbisz Kiadó. (Első kiadás: Magvető Kiadó, Budapest, 1983).

ANDRADE, Mário de (2001). *Macunaíma. Der Held ohne jeden Character*. Übersetzung von Curt Meyer-Clason. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag (Erste Auflage: 1982).

BRAZ, Albert (2007). *Traducing the Author: Textual (In)idelity in E.A. Goodland's Translation of Macunaíma*. *Graphos*, IX/1, 189–194.

HABERLY, David T. (1983). *The Harlequin: Mário de Andrade. Three Sad Races: Racial Identity and National Consciousness in Brazilian Literature*. Cambridge: Cambridge UP. 135–60.

MAKAI Imre (1981). Solohov. BART István – RÁKOS Sándor (szerk.) *A műfordítás ma*. Budapest: Gondolat, 566–580.

VENUTI, Lawrence (2004). *Translation, community, utopia*. VENUTI, Lawrence (ed.), *The Translation Studies Reader. Second edition*. New York and London: Routledge, 482–502.

Belföldi piac vagy exportorientáció? Brazília példája¹ (Mercado Interno ou tendência para exportação? O Exemplo do Brasil)

Artner Annamária

MTA, Academia das Ciências da Hungria

VKI, Budapest

Bevezetés

Brazília egyike a nagypiacú, a 2000-es években gyors növekedést produkáló ún. „BRICS”² országoknak. GDP-je alapján a világ 7., 204 milliós lakossága alapján a világ 5. legnagyobb országa, Latin-Amerika gazdaságának 40 %-át képviseli. Hatalmas művelhető földterületekkel, hosszú tengerparttal és jelentős ásványkincsekkel rendelkezik. Bár a gazdaság világpiacon nyitottsága viszonylag kicsi (az export és az import együtt a GDP 20-25 százalékát teszi ki), a gazdaság növekedése jelentősen függ a világpiacon (spekulációs) áringadozásokra különösen érzékeny ipari és mezőgazdasági nyers- és alapanyagok exportjától. A működőtőke-állomány GDP-hez mért aránya 2013-ban 32 százalék volt, ami jóval nagyobb, mint az óriási belpiacú India és Kína adata, de kisebb, mint Dél-Afrika megfelelő mutatója és nagyjából az oroszországi szintnek felel meg. Az 1990-es évek végétől kezdve a külföldi működőtőke-import többnyire

¹ A 2014. október 20-21-i „Brazília európai és magyar kontextusban” – O Brasil em contexto europeu e húngaro” c. szimpóziumon elhangzott előadás bővített és frissített anyaga, amely a K 11245 jelű OTKA keretében folyó kutatás alapján készült.

² Brazília, Oroszország, India, Kína, Dél-Afrika.

a beruházások 10-15, sőt 30 százalékát adta, ami a többi BRICS-országénál jellemzően magasabb arány.³ Már ez a néhány adat is jelezi, hogy a brazil gazdaság erősen kötődik a világpiachoz, annak ellenére, hogy földrajzi adottságai alapján az ország akár önellátásra is képes lehetne.

Éppen ez az adottság veti fel annak kérdését, hogy mennyiben van létjogosultsága és milyen sikerre számíthat a belpiacra orientálódó gazdaságpolitika a neoklasszikus közgazdasági elmélet szerint preferált exportorientációval szemben. E kérdést szem előtt tartva tekintjük át a brazil gazdaság utóbbi néhány évtizedének fő gazdaságpolitikai receptjeit és azok hatását a lakosság életszínvonalára valamint az ország világgazdasági felzárkózására. Különös figyelmet fordítunk a 2008-as válság hatására és kezelésére, illetve a brazil gazdasági ciklusok és a globális gazdaság ciklusai közti összefüggésre.

Az egyensúlytalanságok ördögi körei

Brazília viharos évtizedeket tudhat maga mögött. Ezek során a belső és külső egyensúlytalanság (az állami büdzsé krónikus hiánya és a külföldi eladósodás) periódusai váltották egymást. Ez a jelenség meglehetősen tipikus a kevésbé fejlett – más szóval „fejlődő” vagy „(fél)perifériás” – gazdaságok esetében, mivel az ilyen gazdaságok alapvetően külső erőforrás bevonásra szorulnak, illetve gyakran ezt a megoldást preferálja hazai elitjük. A kisebb országoknál jellemzően azért, mert ezek elitje többnyire a nemzetközi pénz- és tőkepiacokhoz kötöti, e kapcsolatból szerzi járadékát. A nagyobb perifériás országok esetében, mint amilyen Brazília is, a külső erőforrás-bevonás inkább a hazai erőforrások mozgósításának nehézségeiből adódik. A külső erőforrásbe-

³ UNCTADStat. Foreign direct investment flows and stocks. <http://unctadstat.unctad.org/wds/ReportFolders/reportFolders.aspx>

vonást ugyanakkor segíti, hogy a centrumországok konjunktúraciklusai-
saiban időről időre elértéktelenedő működőtőke és felgyülemelő profit
a perifériákon igyekeznek újraértékesülni, így ott időről időre bőségben
kínálja magát.

Brazíliában a diktatúrák és demokratikusabb periódusok váltako-
zása alatt az iparosítás több-kevesebb lendülettel haladt előre. Az im-
porthelyettesítő iparosítás leginkább az 1930-as évektől az 1980-as évek
közepéig volt jellemző. Ricz (2014) tipizálásában ez a „fejlesztő állam”
(*desenvolvimentista state*) időszaka, amit az „államilag irányított piaci mo-
dell” követ 1985-től, majd a „szociális fejlesztő állam” 2002-től.

Az ipari és infrastrukturális beruházások az 1970-es években az ak-
kori olcsó hitelek jóvoltából vettek lendületet. A GDP egészen 1980-
ig rendkívül gyorsan (nemegyszer több mint 10 százalékkal) nőtt.
Mivel azonban ez a lendület hitelből táplálkozott, a gyors növekedés
időszaka elkerülhetetlenül adósságcsapdába torkollott.

Az 1970-es években az állam költségezése költségvetési hiányt,
vagyis *belső egyensúlytalanságot* eredményezett, ami a külföldi hitel-
felvételek révén *külső egyensúlytalanságot idézett elő*. Az ezt követő
IMF-vezérlete stabilizáció a költségvetési kiadások visszavágásával és
valutaleértékeléssel javította az export versenyképességét, de az állami
beruházásokra is vonatkozó restrikciónak miatt lelassult a hazai terme-
lőalapok bővülése, nem nőtt kellő mértékben a termelékenység. Az
eredmény az infláció felpörgése lett, valamint az, hogy eltűnt a költ-
ségvetés primer (a kamatfizetés nélkül számított) egyenlegének több-
lete. *A külső egyensúlytalanságot tehát felváltotta a belső: 4-7 százalékos*
költségvetési deficit, vágatató infláció, csökkenő lakossági fogyasztás és
csökkenő állami beruházások. Brazíliára – mint a gyengébb tőkeerejű,
perifériás gazdaságokra általában – nem, illetve kevésbé jellemző az
állami és magánberuházások közti az ún. „kiszorítási hatás”: az állami

termelő beruházások nem a magánberuházásoktól vették/veszik el az üzleti lehetőségeket, hanem inkább a magánberuházásoknak is kedvező pótlólagos fejlesztést és keresletet indukáltak. A „kiszorító hatás” hányában az állam termelői szerepének csökkentése, ami a neoliberalizmus alapköve, a félperifériás gazdaságokban a *felzárkóztatás szempontjából* kontraproduktív⁴.

A 80-as évek második felében tehát a külső egyensúlytalanság belső egyensúlytalanságba fordult. Ez azonban nem az utolsó eset volt. Mindez megismétlődött később, 1994-től, amikor az IMF-féle monetarista recept a nemzeti valuta túlértékeltségével eredményezte ugyanazt a „csereügyletet”.

1986-tól a *belső egyensúlytalanság elleni harc évei* következtek. A vágató infláció megfékezésére öt stabilizációs programot indítottak el, amelyek közül végül az 1993 végén meghirdetett „Reál⁵ terv” (Plan Real) lett sikeres. Ebben közrejátszott, hogy a korábbi években fogantatott bérkorlátozásnak köszönhetően 1991-re visszaállt a 70-es évek alacsony egységnyi munkaerőköltség-szintje, vagyis javult a versenyképesség. A stabilizáció sikeréhez hozzájárult a világgpiaci környezet javulása (az amerikai gazdaság információs technológiákon alapuló fellendülése 1992-től), amire támaszkodva megélénkülhetett a feldolgozóipar (elsősorban a tartós fogyasztási cikkek és a tőkejavak) termelése.⁶ Megszorításokkal ismét egyensúlyba hozták a költségvetést, s 1994-től új valutát („új Reált” – BRL) vezettek be, amelyet a dollárhoz kötöttek (1 BRL = 1 USD).

A belső egyensúlyt megteremtő stabilizációt követően, 1994-95-ben két gazdaságpolitikai irányzat állt szemben egymással. Az egyik

⁴ Ld. még RIBEIRO – TEIXEIRA 2001.

⁵ A brazil valuta neve.

⁶ ARTNER 1996.

a tiszta monetarista recept, amelyet a pénzügyminisztérium és a központi bank szakértői képviseltek. Ők az 1980-as évek elejétől folytatták és a világon elterjedt amerikai receptnek megfelelően elsősorban az infláció, s vele a bérek féken tartását, továbbá az árfolyam stabilitását (az árfolyam a gazdaság „monetáris horgonya”), szigorú monetáris és költségvetési politikát, valamint a kereskedelem liberalizálását, a működtetőke-import serkentését tartották fontosnak. E koncepció lényegében az exportorientációs gazdaságpolitikai irányzatnak felel meg. A másik, a felzárkózni kívánó országok termelőerőinek közvetlen fejlesztését célzó irányzatot a tervezési és hírközlési minisztériumok szakemberei, valamint a Gazdasági és Szociális Fejlesztési Bank (BNDES) képviselte. Szerintük az infláció helyett a gazdasági növekedésre kell a hangsúlyt helyezni, gyengébb árfolyamra és enyhébb inflációs kontrollra, lazább monetáris és fiskális politikára van szükség, és vissza kell venni a liberalizációból.⁷ E koncepció a belföldi piacra koncentráló, keynesi típusú keresletélénkítésnek felel meg.

A két irányzat harcából olyan *policy-mix* jött létre, amely monetarista és keynesiánus jellemzőkkel is bírt. Az előbbieket közé tartozott a pénzügyi liberalizáció és szabad tőkeáramlás, ami a növelte a brazil gazdaság kiterjedését, a külső sokkokkal szembeni sebezhetőségét. A *policy mix* egyszerre tartalmazta a szigorú monetáris és (különösen a helyi kormányoknál) a laza költségvetési politikát, ami természetesen az eladósodás forrása lett. Fontos már itt felhívni a figyelmet rá, hogy ez kombináció (szigorú monetáris és laza fiskális politika) 2002 után, Lula idején is bekövetkezett, de a formai hasonlóság mögött lényeges tartami és fajsúlybeli különbségekkel, és így más eredménnyel is. Egyrészt a monetáris szigor 2002 után nem képezte a gazdaságpolitika epicentrumát (ami azonban nem jelentette a monetáris fegyelem feladását). Másrészt

⁷ ABREU – WERNECK 2005: 4.

a költségvetési „lazaság” a fogyasztói kereslet hatékony élénkítése (a legszegényebbek jövedelmének emelése) mellett és az állami szerepvállalásnak köszönhetően is a beruházások érdemi megemelkedését hozta magával, erősítve a termelési bázist, támogatva a(z) extenzív) növekedést. Az 1994-gyel kezdődő periódusban azonban a beruházások súlyának jelentős visszaesését látjuk (a beruházás/GDP arány 1994 és 2003 között 21 százalékról 16 százalék alá esett), és így – mint már említettük – a gazdasági növekedés üteme is csökkent. Ez azzal is járt, hogy az USA-hoz viszonyított lemaradás nőtt: vásárlóerő paritáson számolva, a brazil GDP/fő értéke 1994–95-ben az USA-énak 28 százaléka volt, 2000-ben 25, 2004–2005-ben pedig már csak 24.⁸

A költségvetési költségek az infláció elleni harc és a valuta értékállóságára való törekvés (magas kamatok) együtt a brazil valuta árfolyamának erősödéséhez vezetett, amit sikertelenül igyekeztek csúszo leértékeléssel korrigálni. A reál (BRL) erős maradt, ami elősegítette a devizatartalékok felduzzadását, viszont kedvezőtlen volt az export versenyképességére, rontotta a külkereskedelmi egyenleget és a folyó fizetési mérleget, s a gazdaság alig gyarapodott (1994 és 2002 között a GDP átlagosan 2,3 százalékkal nőtt, de a GDP/fő csak kevesebb, mint 0,9 százalékkal). Ehhez járult még az 1998-as délkelet-ázsiai pénzügyi válság hatása a pénzpiacok bizalmának összeomlása formájában, ami tőkemeneküléshez majd fizetésképtelenséghez vezetett. Így tehát *ismét felbillent a külső egyensúly*, és 1998-ban az IMF segítségét kellett kérni.⁹

Ekkor Brazília 41 milliárd dolláros hitelkeretet kapott a Valutaalaptól. Cserébe fel kellett adnia a kvázi-kötött valutarendszert

⁸ Saját számítás az OECD.stat https://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=PDB_LV# és a World Bank <http://data.worldbank.org/country/brazil> adatai alapján.

⁹ The World dataBank Online és ABREU – WERNECK 2005: 3.

(a szigorú monetáris politikát) és drasztikusan leértékelni a brazil valutát, a BRL-t. A külső (dollárban denominált) adósság így megrágult. A külső egyensúlytalanság így áterjedt a költségvetésre, vagyis belső egyensúlytalanságot generált. A nagyobb adósságszolgálati terhek miatt költségvetési kiigazítást kellett végrehajtania, ami elsősorban adóemelést jelentett.

Az intézkedések hatására csökkenő költségvetési deficit, a nemzeti valuta leértékelésének is köszönhetően javuló kereskedelmi egyenleg, az infláció elleni küzdelem végett még mindig magas kamatok, valamint a nagy belső piac és a költségvetési egyensúly javítása érdekében végrehajtott privatizációk jóvoltából beáramló tőke hatására a recesszió a vártnál kisebb volt (1998-99-ben a gazdaság „csak” stagnált), és a GDP 2000-ben már 4,4 százalékkal nőtt.¹⁰

Am nem sokáig lehetett örülni az eredményeknek. A 2001. szeptemberi terrortámadás, az információ-technológiai boom leülése és az argentin válság együttes hatása megrázta a brazil gazdaságot is. Az ország ismét IMF-hitelre szorult, és 2001 szeptemberében több mint 15 milliárd dolláros hitelkeretet kapott, amit egy évvel később megdupláztak.¹¹ A kormány ismét hozzálátott a költségvetési kiadások lefaragásához. A megelőző évek szegénység ellenes reformjai (pl. a minimálbér rendszeres emelése, készpénztranszferek a legszegényebbek felé) nem voltak elégségesek. A jövedelmi egyenlőtlenséget jelző Gini-koefficiens még 1998-ban is éppen annyi volt, mint 1990-ben (60,7%), de még 2001-ben is 58,8 százalékon állt, jóval az 1960-as szint (50,4%) felett.¹² Más kutatások azonban kimutatták, hogy a jövedelemegyenlőtlenség a 90-es években nemhogy stagnált volna, de

¹⁰ ABREU – WERNECK 2005: 12.

¹¹ IMF (2002).

¹² LOPEZ-CALVA – ROCHA 2012: 8-11.

valójában nőtt, amit a regionális különbségek növekedése mutat: az önkormányzati területek összehasonlításából kiderül, hogy a kisebb Gini-index-szel (kisebb egyenlőtlenséggel) bíró önkormányzatok száma csökkent.¹³

A nélkülözésbe és az ismétlődő megszorításokba belefáradt tömegek (a szegény- és a középrétegek egyaránt) 2002 októberében leváltották az addigi, bajaikat láthatólag orvosolni képtelen Cardoso-kormányt, és Lula da Silva elnökké választásával a baloldali munkáspárti ellenzék emelték kormányra.

Lula elnöksége alatt a monetáris és költségvetési egyensúly fenntartására törekvő, de a szegénység csökkentését középpontba helyező neokeynesiánus gazdaságpolitikai kurzus került hatalomra, és Lula két ciklusa után 2010-től Dilma Rouseff vezetésével van ott mind a mai napig. Úgy a gazdaságra, mint a lakosságra jött néhány jó év, ám, mint látni fogjuk, az egyensúlytalanságok váltakozását ez sem tudta kiküszöbölni.

A „szociális fejlesztő állam” időszaka

A 2003. január 1-vel hivatalba lépő Lula elnök kezdetben nagy csalódást okozott az őt hatalomra segítő rétegeknek. Eleinte nemhogy nem változtatott elődje politikáján, de még rá is erősített. Ez alapvetően a megörökölt válsághelyzetből, az abból fakadó 2001-2002-es IMF-hitelekből, valamint a nemzetközi tőke bizalmának megroggyanásából fakadó kényszerek hatására történt. Az IMF-féle készenléti hitelkeretet több részletben 2003 végéig lehetett lehívni – ha a kormány teljesíti az IMF által előírt költségvetési kiigazítást. A pénzek lehívását nem volt érdemes kockáztatni, és az egyensúlytalanságokat amúgy is

¹³ BAER – GALVÁO (2005): p. 7-8. A magyarázat egy statisztikai jelenség, ami Simpson-paradoxonként ismert, és lényege, hogy a súlyozott átlagosánál a minta belső összetétele meghatározó a végeredmény szempontjából.

javítani kellett. A gazdasági növekedés serkentése végett Lula hivatali idejének első évében mérsékelte a termelésre nehezedő adókat és az így kieső állami bevételeket a nyugdíjak csökkentésével és megadóztatásával, a közművek árainak emelésével pótolta. Továbbá meggyengítette a szakszervezeteket, ígéretével ellentétben visszalépett a földreformtól (még a Cardoso-kormányhoz képest is), megemelte az elsődleges (a kamatfizetés nélkül számított) költségvetési többlet célértékét, teljes függetlenséget adott a jegybanknak stb. – egyszóval végrehajtotta az IMF-konform stabilizációs programot, amelynek terheit elsősorban a bérből, fizetésből, segélyből élő lakosság viselte. Az új munkaspárti kormányt a Goldman Sachs megdicsérte,¹⁴ a neoliberalizmus ellenzőitől viszont éles kritikát kapott.¹⁵

Lula elnöksége végül mégsem erről, hanem neokeynesiánus gazdaságpolitikai fordulatáról, a Ricz (2014) szavaival „szociális fejlesztő állam”-nak a megteremtéséről lett híres. Lula gazdaságpolitikájának két pillére a jövedelmek növekvő mértékű újraosztása a szegényeknek és az állam közvetlen gazdasági tevékenységének erősítése – vagyis a belső piaci keresletre támaszkodás. Ez egy ideig sikeres volt, különösen, amíg a világgazdaság is expanzív periódusát élte. A globálisan beágyazott félperifériás gazdaság nem függetlenítheti magát a centrum által meghatározott konjunktúra ciklusoktól.

A stabilizáció mellett Lula már hivatalba lépésekor meghirdette a szegénység felszámolásának célját, melyhez a Fome Zero (Zéró Éhezés) nevű program szolgáltatta a keretet. Ez volt az az ernyőprogram, amely alá a többi, évről évre bővített alprogramot besorolták. A szegénység elleni harcot kiegészítette a közvetlen demokrácia elemeinek beépítése az intézményrendszerbe, s az egésznek jó alapot kínált az

¹⁴ AZUL 2003.

¹⁵ PETRAS – VELTMEYER 2003, MARQUES – [MENDES](#) 2007.

1994-es reformok során kiépített szigorú banki és közpénzügyi szabályozás fenntartása. A monetáris szigor (az inflációt féken tartani hivatott magas kamatok) által visszafogott keresletet a brazil kormányzat a jóléti kiadások növelésével pótolta.

2003-tól a neoliberális politikai kurzussal szemben kínált, bár azt csak néhány elemében módosító kurzus – a kedvező világgazdasági háttér mellett – megnyitotta az utat a belföldi termelés fellendülése előtt. Az állami költségvetésből a szegényeknek nyújtott feltételes készpénztranszferek megnövelték a belső keresletet, ez serkentette a termelést, ami pedig jótékony hatást gyakorolt a foglalkoztatásra és a bérekre. A programot a szegénység és a társadalmi polarizáció csökkenése, a GDP viszonylag jó növekedése (2003 és 2008 között átlag évi 4 százalék), a külföldi működőtőke növekvő érdeklődése¹⁶ és a 2008-as világgazdasági válsággal szembeni – legalábbis kezdetben – viszonylag jó rezisztencia igazolta.

Hangsúlyozni kell, hogy a Lula-időszak első felében a fellendülést a globális gazdaság felívelése, a nyersanyagok (a Brazília által is exportált olaj, réz, vas, és mezőgazdasági termények) árának emelkedése is fűtötte.¹⁷ Ebben az időszakban (2003-2007 között) a nettó export növekedése is hozzájárult a GDP növekedéséhez. A belpiacot serkentő keynesi elemek tehát önmagukban nem produkáltak volna hasonló eredményt. A gazdasági növekedés ráadásul csak a korábbi időszakhoz képest volt jelentős, nemzetközi összehasonlításban kevésbé, ugyanis messze elmaradt más BRICS-országok ütemétől.

¹⁶ 2006 után Brazília részesedése a világ működőtőke-importjából növekedésnek indult. 2010-re Brazília lett az 5. az FDI-t fogadó országok sorában, 48,4 milliárd dollár külföldi működőtőkét vonzott. UNCTAD WIR Annex Tables Online.

¹⁷ Ld. még SHARMA 2012.

A 2008-as válságra nem új politika, hanem a 2003-2004-ben elindított kurzus erősítése volt a válasz: a csökkenő exportbevételeket a belföldi keresletnek az állami újraelosztással történő további élénkítésével, valamint új felvevőpiacok, mindenekelőtt Kína felé való orientálódással igyekeznek pótolni. A felzárkózást, illetve a centrumországok konjunktúrájától való függetlenedést azonban ez sem hozta meg, mint az néhány évvel a globális válság kirobbanása után már világosan kitűnt.

De lássuk előbb közelebbről a lula-i kurzus lépéseit és eredményeit!

Jövedelem-újraelosztás

A Világbank éppen Brazíliával kapcsolatban hangsúlyozza¹⁸, hogy az egyenlőtlenség befolyásolja a gazdasági fejlődést, az állami politika pedig befolyásolhatja az egyenlőtlenséget. Ennek az összefüggésnek a gyakorlati konzekvenciái jelennek meg a 2000-es évek közepétől folytatott brazil gazdaságpolitika eredményeiben. Az Oxfam keretében készült tanulmány¹⁹ megállapítja, hogy a jövedelemegyenlőtlenség sikeres csökkentésének oka Brazíliában a gazdasági növekedés mellett *az állam újraelosztó tevékenysége*, amely ráadásul a *konzolidálódott demokrácia* körülményei között, a *civil szférával összefogva*, annak ellenőrzése alatt tevékenykedik. A készpénztranszferek belső keresletre, a transzferek nyomában járó javuló iskolázottság foglalkoztatásra és teljesítményre gyakorolt jótékony hatásait a Világbank vagy a WHO egyéb tanulmányai is dokumentálják.²⁰

A brazil gazdaságpolitikai irányváltás az elmúlt két évtizedben egész Latin-Amerikát jellemző változás része.²¹ E változás lényege

¹⁸ WB (2004): p. xvii–xx.

¹⁹ BEGHIN 2008: 4–5.

²⁰ Ld. pl. LOPEZ-CALVA – ROCHA 2012 és SANTOS et al. 2011.

²¹ Ld. bővebben DÖMÉNY 2007.

egyfelől az állam és a társadalom új kapcsolata, másfelől a gazdaság vállalatirányítási módszerekkel történő igazgatásának elutasítása. A vállalatirányítási módszerekkel történő igazgatás – úgy mond – növeli a szegénységet és a társadalmi fragmentációt. Az állam és a társadalom közvetlenebb kapcsolatára épülő, neopopulistának nevezhető irányzat megkülönböztető jegye a jövedelmek „kompenzáló újraelosztása” a korábbi évtizedek strukturális átalakulásának vesztesei számára.²² Az állami kiadások relatív mértéke tehát nem nőtt (1995 óta a GDP 20 százaléka körül van), szerkezete azonban eltolódott a szociális (benne az oktatási, egészségügyi) kiadások felé.²³ A 2008-as világgazdasági válság kirobbanása óta – és ez igaz a latin-amerikai országok többségére – nem csupán fenntartották az aktív szociális és költségvetési politikát, de növelték és egyéb foglalkoztatás-serkentő transzferprogramokkal egészítették ki, erőteljesen irányt véve a gyermekek iskoláztatására és egészségügyi ellátására. Mint az ENSZ szervezete, a Latin-Amerika és Karibi térség Gazdasági Bizottsága (ECLAC) megállapítja: ez az eljárás azt a felismerést tükrözi, hogy éppen a gazdasági visszaesés idején kell a szociális politikákat erősíteni, forrásaikat növelni.²⁴

Lula a mélyszegénység megszüntetésének programjával került az elnöki székbe. Ennek megfelelően elnöksége alatt emelkedett a minimálbér (Brazíliában kb. 24 millió ember kap minimálbért, ami 2014-ben havi 310 dollár, de 2003-ban még 67 dollár volt) és csökkent az alapvető élelmiszerek relatív ára²⁵. Jelentős készpénztranszfer-programokat

²² DÖMÉNY 2007: 13.

²³ A folyamat egész Latin-Amerikára jellemző: a társadalombiztosítási kiadások egy főre jutó értéke 1990-91 és 2007-08 között 445 dollár/főről 880 dollár/főre, GDP-hez mért aránya pedig 12,3 százalékról 18,4 százalékra nőtt. ECLAC (2011): p. 132.

²⁴ ECLAC (2011): p. 132.

²⁵ Az alapvető élelmiszerek árai a bérnövekedésnél kisebb mértékben nőttek.

indítottak el, illetve a korábbiakat kiszélesítették (szociális nyugdíj, idősek, betegek segélyei, gyermekmunka elleni program stb.), amelyek 94 millió embert érintettek. 2004-ben négy program összevonásával és a juttatások kiterjesztésével indult a Bolsa Familia program (átlagosan havi 70 BRL iskoláztatáshoz, egészségügyi kontrollhoz kötött készpénzsegély a gyermekes családoknak), ami 2014-ben már 14 millió családnak, kb. 50 millió emberhez (a 2,5 dollár/nap jövedelem alatt élő brazilok közel 70 százalékához) jutott el. A program költségvetése 2015-ben 27,1 milliárd BRL-t ér el. A szociális transzferprogramokra évről évre növekvő összegeket költenek, s még a 2015-ben szükségessé váló költségvetési megszorítások sem érintik azokat.²⁶

A társadalmi stabilitást és a gazdaságot is segítette továbbá az államapparátus, illetve az ellenőrzés hatékonyságának növelésére hozott intézkedéssorozat (az adóbevételek növekedése, a rabszolgamunka visszaszorítása, nagyobb munkaerőpiaci védelem a dolgozóknak stb.), az agrárcsaládoknak nyújtott szubvencionált hitelek, illetve általában az alacsonyabb hitelkamatok.

Mindennek eredményeképpen a Gini-index évről évre csökkent, 2001 és 2011 között 58,8 százalékról 50,1 százalékra²⁷. Körülbelül 30 millió embert sikerült a szegények közül a középosztályba emelni, a középosztály gyors létszámnövekedésnek indult. A 2003 után következő évtizedben a szegénységi küszöb alatt élők arányát 24 százalékról 9 százalékra, az abszolút szegények (1,25 dollár/fő/nap alatt élők) arányát 10-ről kevesebb mint 4 százalékra sikerült csökkenteni.²⁸

²⁶ TAVENER 2015.

²⁷ LOPEZ-CALVA – ROCHA 2012: 26. és IBGE (2012).

²⁸ World DataBank Online. World Development Indicators, Brazil <http://databank.worldbank.org/data//reports.aspx?source=2&country=BRA&series=&period=#>.

Míg a korábbiakban a háztartások fogyasztásának aránya a GDP-ben folyamatosan csökkent, 2004 után a csökkenés megállt, és az arány lassú növekedésnek indult. Ez a trend a válság alatt és után is folytatódott, miközben az export GDP-hez mért jelentősége gyengült, a behozatal utolérte, majd 2010-től túlszárnyalta a kivitelt. A GDP mindinkább a háztartások fogyasztására támaszkodott, amelyek részesedése a 2004-es 59,3 százalékról 2012 első felére 65,6 százalékra emelkedett. A növekedést 2004 óta növekvő mértékben a belföldi kereslet hajtotta.²⁹

A szociális készpénztranszferekhez szükséges többletforrásokat a növekvő GDP növekvő adóbevételei adták, de a Bolsa Familia-t a Világbank is támogatta 2004-ben 572,2 millió dollár, 2010-ben 200 millió dollár kedvezményes kölcsönrel.³⁰ A korábbi évtizedekben a bevételek újraelosztása nem a szegényeknek kedvezett: a pénz valójában oda áramlott vissza, ahonnan jött – ezt hívják „perverz újraelosztás”-nak. A 2004-től folytatott politika ezen változtatott. A brazil vállalatok az adófizetés előtti profitjuk 69 százalékával felérő összeget fizetnek az államnak adók, járulékok formájában, míg az USA-ban ugyanez az arány csak 46,8, Magyarországon 53,3, Kanadában 29,2 százalék.³¹ Figyelemre méltó továbbá, hogy a jövedelem-, profit- és tőkenyereségadók súlya a brazil állam bevételei között jelentősen (2004 és 2009 között 36 százalékról 45 százalékra) nőtt, ami a szegényprogramok felfutásával együtt a „perverz újraelosztás”-nak a csökkenésére utal.

²⁹ Ld. Oxford Economics (2012).

³⁰ WB (2010).

³¹ Bár egyes latin-amerikai országokban az arány még magasabb (pl. Argentínában 108,2%, Bolíviában 80%) a többi BRICS esetében a brazilnál alacsonyabb: Kínában 63,5, Indiában 63,3, Oroszországban 46,5, Dél-Afrikában 30,5 százalék. WB-PWC (2011): p. 98–100.

Az állam gazdasági szerepe

A brazil állam vállalatrain és a költségvetésből finanszírozott beruházási programjain keresztül is egyre mélyebben avatkozott a gazdaságba. Ennek jele, hogy a központi kormányzat beruházásai 2003 és 2010 között a GDP 0,4 százalékáról 1,3 százalékára nőttek.³²

2005-ben előbb egy kísérleti infrastrukturális programot (PPI), 2007-ben pedig az azóta is futó Növekedésgyorsító Programot (PAC) indították el. Ez utóbbi teljes összege 2007 és 2010 között eredetileg 504 milliárd BRL-t (236 milliárd USD-t) tett ki, amit később, a költség idején még tovább emeltek.

Mindennek köszönhetően, bár a kedvező világgazdasági környezettől természetesen nem függetlenül, a GDP növekedése gyorsult (2007-ben meghaladta a 6 százalékot), 6 millió új munkahely jött létre, a költségvetési hiány menedzselhető volt, a munkanélküliség évről évre csökkent, a külső eladósodottság GDP-hez mért aránya szintén, a folyó fizetési mérleg pedig többletet mutatott. Az export lendületesen nőtt, bár 2004 után GDP-arányos mértéke csökkent, jeléül annak, hogy a növekedés motorja fokozatosan a belpiacra terelődött át: a beruházások súlya a GDP-ben 2003 és 2008 között 15-ről 19 százalékra emelkedett, a lakossági fogyasztás korábban tapasztalt GDP-arányos csökkenése megállt, majd az arány nőni kezdett.

A Lula-féle gazdaságpolitikát viszonylag jól szervezett intézményrendszer segíti. Ez kulcsfontosságú tényező, hiszen az állam – mint Latin-Amerikában általában – hagyományosan túlméretezett és hatékonytalan volt. Az ebből adódó gordiuszi csomót a Lula nevével fémjelzett fordulat új, a lakosságot a kormányzáshoz közelebb hozó intézményrendszer kiépítése vágta át.

³² WB (2009): 15.

Lula egyik legelső lépése a Civil Gazdasági és Szociális Tanács (CDES) létrehozása volt, amely 2002-2003 során széles körű konzultációkra támaszkodva kidolgozta a Nemzeti Fejlesztési Tervet (NDA). Ez a terv foglalta keretbe az új gazdaság- és társadalompolitika teendőit. A **CDES javaslatai tükröződnek a Lula második elnöksége idején beindított két fő programban, a** Növekedésgyorsító Programban (PAC) és az Oktatásfejlesztési Programban (PDE) is. Mindkét program a társadalmi egyenlőtlenségek csökkentését és a marginalizált csoportok integrálását célozza.

2008-ban hozták létre az elnökség mellett működő Stratégiai Bizottságot, a SEA-t, amely a Plan 2022 nevű hosszabb távú fejlesztési tervet tette le az asztalra. A terv középpontjában a természeti és humán erőforrások jobb kihasználása, a szociális és regionális egyenlőtlenségek radikális csökkentése, a termelőalapok integrálása, demokratikusabb, közvetlenebb politizálás és egyben Brazília geopolitikai szerepének növelése áll.³³

A 2008-as válság kezelhetősége szempontjából is fontos változások indultak be a külkereskedelemben. Az ország kiterjedtségének csökkentése végett ugyanis az államapparátus a kereskedelem földrajzi diverzifikálását célzó tevékenységbe fogott, aminek következtében Európa és az USA rovására nőtt Latin-Amerika és különösen Kína szerepe az exportpiacok között³⁴. Emellett megindult a kereskedelmi kapcsolatok szorosabbra fűzése Oroszországgal, Indiával, Dél-Afrikával és az Arab-öböl országaival. Jelentős lépések történtek Afrika irányába is: 2003, Lula elnökké választása óta Brazília afrikai nagykövetségeinek

³³ OSAVA 2010.

³⁴ 2009-re Kína vált Brazília legfőbb kereskedelmi partnerévé, 2010-ben már ide ment a kivitel 15 százaléka, főleg szója, vasérc és olaj. HOFFMANN 2011: 27.

száma megduplázódott (2010-ig 34-re nőtt).³⁵ A latin-amerikai ország Afrikába irányuló exportja 2011-ben a 2001-es szintnek közel kilencszerese, Afrika részesedése a brazil exportból 2012 közepén már meghaladta Németország és Franciaország együttes részesedését.³⁶

Ezeket az irányokat a 2008-as válság hatására még tovább erősítették.

A 2008-as válság hatása és kezelése

Míg a 2008-ban kirobbant világgazdasági válság *közvetlen* hatása viszonylag kicsi volt a brazil gazdaságra, addig a centrumországok gazdaságának elhúzódó pangása már erőteljesen rányomja bélyegét a latin-amerikai országokra is.

A növekedés belső alapjainak megerősödése után érte az országot a 2008-as sokk. Mivel azonban Brazíliában nem alakult ki hatalmas eszkbuborék, és bankszférája viszonylag független maradt a nemzetközi piacoktól, a lakosság és a vállalati szféra eladósodottsága nem nőtt kezelhetetlen mértékűre. A válság tehát „kívülről” érkezett elsősorban az exportpiacok összeszűkülése, valamint a külföldi vállalatok kivonulása és profitkivonása formájában. A fizetési mérleg pozitívból negatívba fordult, a hiány 2008 és 2012 között a GDP 2 százaléka körül alakult (azt követően meglódult, s 2014-ben már 4,4 százalékot tett ki).³⁷

A GDP 2008 végétől 2009 közepéig csökkent, 2009 egészében a csökkenés 0,3 százalékot tett ki. A munkanélküliségi ráta 2009-ben 8 százalék fölé ugrott, de már a következő évben visszatért a korábbi csökkenő pályára. 2010-ben a brazil GDP jelentős ütemben bővült (7,5%), ám 2011-ben a világgazdaság további gyengélkedése, valamint

³⁵ Reuters Africa 2010.

³⁶ TMSA (2012).

³⁷ The World Bank Data, Brazil <http://data.worldbank.org/country/brazil>.

a pénzügyi kormányzat infláció elleni intézkedései a vártnál is nagyobb lassulást eredményeztek. 2011-ben a GDP csak 2,7 százalékkal gyarapodott. A brazil valuta (BRL) 2008 júliusától leértékelődő pályára állt, de ez nem volt elegendő az export fenntartásához. A világpiaci, különösen a mára Brazília első számú felvevőpiacának számító kínai kereslet csökkenése miatt a kivitel 2012-ben visszaesett, a GDP pedig mindössze 0,9 százalékkal nőtt. Tartós fellendülés ezután sem következett be, 2013-ban a gazdaság ugyan 2,7 százalékkal gyarapodott, 2014-ben azonban már csak stagnált (illetve mindössze 0,1 százalékkal nőtt).

2002 után a külső adósság az bruttó nemzeti jövedelemhez képest csökkent, a kormány belföldről, BRL-kötvények kibocsátásával volt képes finanszírozni kiadásait. A közszektor teljes bruttó – és szinte kizárólag belföldi – adóssága a 2008-as válság után némiképpen nőtt, 2012 júliusában a GDP 57,6 százalékát tette ki. A *külső* adósság mindössze a GDP 4-5 százalékával ért fel. A bankok és a vállalati szféra eladósodottsága már jóval nagyobb, így az *ország teljes* külső adósságállománya 2012 júliusában 308 (a vállalatközi hitelekkel együtt 422) milliárd dollár, de még ez is csak a GDP 13 százalékát tette ki, és az erre jutó teljes adósságszolgálati teher volt sem túl nagy (az export 18-20 százaléka).³⁸ A gyors növekedésnek és a felértékelődésre hajlamos nemzeti valutának köszönhetően az ország devizatartalékai a válság után is rendületlenül szaporodtak, 2012 júliusában 376 milliárd dollárra rúgtak, ami kb. 20 havi importra elegendő. 2012 után a növekedés lefékeződése miatt az eladósodottság relatív mértéke nőtt, bár 2015-ben egyelőre még messze van az 1984-es vagy a 2002-es 50 százalék körüli szinttől.

A költségvetési egyenleg a válság hatására romlott, elérte majd meghaladta a GDP 3 százalékát. A romlás egyik fő oka, hogy nem alkalmaztak megszorításokat, sőt kifejezetten növelték az állam

³⁸ Banco Central do Brasil online database, External Sector, Table 51, 51-A, 59.

gazdaságélénkítő kiadásait: 2009-ben a fejlesztési bankon keresztül 100 milliárd BRL (kb. 55 milliárd USD) friss állami hitelpénzt pumpáltak a gazdaságba, ami több mint háromszorosa a 2008-as hitelezési szintnek.

A monetáris politika a krízisre előbb lazítással (kamatcsökkentés), majd az ennek nyomán megugró infláció miatt szigorítással válaszolt, ami azonban az expanzív költségvetés kereslet-stimuláló hatásának jóvoltából nem eredményezte a gazdaság fékezését, még a tervezettnél nagyobb (2009: 5,8%) infláció mellett sem. Az inflációra ügyelő restriktív monetáris politika és a keresletstimuláló expanziós költségvetési politika következtében az infláció fluktuál, de 2014 végéig éves szinten 7 százalék alatt maradt (2014: 6,3%).³⁹

A bankszektor viszonylag stabil, kevés a külföldi bank az országban (a külföldi részesedés az alkotmány alapján a bankszektorban nem haladhatja meg a 20 százalékot), de a válság miatt azért 100 milliárd BRL (kb. 55 milliárd USD) tőkeinjekciót kapott az államtól.

Az igazi válságkezelés azonban az addig folytatott gazdaságpolitika megerősítése volt. Nönek a beruházások az állami vállalatokban, 90 százalékban az energetikai iparban (Petrobrás, Electrobás). Ezen kívül a 2007-ben elindított Növekedésgyorsító Program (PAC) összegét közel 30 százalékkal megemelték (638 milliárd BRL-re), és a 2011-től induló csomagot még az elsőnél is nagyobbra tervezték (2011 és 2014 között 959 milliárd BRL állami és magánberuházás együtt). A 2014 utáni négy évben pedig, már szinte kizárólag az energetika területén, 632 milliárd BRL összeruházásra számítanak, főleg a magántőke részéről. Az állam részesedése mindebből 10-12 százalék.⁴⁰ A fő célterületek a logisztika, az energetika és a társadalmi-urba-

³⁹ The World Bank Data, Brazil <http://data.worldbank.org/country/brazil>.

⁴⁰ Brasil.gov.br. 2012 és MPBM 2012: 14.

nizációs fejlesztés, hat alprogramban.⁴¹ 2015-ben már a PAC 3. fázisa indul. Ez elsősorban széles sávú internethálózat bővítését, valamint a városokat összekötő és a városokon belüli úthálózat fejlesztését célozza.⁴²

Mindezzel azonban a válság és hatása nem múlt el. Sem az évtizedek óta tartó félperifériás fejlődési válság, sem pedig a 2008 óta tartó világgazdasági válság ütötte sebeket nem sikerült begyógyítani. Az ország fejlődését súlyosan hátráltatja a korrupció is, amelynek értékét a GDP 1,4-2,3 százalékára becsülik.⁴³ A fogyasztás, amely a pangó világgazdasági környezetben táplálhatná a termelést, egyelőre stagnál, ami a megemelkedett lakossági hitelállománynak tudható be. Ez pedig a hitellel táplált növekedés korlátaira irányítja a figyelmet. A kormány ennek ellenére még több hitelt, a vállalatoknak még több működőtőkét ígér, alacsonyabb kamatokat, továbbá adókedvezményeket. Ez utóbbiak 2013-ban 6,5, 2016-ig 4 év alatt összesen 14,8 milliárd dollárt tesznek ki.⁴⁴ Ez pedig az állam eladósodását vetíti előre.

Kilátások

Korunk világgazdasági válságának és globális tőkerendszerének kórképét nyújtja, hogy Brazília – és vele más feltörekvő országok, így pl. Kína – növekedési kilátásai 2011-ben ismét romlani kezdtek.

2015-re Brazíliában a stagfláció jelei mutatkoztak: lassuló növekedés mellett gyorsuló áremelkedés: a GDP 2015 egészében valószínűleg nem nő majd. 2015 januárjában az infláció már meghaladta a 7 százalékkolt, ami 12 éve a legmagasabb érték. Ennek következtében a brazil reál értéke a dollárral szemben soha nem látott mélypontra van.⁴⁵

⁴¹ Brasil.gov.br. 2012.

⁴² HEARST 2014.

⁴³ Forbes.com 2013.

⁴⁴ AFP 2012.

⁴⁵ CHANDRAN 2015.

A brazil gazdaság növekedési problémája megegyezik a kínai és indiai gazdaság szimptomájával.⁴⁶ A centrumországok gazdaságának elhúzódó betegeskedése, a globális tőkeértékesülési hosszú ciklus⁴⁷ intenzív szakaszának befulladásá, az új innovációs ciklus indulásának késlekedése miatt nincs, ami táplálja a perifériák extenzív típusú fejlődését. Mindez visszafogja a feltörekvő országok dinamizmusát, megnehezíti számukra a saját gazdasági alapok fejlesztését.

Egy ilyen helyzetben van igazán szükség a belső felvevőpiacra irányuló gazdaságpolitikára, ami éppen ilyenkor igényel extra erőfeszítéseket az állam részéről úgy a tervezés, mint az adminisztráció és a finanszírozás tekintetében. Az állami pénzteremtés és hitelfelvétel miatt ilyenkor fokozott az infláció és az eladósodás veszélye, vagyis a belső majd a külső egyensúlyvesztés, és végül a kettő együtt az ikerdeficit formájában. Ennek jelei Brazília esetében már láthatók is: növekszik mind a költségvetési, mind a fizetési mérleg hiánya.

A válság tehát még nem ért véget, és mindaddig nem is fog, míg a világgazdaság, annak vezető szereplői, a fejlett országok, technológiát nem váltanak (mindenekelőtt a biotechnológia, a nanotechnológia, ezek kombinációi, a környezetipar, a zöldtechnológiák irányába), ezáltal egyrészt beindítva saját növekedésüket, másrészt felszabadítva a már lefutott technológiák piacát a fejlettség szerint utánuk következő országok termelőkapacitásai számára.

Addig is részben lehetőség, részben imperatívusz a félperifériás országok számára, hogy a saját belső termelőerőikben rejlő tartalékokat feltárják és saját gazdasági-társadalmi fejlődésükre fordítsák. Ilyen tartalékokkal még kisebb országok is rendelkeznek, az olyan nagyok esetében pedig, mint Brazília, a lehetőségek még kedvezőbbek.

⁴⁶ Ld. AZZARELLO – PUTNAM 2012.

⁴⁷ Ld. bővebben ARTNER 2014.

Bibliográfia

- ABREU, Marcelo de Paiva – WERNECK, Rogério L. F. (2005). The Brazilian economy from Cardoso to Lula: An interim view. Texto Para Discussão No 504, Departamento de Economia, PUC-Rio, Brazil, Rio de Janeiro <http://www.econ.puc-rio.br/pdf/td504.pdf>.
- ARTNER Annamária (1996). Brazília a felzárkózás útján? Az Ehrlich Éva által vezetett OTKA keretében készült tanulmány, második, bővített változat. Kézirat, MTA VKI, Budapest.
- ARTNER Annamária (2014). Tőke, munka és válság a globalizáció korában. Akadémiai Kiadó, Budapest.
- AZUL, Rafael (2003). Brazil: Lula's first 100 days—austerity for the poor, tax cuts for the rich. WWSWS.org 22 April <http://www.wsws.org/articles/2003/apr2003/braz-a22.shtml>.
- AZZARELLO, Samantha – Putnam, Blu (2012). BRIC Country Update: Slowing growth in the face of internal and external challenges CME Group Market Insights 25 July 2012 <http://www.cmegroup.com/education/files/ed133-market-insights-bric-2012-8-1.pdf>.
- BAER, Werner – GALVÃO, Antonio Fialho, Jr. (2005). Tax Burden, Government Expenditures and Income Distribution in Brazil. CIBER series paper. http://www.business.illinois.edu/Working_Papers/papers/05-0129.pdf
- Banco Central do Brasil online database. Foreign sector data, Fiscal policy data July 2012 <http://www.bcb.gov.br/?ENGLISH>.
- BEGHIN, Nathalie (2008). Notes on Inequality and Poverty in Brazil: Current Situation and Challenges. Background paper to the development of From Poverty to Power: How Active Citizens and Effective States Can Change the World, Oxfam International 2008. <http://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/notes-on-inequality-and-poverty-in-brazil-current-situation-and-challenges-112516>.
- Brasil.gov.br. (2012). Brazil announces phase two of the Growth Acceleration Program. Press release, March 29, 2010 http://www.brasil.gov.br/para/press/press-releases/march/brazil-announces-phase-two-of-the-growth-acceleration-program/br_model1?set_language=en
- CHANDRAN, Nyshka (2015). 'No solution' to Brazil's crisis: Economist. CNBC 11 Feb, <http://www.cnbc.com/2015/02/11/can-monetary-policy-save-brazil.html>.
- DÖMÉNY Zsuzsa (2007). Latin-Amerika balra át!? MTA Politikai Tudományok Intézete, *Műhelytanulmányok*, Digitális archívum (12) 2007/2 ISBN 978-963-7372-50-6 HU ISSN 1787-565X.

ECLAC (2011): Social Panorama of Latin America • 2010 Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC). March 2011 ISBN 978-92-1-121754-4 <http://www.cepal.org/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/1/41801/P41801.xml&xsl=/dds/tpl-i/p9f.xsl&base=/tpl-i/top-bottom.xsl>.

Forbes.com (2013): The Cost Of Corruption In Brazil Could Be Up To \$53 Billion Just This Year Alone. Nov 28 <http://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2013/11/28/the-cost-of-corruption-in-brazil-could-be-up-to-53-billion-just-this-year-alone/>.

Hearst, Chesney (2014): Brazil Set to Implement PAC 3 in 2015: Daily. The Rio Times, February 10, <http://riotimesonline.com/brazil-news/rio-business/brazil-set-to-implement-pac-3-in-2015/#>.

HOFFMANN, Daniel (2011). The impact of the financial crisis in Brazil and Germany: A comparative analysis of distinct developments. Matrícula nº.: 110234953 Universidade Federal Do Rio De Janeiro Instituto De Economia, Sept, 2011 <http://www.ie.ufrj.br/fgr/arquivos/Financiar%20Crisis%20in%20Brazil%20and%20Germany.pdf>.

IBGE (2012). PNAD 2011: bigger growth among lowest income ranges. National Household Sample Survey 2011. http://www.ibge.gov.br/english/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2222&id_pagina=1

IMF (2002): IMF Approves US\$30.4 Billion Stand-By Credit for Brazil. Press Release No. 02/40 September 6, 2002 International Monetary Fund. <http://www.imf.org/external/np/sec/pr/2002/pr0240.htm>.

LOPEZ-CALVA, Luis F. and ROCHA, Sonia (2012). Exiting Belindia? Lesson From The Recent Decline In Income Inequality In Brazil. Poverty, Gender, and Equity Unit Latin America and the Caribbean, The World Bank, April 2012 http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSContentServer/WDSP/IB/2012/06/25/000425970_20120625140209/Rendered/PDF/701550ESW0P1230IC00InequalityBrazil.pdf.

MARQUES, Rosa Maria – MENDES, Áquilas (2007). Lula and Social Policy: In the Service of Financial Capital. Monthly Review, Volume 58, Issue 09 (February). <http://monthlyreview.org/2007/02/01/lula-and-social-policy-in-the-service-of-financial-capital>

MPBM (2012). Federal Budget For Everyone Brasília-DF. The Annual Budget Bill -PLOA, 2012. Ministry of Planning, Budget and Management http://www.orcamentofederal.gov.br/orcamentos-anuais/orcamento-2012-1/ploa-2012/versao_ingles2012.pdf.

OSAVA, Mario (2010). Brazil: Ambitious Development Plan to Cut Inequality. Interpress March 8, 2010 <http://www.ipsnews.net/news.asp?id-news=50591>

Oxford Economics (2012). Brazil. Country Economic Forecast: 25 June 2012. <http://www.oxfordeconomics.com/Free/pdfs/BRAZDB.pdf>

PETRAS, James – VELTMEYER, Henry (2003). Whither Brazil? <http://petras.lahaine.org/b2-img/030321petras.pdf>

Reuters (2012). UPDATE 2 - Brazil current account deficit widens in April, May 24, 2012 <http://www.reuters.com/article/2012/05/24/brazil-economy-external-idUSL1E8GO4QT20120524>

Reuters Africa (2010). Brazil's Lula ends final African tour with new deals. July 8 2010 <http://af.reuters.com/article/topNews/idAFJJOE6670KQ20100708?-pageNumber=1&virtualBrandChannel=0>

RIBEIRO, Marcio Bruno – TEIXEIRA, Joanelio Rodolpho (2001). An econometric analysis of private-sector investment in Brazil. CEPAL Review No 74, Aug 2001 http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/6/19906/lcg2135i_Ribeiro.pdf

RICZ Judit (2014). Developmental state in Brazil: past, present and future. Federalism.it. No. 20, http://real.mtak.hu/18391/1/Ricz%20J._Developmental...Federalismi.it.pdf

SANTOS, Leonor Maria Pacheco et al (2011): The Brazilian experience with conditional cash transfers: A successful way to reduce inequity and to improve health. World Conference on Social Determinants of Health. Rio de Janeiro, 19-21 October, Draft Background Paper http://www.who.int/sdhconference/resources/draft_background_paper1_brazil.pdf

SHARMA, Ruchir (2012). Bearish on Brazil. Foreign Affaris. May/June 2012 Volume 91, Number 3 pp. 80–87.

Tavener, Ben (2015). Brazil to cut \$23B from 2015 budget. 23 May, Anadolu Agency <http://www.aa.com.tr/en/economy/515009-brazil-to-cut-23b-from-2015-budget>

TMSA (2012): Brazil's Africa exports show major growth. Trade Mark Southern Africa. <http://www.trademarksa.org/news/brazil-s-africa-exports-show-major-growth>

UNCTAD WIR Annex Tables Online. <http://archive.unctad.org/Templates/Page.asp?intItemID=5823&lang=.1>

WB (2004). Inequality and Economic Development in Brazil. The World Bank Country Study. The World Bank, Washington, D. C. http://www-wds.worldbank.org/servlet/WDSContentServer/WDSP/IB/2004/10/05/00012009_20041005095126/Rendered/PDF/301140PAPER0Inequality-0Brazil.pdf.

WB (2009). Brazil Federal Public Financial Management Performance. December 2009, The World Bank. http://siteresources.worldbank.org/BRAZIL-LEXTN/Resources/Brazil_PublicManagement_English.pdf

WB (2010). Brazil's Landmark Bolsa Família Program Receives US\$200 Million Loan. The World Bank Press release, September 17 <http://www.worldbank.org/en/news/press-release/2010/09/17/brazils-landmark-bolsa-familia-program-receives-us200-million-loan>

WB-PWC (2011). Paying Taxes 2011. The Global Picture. The World Bank Group, PricewaterhouseCoopers International Limited. <http://www.pwc.com/gx/en/paying-taxes/pdf/paying-taxes-2011.pdf>.

Brazília az újabb történeti irodalomban Magyarországon (O Brasil nos estudos históricos húngaros da atualidade)

Szilágyi Ágnes Judit
ELTE BTK, Budapest

Historiográfiai összefoglalásunkban az utóbbi öt esztendő (2009–2014) tudományos igényű publikációit gyűjtöttük össze. Azokat a történeti tárgyú, magyar nyelven olvasható munkákat, melyek Brazíliával foglalkoznak.

I. Magyar szerzők **monográfiái:**

- Babarcsi Dóra: *Magyar jezsuiták Brazíliában, 1753–1760*, Szeged, SZTE, 2013.
- Öry Kovács Katalin: *A Jaraguá do Sul-i magyar kolónia: identitás és történelem*, Szeged, SZTE, 2010.
- Pongrácz Attila: *A São Pauló-i magyarság, 1945–1990*, Szeged, SZTE, 2009.

II. **Kézikönyvekben** megjelent részfejezetek:

- Miguel Dantas da Cruz: Alkirályságból független állam: Brazíliáról az újabb szakirodalom tükrében (ford.: Szilágyi Ágnes Judit), *Latin-Amerika, 1750–1840, a gyarmati rendszer felbomlásától a független államok megalakulásáig* (szerk.: Semsey Viktória), Budapest, KRE – L'Harmattan, 2013. 537–548. o.
- Rákóczi István: A portugál tengerentúli birodalom, in: *A kora újkor története* (szerk.: Poór János), Budapest, Osiris, 2009. 377–387. o.

- Szilágyi Ágnes Judit: a Brazíliáról szóló alfejezetek (függetlenségi harcok, társadalom, gazdaság, egyház, kultúra), *Latin-Amerika, 1750-1840, a gyarmati rendszer felbomlásától a független államok megalakulásáig* (szerk.: Semsey Viktória), Budapest, KRE – L'Harmattan, 2013. 99–101., 208–210., 217–221., 284–291., 362–369., 401–418. o.

III. **Egyszerzős tanulmánykötetek**, melyekben vannak a brazil történelemmel foglalkozó fejezetek:

- Szilágyi Ágnes Judit: *Metszéspontok – Tanulmányok a portugál és a brazil történelemről*, Szeged, SZTE, 2009.
- Szilágyi István: *Geopolitika*, Pécs, Publikon Kiadó, 2013.

IV. **Konferencia kötetekben** közölt tanulmányok:

- Horváth Gyula: Függetlenség Mexikóban és Brazíliában, *Bicentenario, 1810-2010, Latin-Amerika: a függetlenség útjai* (szerk.: Anderle Ádám), Szeged, 2011. 87–95. o.
- Pólyi Csaba: A függetlenedés brazil útja: okok és következmények, *Bicentenario, 1810–2010, Latin-Amerika: a függetlenség útjai* (szerk.: Anderle Ádám), Szeged, 2011. 67–76. o.
- Rákóczi István: Az indián pajé, a jezsuita atya, a protestáns lelképásztor és az evangelizáló prédikátor. Missziós stratégiák a modernkori Brazíliában az indiánok között, *Conversio* (szerk.: Déri Balázs), Budapest, ELTE BTK VTK, 2013. 449–456. o.
- Szilágyi Ágnes Judit: Változatok a függetlenségre: Argentína, Paraguay, Brazília, Uruguay, *Bicentenario, 1810–2010, Latin-Amerika: a függetlenség útjai* (szerk.: Anderle Ádám), Szeged, 2011. 77–85. o.

V. **Alkalmi kötetekben** megjelent tanulmányok:

- Borbély Anikó: Selmeci bányászok Minas Gerais államban, Brazília egyik legjelentősebb bányavidékén, és a szakmai kapcsolatok

- alakulása a 18-19. század folyamán, *Bányászat és geotechnika – Dr. Somosvári Zsolt 70. születésnapjára* (szerk.: Debreczeni Ákos) Miskolc, Egyetemi Kiadó, 2011. 205–228. o.
- Szilágyi Ágnes Judit: Magyarország és a független külpolitikai törekvéseket övező vita Brazíliában az 1950-es és 1960-as évek fordulóján, *Két világ kutatója – Urbán Aladár 80 éves* (szerk.: Háda Béla et.all), Budapest, ELTE Új- és Jelenkori Egyetemes Történeti Tanszék, 2009. 409–423. o.
 - Szilágyi Ágnes Judit: Kampány vagy építkezés: a brazil oktatásügy régi és új útjai, *Az átmenet egyensúlya – Szilágyi István 60 éves* (szerk.: Ferwagner Péter, Kalmár Zoltán), Budapest, Áron Kiadó, 2010. 343–353. o.
 - Szilágyi Ágnes Judit: A kiterjesztett testvériség – az Atlántida című folyóirat programjának módosulása 1919 tavaszán, *Eszmék, forradalmak, háborúk – Vadász Sándor 80 éves* (szerk.: Háda Béla et.all), Budapest, ELTE Új- és Jelenkori Egyetemes Történeti Tanszék, 2010. 533–541. o.
 - Szilágyi Ágnes Judit: A gazdaság jellemzői a függetlenné váló Dél-Amerikában (Argentína, Brazília, Paraguay, Uruguay), *Háborúk, békék, terroristák – Székely Gábor 70 éves* (szerk.: Majoros István et.all.), Budapest, ELTE Új- és Jelenkori Egyetemes Történeti Tanszék, 2012. 545–559. o.
- VI. **Folyóiratokban** publikált tanulmányok:
- Bánki Éva: „Elevenünkbe vág ez a múltba merülés” – A társadalomleírás esztétikuma: Gilberto Freyre, a szociográfus = ORPHEUS NOSTER 14. (2014/1.) 44–51. o.
 - Horváth Gyula: A brazil expedíciós hadsereg a II. világháborúban = MEDITERRÁN VILÁG 9. (2009) 128–136. o.

- Páli Benedek: Magyar bencés szerzetesek Brazíliában (1931-54) = MEDITERRÁN VILÁG 18. (2010 [2011]) 79–90. o.
- Szilágyi Ágnes Judit: Egyház, vallások és oktatás Brazíliában a függetlenné válás korszakában = VIGILIA 78: 1 (2013) 2–11. o.
- Szilágyi István: A brazil Legfelső Hadi Akadémia: geopolitika és nagyhatalmi szerepvállalás = VALÓSÁG: TÁRSADALOMTUDOMÁNYI KÖZLÖNY 54:3 (2011) 76–90. o.
- Mészáros-szeminárium Brazíliában (Csala Károly ismertetése) = ESZMÉLET 94. (2012. nyár) 26–28. o.
- Boris Fausto: Brazília rövid története (Zelei Dávid ismertetése) = VILÁGTÖRTÉNET 34:1-2 (2012) 166–168. o.

VII. **Fordításban** megjelent írások külföldi szerzőktől:

- Boris Fausto: *Brazília rövid története* (ford.: Pál Zsombor Szabolcs, Tímár Imola), Budapest, Equinter Könyvkiadó, 2011.
- Valerio Arcary: Refromszellem valódi reformok nélkül. Lula kormányzása Brazíliában történeti nézőpontból (2003–2010) (ford.: Racs Marianna) = ESZMÉLET 98. (2013. nyár) 52–68. o.
- Mônica Dias Martins: A részvétel tanulása: Az MST tapasztalata Brazíliában (ford.: Csala Károly) = ESZMÉLET 101. (2014. tavasz) 69–81. o.

VIII. **Honlap**, ahol a brazil történelemre vonatkozóan is olvashatók magyar nyelvű tudományos elemzések:

www.latinamerica.hu *Szegedi Tudományegyetem, BTK*

Francia Nyelvi Tanszék

H-6723 Szeged, Egyetem u. 2–4.